



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

**Mariana Jaco Torres**

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA  
DE ENSINO SUPERVISIONADA**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º  
Ciclo do Ensino Básico

Educar através do Folclore promovendo a identidade e consciência  
histórico-cultural dos alunos: estudo no 1º ano do 1º CEB

Trabalho efetuado sob a orientação do  
Doutor Gonçalo Marques

setembro de 2016



*“A educação e o ensino são as armas mais poderosas para mudar o mundo”*

**Nelson Mandela**



## AGRADECIMENTOS

Num mundo que pede pressa e exige de mim mais do que aquilo que me dá, que não me impeçam de sonhar. O culminar deste projeto envolveu muito esforço, dedicação e persistência em busca da concretização de um sonho de menina. Sem dúvida que este percurso não seria tão feliz, sem a presença de pessoas imprescindíveis na minha vida e que me acompanharam desde sempre. Não poderia deixar de mencionar toda a estima e gratidão que tenho para com as mesmas.

Ao meu caríssimo mentor Professor Doutor Gonçalo Marques, pela transmissão da sua tamanha sabedoria que me orientou ao longo destes meses. Por me dar coragem e apoiar sempre com as palavras certas, e por acima de tudo me demonstrar todos os seus valores pessoais que me sustentaram nesta caminhada. O meu eterno, obrigada.

À Professora Doutora Lina Fonseca, pela marca que deixa neste meu percurso. Por toda a dedicação que tem para com este curso, e o entusiasmo avassalador com que nos transmitiu todos os seus conhecimentos, levando-nos a acreditar num futuro melhor. Muito obrigada.

Àqueles a quem devo a vida, os meus pais, Carlos e Cecília. Por me darem todos os alicerces que necessitei, não só para ingressar neste percurso académico, mas acima de tudo pelo amparo na caminhada da vida. Por serem quem são, dando sempre o melhor de si. O meu amor e a minha gratidão para com eles serão para a vida inteira, mas um pouco deles está aqui, na finalização deste trajeto.

Ao meu irmão David que me viu crescer e me acompanha desde sempre, por saber que estará sempre a meu lado em qualquer circunstância da minha vida. Estou certa que é com orgulho que me vê findar esta etapa da minha vida. À minha cunhada e irmã do coração Elisabete, pelas constantes partilhas envoltas de gargalhadas, por demonstrar gostar de mim e me fazer acreditar num futuro melhor. Aos dois, muito obrigada.

Às minhas sobrinhas, os amores da minha vida Inês e Eva. Que inocentemente me abraçaram, beijaram e me fizeram rir quando o desânimo tomava conta dos meus dias.

Ao Samuel: meu amor, companheiro e melhor amigo. Que me amparou desde sempre com as palavras certas e me deu a força para nunca desistir. Pelas horas de paciência, em que me ouviu sem nunca se cansar ao longo de todos estes anos, e por me fazer acreditar que vale sempre apenas lutar. Muito obrigada.

À minha avó Fátima, por toda a preocupação e coragem. Por me fazer crescer em sabedoria, transmitindo-me através do olhar que a vida dura que ultrapassou em nada se compara aos desaires da minha. A toda esta geração que fez de mim uma pessoa melhor, mas infelizmente, não me viram concretizar esta etapa.

À Joana minha parceira em todo este percurso difícil, mas feliz. Pelas horas de trabalho, ideias mirabolantes e pelas desavenças que nos fizeram crescer. Estou grata por toda partilha que mantivemos nesta aventura.

À Bruna minha amiga e companheira de mesa que seguiu uma rota diferente da minha e mesmo assim sempre me transmitiu as palavras certas. À Diana, Soraia e Liliana, por fazerem parte do início de todo este percurso, por todos os momentos felizes que me fizeram viver nesta casa.

À professora cooperante, alunos e pais que me permitiram realizar toda esta investigação.

À educadora Raquel Amorim, que deixou em mim um dos maiores legados desta jornada. Encontrei nela tudo que um dia anseio conseguir alcançar, a vivacidade, entrega e dedicação que tem para com a sua missão profissional e pessoal são inigualáveis. Obrigada pela oportunidade que me deu.

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.*

*Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”*

Antoine de Saint-Exupéry

***A todos, obrigada!***

## RESUMO

O presente relatório desenvolveu-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, numa turma do 1º ano de escolaridade no distrito de Viana do Castelo, ao longo de catorze semanas.

O estudo surge através de um projeto educativo existente na instituição escolar, onde os alunos têm oportunidade de vivenciar experiências envolta do folclore. Tendo em conta que atualmente as crianças crescem envolvidas numa sociedade em constante evolução, muitos são os valores e contributos de tradições, nomeadamente o folclore, para a formação cultural de cada um. Assim, a investigação que incidiu em 17 alunos, teve como objetivo compreender o contributo que o folclore tem para a construção da identidade e consciência cultural de alunos do 1º ano de escolaridade. Para tal foram definidas as seguintes questões de investigação: 1) Quais as conceções dos alunos relativamente ao folclore?; 2) Que contributo trouxe o presente projeto ao grupo de alunos?; 3) O folclore poderá contribuir para a formação da Identidade Cultural dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Assente no paradigma interpretativo e tendo por base o problema e respetivas questões de investigação, optou-se por uma metodologia de investigação qualitativa baseada numa perspetiva exploratória. A recolha de dados foi feita através de observação naturalista e participante, registos audiovisuais, questionários, entrevista e documentos dos alunos. Para se proceder à análise de dados foram definidas categorias e descritores que permitiram avaliar as conceções, o envolvimento e a formação cultural dos alunos.

Os resultados desta investigação revelaram que o folclore, promove a compreensão da importância do património cultural, apropriando-se de tudo que lhe está inerente, e permite a construção da consciência e identidade histórico-cultural dos alunos.

O papel de professora estagiária permitiu uma constante reflexão sobre todo o processo de intervenção, que proporcionou desenvolver diversificadas aptidões fundamentais na formação de professores.

**Palavras-chave:** folclore; consciência cultural; identidade;





## ABSTRACT

This report was developed about of Supervised Teaching Practice II, of the Master's degree in Preschool Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, a class of the 1<sup>st</sup> grade in Viana do Castelo district, to over fourteen weeks.

The study comes from an existing educational project in school where students have to opportunity to have contact with Folklore and its cultural influence. Given that currently the children grow up involved in a constantly evolving society, many are the values and contributions of traditions in particular folklore for cultural formation of each. So research aimed at understanding the contribution that folklore has for the construction of identity and cultural awareness of students of the 1st grade. For this defined the following research questions: 1) What is the student's opinion about Folklore?; 2) What contribution brought this project to the group students?; 3) Folklore may contribute to the formation of the cultural identity of the students 1<sup>st</sup> cycle of basic education?

Based on the interpretative paradigm and on the basis of the problem and the respective research questions, we chose a qualitative research methodology based on an exploratory perspective. Data collection was done through naturalistic and participating observation, from audio and video recordings, questionnaires, interviews and documents of the students. To make the analysis of the data, categories and descriptors were defined that allowed evaluating diverse aspects of the study.

The results of this research revealed that the Folklore, promotes understanding of the importance of cultural heritage and allows the construction of consciousness and historical and cultural identity of the students.

The role of trainee teacher allowed a constant reflection on the whole intervention process, which allowed to develop diversified fundamental skills in teacher training.

**Keywords:** folklore; cultural consciousness; identity;



## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	i
RESUMO .....	iii
ABSTRACT .....	v
NOTA INTRODUTÓRIA .....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA SUPERVISIONADA.....	3
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO .....	5
Caracterização do meio local .....	5
Caracterização do contexto escolar .....	6
Caracterização da sala .....	7
Caracterização da turma .....	8
Áreas de intervenção .....	10
CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.....	15
ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA .....	17
Problema e questões de investigação .....	19
REVISÃO DE LITERATURA.....	20
Cultura .....	20
O papel da Escola e do Professor .....	22
Uma definição de folclore .....	24
O folclore no Alto-Minho .....	25
Educando através do folclore .....	27
A importância do Património para a construção da Identidade e Consciência histórico-cultural.....	29
METODOLOGIA .....	33
Opções metodológicas .....	33
Aula-Oficina .....	35
Participantes .....	36
Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	37

Observação .....	38
Registos audiovisuais.....	39
Desenhos dos alunos .....	39
Questionários.....	40
Entrevista .....	41
Intervenção Educativa .....	42
Procedimentos de análise de dados .....	44
Categorias de análise.....	46
Calendarização do estudo .....	49
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....	51
Entrevista ao mentor do Projeto - O Projeto de danças tradicionais folclóricas na escola.	51
Análise à entrevista .....	53
Questionários aos Encarregados de Educação .....	55
Reflexão sobre a visão dos Encarregados de Educação .....	59
Atividade 1: O que sei sobre o folclore.....	60
Reflexão sobre a exploração da atividade .....	60
Análise da atividade .....	61
Atividade 2: Com o folclore aprendo a...? .....	68
Reflexão sobre a exploração da atividade .....	68
Análise de atividade .....	69
Atividade 3: Os trajes tradicionais .....	76
Reflexão sobre a exploração da atividade .....	76
Análise da atividade .....	77
Atividade 4: As letras das músicas tradicionais .....	81
Reflexão da exploração da atividade.....	81
Análise da atividade .....	82
Atividade 5: O que aprendi sobre o folclore.....	85
Reflexão da exploração da atividade.....	85

Análise da atividade .....	86
Síntese da análise às entrevistas.....	93
Síntese da análise de dados.....	95
CONCLUSÕES .....	97
Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações.....	102
CAPÍTULO III – REFLEXÃO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA I E II.....	103
Bibliografia .....	113
ANEXOS .....	117
Anexo 1 – Planificação de Referência .....	119
Anexo 2- Pedido de autorização aos encarregados de educação para a participação dos seus educandos no estudo .....	133
Anexo 3 – Questionário aos Encarregados de Educação .....	135
Anexo 4- Entrevista ao mentor do projeto.....	137
Anexo 5 – Guião da Entrevista final aos alunos.....	139
Anexo 6- Transcrição da entrevista ao mentor do projeto .....	141
Anexo 7 – Desenhos dos alunos .....	145
Anexo 8 – Relatos das entrevistas finais aos alunos .....	147



## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Momentos chave da técnica Aula-Oficina.....	36
<b>Figura 2:</b> Desenho da aluna AM .....	63
<b>Figura 3:</b> Desenho da aluna MC .....	63
<b>Figura 4:</b> Desenho da aluna J .....	63
<b>Figura 5:</b> Desenho do aluno R.....	63
<b>Figura 6:</b> Desenho do aluno F.....	63
<b>Figura 7:</b> Desenho do aluno T.....	65
<b>Figura 8:</b> Desenho do aluno E.....	70
<b>Figura 9:</b> Desenho do aluno AM .....	71
<b>Figura 10:</b> Desenho da aluna J .....	72
<b>Figura 11:</b> Desenho da aluna LC .....	73
<b>Figura 12:</b> Desenho do aluno R.....	74
<b>Figura 13:</b> Apresentação dos diferentes trajes pela professora investigadora .....	76
<b>Figura 14:</b> Apresentação dos diferentes componentes do traje pela professora investigadora ..	78
<b>Figura 15:</b> Letra da música criada pelo grupo.....	83
<b>Figura 16:</b> Alunos a transcrever a letra da música .....	84
<b>Figura 17:</b> Desenho do aluno MG .....	145
<b>Figura 18:</b> Desenho do aluno AI.....	145
<b>Figura 19:</b> Desenho do aluno A .....	145
<b>Figura 20:</b> Desenho da aluna D .....	145
<b>Figura 21:</b> Desenho da aluna B.....	145
<b>Figura 22:</b> Desenho da aluna MV .....	145
<b>Figura 23:</b> Desenho da aluna L .....	146
<b>Figura 24:</b> Desenho da aluna LC.....	146
<b>Figura 25:</b> Desenho da aluna M .....	146
<b>Figura 26:</b> Desenho do aluno G .....	146
<b>Figura 27:</b> Desenho do aluno E.....	146





## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Categorias de análise .....	46
<b>Quadro 2:</b> Calendarização do estudo .....	50
<b>Quadro 3:</b> Número de alunos por categoria na 1ª atividade .....	67
<b>Quadro 4:</b> Número de alunos por categorias na 2ª atividade .....	75
<b>Quadro 5:</b> Número de alunos por categorias na 3ª atividade .....	81
<b>Quadro 6:</b> Número de alunos por categorias na 4ª atividade .....	85
<b>Quadro 7:</b> Número de alunos por categorias na 5ª atividade .....	94
<b>Quadro 8:</b> Quadro síntese da evolução dos alunos por níveis de desempenho das categorias e análise .....	95

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Descrição da intervenção educativa .....	42
<b>Tabela 2:</b> Ligações entre as questões de investigação, métodos e categorias de análise .....	48

## ABREVIATURAS

PES- Prática de Ensino Supervisionada

INE – Instituto Nacional de Estatística



## NOTA INTRODUTÓRIA

O presente relatório surge com o culminar do Mestrado de Educação Pré-escolar e ensino do 1º ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II. Tem como principal objetivo refletir acerca do percurso desenvolvido ao longo desta prática pedagógica, na qual se desenvolveu um projeto de investigação na área de Estudo do Meio Social.

Sendo certo que nos dias de hoje, vivemos rodeados de novas tecnologias e as novas gerações têm acesso a uma sociedade em constante evolução, nem sempre é possível compreender o verdadeiro sentido das tradições dos nossos antepassados. Assim, procurou-se entender de que forma pode o folclore contribuir para a construção da identidade e consciência cultural de alunos do 1º ano de escolaridade, partindo de uma experiência inovadora de integração do meio local no contexto escolar.

Este relatório está organizado em três capítulos principais, que serão descritos de seguida.

No primeiro capítulo apresenta-se a caracterização do contexto educativo, nomeadamente, o meio local, a sala e turma. São ainda espelhados os conteúdos abordados ao longo da intervenção, bem como algumas estratégias e explorações realizadas.

No que concerne ao segundo capítulo, este aborda todo o trabalho de investigação realizado e está subdividido em diversas secções. Num primeiro momento é apresentada a pertinência do estudo, o problema e questões de investigação. Segue-se a fundamentação teórica onde é mostrada a revisão literária, com a qual é sustentada cientificamente e pedagogicamente este trabalho de investigação. Posteriormente é referenciada a metodologia adotada, bem como, opções metodológicas, a caracterização dos participantes e instrumentos de recolha de dados, para que de seguida sejam apresentados os dados e análise dos resultados obtidos. Este capítulo finda com as conclusões do estudo.

Relativamente ao terceiro capítulo, este fecha o relatório com uma reflexão sobre todo o percurso efetuado no decorrer do Mestrado, em contexto de pré-escolar e do Ensino Básico do 1º ciclo, sendo que este último coincidiu com o trabalho de investigação efetuado.



## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA SUPERVISIONADA**

---



## **CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO**

No presente capítulo apresenta-se a caracterização do contexto educativo onde decorreu a PES II, tendo em conta não só os alunos e respetiva sala, bem como a caracterização do meio local envolvente. Por fim serão também abordadas as áreas de intervenção e respetivos conteúdos.

### **Caracterização do meio local**

O centro escolar no qual se desenvolveu a PES II, é um dos estabelecimentos pertencente a um agrupamento de escolas do concelho de Viana do Castelo. Este concelho situa-se no extremo do litoral Norte do território continental português, sendo delimitado a norte pelo município de Caminha, a leste por Ponte de Lima, a sul por Barcelos e Esposende e oeste pela vasta orla costeira (com aproximadamente 24km). O mesmo possui aproximadamente 318,6 km<sup>2</sup> e cerca de 91.000 habitantes, sendo que apenas 41.000 habitam na cidade de Viana do Castelo, segundo os Censos 2011 (INE, 2011).

Este concelho era composto por 40 freguesias, contudo, tendo em conta a recente reestruturação passaram a ser 27 freguesias. Sendo esta uma das freguesias pertencentes a este concelho, importa agora conhecer alguns aspetos essenciais sobre a mesma.

A freguesia onde se procedeu à referente prática pedagógica está inserida num contexto rural, sendo as atividades principais agricultura, indústria têxtil e pequeno comércio. Possui, portanto, pelo facto de ser uma freguesia predominantemente rural, uma grande conexão ao seu património cultural, que passa pela forte ligação à religião católica, sendo por isso a Igreja Paroquial, capelas e cruzeiro um marco importante deste local. Aliando ainda que é uma freguesia muito afamada pelas suas coletividades, nomeadamente, o seu Grupo Folclórico, internacionalmente reconhecido e ainda a sua ligação ao artesanato, sendo um local muito conexo aos bordados tradicionais. Para além disto, a existência de grandes valores paisagísticos destacados pelas lindas margens desta freguesia, delimitadas pelo rio Lima, potenciam e privilegiam a beleza natural deste local. Contudo, nos últimos anos este local está em crescente desenvolvimento, com a criação de novas infraestruturas influentes em setores indispensáveis como a educação, saúde, comércio e habitação.

Esta é uma freguesia que permanece ativa e jovem, pela existência de diversas associações, festividades e eventos que atraem um maior número de pessoas.

## **Caracterização do contexto escolar**

O referido centro escolar pertence a um agrupamento de escolas com um vasto número de jardins-de-infância, escolas do 1º ciclo e ainda uma escola de 2º ciclo e secundário. Relativamente ao edifício deste centro escolar saliento desde já que o mesmo é recente e incorpora não só 1º ciclo do Ensino Básico, bem como jardim de infância. Por ser um local relativamente recente, apresenta-se com condições bastante boas e com uma grande população educativa.

Enumerando desde já o espaço exterior, este é bastante amplo, com muito espaço para brincadeiras ao ar livre, um local propício à prática de exercício físico (campo de jogos), espaços verdes e um pequeno parque infantil (utilizado pelo jardim de infância).

O edifício é composto por dois pisos, no rés-do-chão encontra-se o refeitório, local bastante amplo e muito organizado, tendo em conta que grande parte da comunidade educativa utiliza este local na hora do almoço. A hora da refeição procede-se por turnos relativamente ao jardim de infância e o 1º ciclo, sendo que as crianças do jardim almoçam a partir das 12h e os alunos do 1º ciclo apenas depois das 12h30. Ainda no mesmo piso, existe a sala de professores, bem como uma sala anexa, com fotocopiadora, computador, entre outros materiais necessários aos docentes. Também no rés do chão há acesso ao polivalente, local onde se encontram diversos materiais ligados à prática desportiva como: bolas, tapes, colchões, cones, cordas, bancos suecos, entre outros. Junto a este espaço estão duas casas de banho, biblioteca/sala de computadores e duas salas utilizadas pelo jardim de infância.

Já no 1º andar, existem 7 salas destinadas aos alunos do 1º ciclo, quatro casas de banho (uma para meninos, outra para meninas, uma para professores e por fim uma destinada a pessoas portadores de deficiência), duas salas de arrumos, uma arrecadação e uma sala de reuniões.

No que se refere a recursos que apoiam as diferentes áreas disciplinares, a escola possui diferentes materiais pedagógicos, sobretudo na área da Matemática, sólidos, dados, jogos, material multibase, material cusinaire, entre outros.

Este centro escolar conta com um grande número de docentes e colaboradores: uma educadora, sete titulares de turma (incluindo o coordenador da escola), três professores com dispensa de turma e que por este motivo se mantêm neste centro, dando apoio aos restantes professores titulares, existem também quatro professores de apoio e um professor de educação especial. No que concerne ao pessoal não docente existem três assistentes do ministério, uma assistente técnica, duas cozinheiras, uma assistente operacional e três tarefeiras. Todas estes



elementos colaboram mutuamente entre si, mantendo este centro um local bem organizado e funcional.

Importa ressaltar que com este centro escolar colabora uma professora de música que se dirige em alguns dias ao jardim de infância, de acordo com um projeto existente com a Câmara Municipal, bem como a existência de outros professores que trabalham com as turmas após o horário escolar, nas atividades de enriquecimento curricular (AEC), estes professores encontram-se distribuídos pelas diferentes turmas, em dias específicos.

Este estabelecimento de ensino cumpre um horário de funcionamento compreendido entre as 9h e as 12h30, e das 14h às 16h correspondentes às horas de instrução curricular habitual, sendo que das 16h30 às 17h30 os alunos têm a oportunidade de participar nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), sendo as mesmas de índole facultativa.

### **Caracterização da sala**

A prática pedagógica decorreu numa turma do 1º ano, importa salientar que a sala é ampla e bastante iluminada servido através de luz natural, devido às extensas janelas, o que permite também uma adequada circulação do ar. Possui também aquecedores, o que favorece muito durante o inverno.

Ao nível da organização da sala, nomeadamente as mesas de trabalho e assentos, estes encontram-se dispostos em formato “U”, na parte inferior as mesas possuem uma pequena prateleira, onde os alunos colocam o seu material mais recorrente como cadernos, livros e material de escrita. Esta disposição permite que possa existir um ambiente de aprendizagem adequado, facultando aos alunos e docente facilidade de comunicação e um nível de visionamento entre si adequado.

Na parte frontal da sala encontra-se o suporte de comunicação, um quadro branco, junto a este existe uma secretária e computador disponíveis para a professora. Do lado oposto encontra-se um pequeno lavatório que serve de apoio à turma, a nível de necessidades básicas, como beber água e lavar as mãos. Na parte posterior da sala há uma parede ampla, coberta com um quadro de cortiça em toda a sua extensão, no qual são expostos alguns trabalhos das crianças ou materiais de apoio ao estudo.

A sala está ainda composta com armários de arrumação, nos quais estão disponíveis diversificados materiais de apoio ao docente, como ábacos, jogos matemáticos, figuras

geométricas, material multibase, entre outros. Para além disso, estão aqui guardados alguns materiais dos alunos menos usuais como, cartolinas, plasticinas, materiais de desenho pintura.

### **Caracterização da turma**

A turma na qual se desenvolveu a PES II pertence ao 1º ano de escolaridade sendo composta por 17 alunos, 8 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Esta turma tem alunos com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos à data, o que significa que alguns dos alunos (quatro), apenas completavam 6 anos entre o dia 15 de setembro e dezembro. Esta turma é composta na sua maioria por crianças que pertenciam ao jardim de infância desta mesma instituição, sendo que apenas 7 são oriundas de uma outra instituição.

Importa ressaltar desde já que nesta turma não existem casos de crianças com necessidades educativas especiais. Contudo importa salientar, que existe uma criança sinalizada com hiperatividade, embora ainda não se encontre bem definida até ao momento.

Ao nível das habilitações literárias dos pais da turma em análise, destaca-se o Ensino Básico, nomeadamente, o 9º ano uma vez que nove dos progenitores possuem esta habilitação. Logo de seguida surgem sete pais licenciados, seis com o 12º ano, quatro com o 6º ano, dois mestres e os restantes possuem habilitações entre 4º, 5º e 7º ano de escolaridade. Contudo é de destacar que não existem dados acerca das habilitações de três pais.

Relativamente à situação profissional destacam-se profissões como, professores, operadores de máquinas, empregados de mesa, sendo os restantes pertencentes à área do comércio. Segundo os dados cedidos no início do ano letivo, todos os pais se encontravam em trabalho ativo, ou seja, nenhum se encontrava em situação de desemprego.

De um modo geral esta é uma turma que apresenta alunos com grandes capacidades, são interessados e participativos. Contudo, tendo em conta que este ano marca a passagem entre o pré-escolar e o 1º ciclo, denota-se ainda algumas dificuldades a nível de concentração, bem como a níveis comportamentais. As crianças apresentam algumas dificuldades em estar sentadas, solicitando constantemente idas à casa de banho ou alegando a necessidade de beber água. Considero ainda que o facto de terem ao seu dispor um novo leque de materiais escolares, e os mesmo se encontrarem diante dos seus olhos durante as aulas, faz com que muitas vezes se distraiam. São crianças um pouco faladoras, mas de um modo geral participam ativamente nas tarefas propostas, gostam de responder a questões colocadas pela professora, embora seja

visível as dificuldades que apresentam em conseguir respeitar as regras de interação, não conseguindo esperar pela sua vez ou conceder a resposta quando não lhes é solicitado.

No que se refere às áreas disciplinares de um modo geral os alunos encontram-se motivados para todas as áreas. Salientando especificamente cada área, na Matemática verifica-se um grande interesse por todo a turma, revelando grande vontade na resolução de exercícios, decompor números, interpretar tabelas, entre outros. As maiores fragilidades são a nível das definições de lateralidade e explicitação do seu raciocínio, ou seja, demonstram ainda dificuldade em esclarecer o modo como pensaram, não esclarecendo o porquê da sua resolução.

No que concerne à área da Língua Portuguesa, tratando-se de uma turma do 1º ano os alunos encontravam-se à data da investigação a iniciar a aprendizagem de leitura e escrita, sendo que já são capazes de ler e escrever pequenos textos com frases simples. Nesta área alguns alunos começavam a demonstrar algumas dificuldades no que diz respeito a letras com dois valores fonológicos (por exemplo, r e g), não conseguindo distinguir o contexto de utilização de cada um dos sons. Outra das fragilidades de alguns dos alunos, prende-se pelas suas dificuldades a nível da motricidade fina, necessitando de muito tempo para conseguir “desenhar” corretamente a letra.

Quanto ao Estudo do Meio, esta é uma área que agrada a todo o grupo, sendo que todos se encontram motivados para todos os conteúdos abordados, não apresentando até então dificuldades. É por excelência a área para a existência diálogo e partilha de vivências entre pares, revelando-se por isso do agrado de toda a turma. Também as atividades em grande grupo são uma mais valia para desenvolver com este grupo e sobretudo em temáticas subjacentes à área de Estudo do Meio pelo cariz dos seus conteúdos.

No que diz respeito às áreas das Expressões (Musical, Motora, Dramática e Plástica) são todas do agrado das crianças. Destaco que a nível da Educação Musical a turma tem o privilégio de uma vez por semana ter uma sessão com uma professora da Academia de Música de Viana. Anoto ainda que a nível da Expressão Motora apresentam algumas dificuldades de destreza motora, em exercícios que desafiam o equilíbrio, saltos com um pé e ainda pequenas tarefas de habilidades com manuseamento de bolas.

Tendo em conta todos estes fatores, foi fundamental desde logo adotar estratégias e uma metodologia que se centre nos interesses e fragilidades dos alunos, procurando sempre motivar e criar um espaço facilitador para as aprendizagens.

## Áreas de intervenção

Todo este processo de estágio iniciou-se com três semanas de observação, que detiveram uma grande pertinência e importância. Ao longo da observação foi possível conhecer as estratégias de ensino adotadas pela professora cooperante, bem como conhecer o grupo de alunos, fazendo um levantamento dos seus interesses e necessidades.

Esta observação permitiu que o trabalho posterior de planificação e preparação das aulas, que se desenvolveu em cooperação, ficasse mais facilitado. Anoto ainda que a professora cooperante cedeu desde logo os conteúdos a lecionar ao longo de toda a PES II. As restantes semanas foram de intervenções para o par pedagógico, que ocorreram de forma individual. As professoras estagiárias alternavam entre si as regências ao longo de dez semanas, por um período de três dias semanais (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira), excluindo a 5ª e 10ª semanas onde houve oportunidade de experienciar e intervir durante uma semana completa.

Todo o processo de planificação das sessões, como já referido, foi efetuado através de um trabalho prévio, conjunto entre as professoras estagiárias, no qual era decidido juntamente com a professora cooperante os tópicos abordar em cada sessão e a melhor abordagem para cada um dos conteúdos e áreas. Posteriormente, todo este processo passava também pelos professores supervisores da Escola Superior de Educação (ESE), que analisavam toda a planificação, corrigindo-a e fornecendo indicações de melhoria. Destacam-se de seguida os domínios e conteúdos abordados nas distintas áreas ao longo deste percurso.

Na área da Matemática foram trabalhados os diferentes domínios: Números e Operações, Geometria e Medida e Organização e Tratamento de Dados. Segundo os domínios apresentados foram explorados diferentes conteúdos, relativamente ao primeiro foi explorado com a turma os números naturais, sistema de numeração decimal, adição e subtração. Quanto ao segundo domínio os conteúdos abordados foram: figuras geométricas e medida, nomeadamente o tempo. Quanto ao domínio Organização e Tratamento de Dados, foi abordado em sala de aula a representação de dados.

Desde já saliento que todos estes conteúdos foram trabalhados utilizando muitas vezes como recurso diversificados materiais didáticos como, moldura do 10, colar de contas, material cuisenaire, figuras geométricas, entre outros. Pretendemos assim criar aulas mais lúdicas e dinâmicas, permitindo que todos os alunos se motivassem para as novas aprendizagens de forma mais significativa.

Tendo em conta os aspetos apontados anteriormente quanto a esta área, desde cedo que procuramos criar atividades que incutissem a estimulação do raciocínio do grupo, não

limitando os exercícios a apenas uma resolução, deste modo o uso de diferentes estratégias e modos de pensamento permitiu que compreendessem que o modo como pensamos não deve ser estanque. Esta estratégia permitiu também a partilha em grande grupo, onde os alunos se habituaram desde cedo a explicitar o seu raciocínio e compreender outros modos de pensar. Facto este assinalado pela Brochura da Experiência Matemática no Ensino Básico que refere que, “uma comunicação na sala de aula baseada na partilha de ideias matemáticas, permite a interação de cada aluno com as ideias expostas para se poder apropriar delas e aprofundar as suas.” (Boavida, Paiva, Cebola, Vale, & Pimentel, 2008, p. 61).

Relativamente à Língua Portuguesa foram explorados os seguintes domínios: Oralidade, Leitura e Escrita e Iniciação à Literacia. Deste modo, foram vários os conteúdos lecionados: interação discursiva, princípio de cortesia, compreensão e expressão, vocabulário: alargamento, expressão de ideias e pensamentos, consciência fonológica e habilidades fonémicas, consciência silábica, sensibilidade fonológica, consciência fonémica, alfabeto e grafemas, letras maiúscula e minúscula, compreensão de texto, produção escrita, frases simples, legendas de imagens, pequenos textos, audição e leitura, obras de literatura para a infância, compreensão do texto, rima, reconto e memorização e recitação: trava línguas e lengalengas.

Esta área, sem dúvida que foi aquela com maior destaque a nível de estratégias e métodos de ensino, isto porque o ensinamento de letras propicia a isso mesmo. É fundamental ter consciência da importância da consciência fonológica nestas idades, assim juntamente com o meu par pedagógico, tivemos a preocupação semanal de recorrer a diferentes atividades/jogos para trabalhar este tema, tendo sempre por base o método adotado pela professora cooperante, o método de Jean Qui Rit. Privilegiamos também a criação de recursos que permitissem ser utilizados ao longo de todas as intervenções, por exemplo, o quadro silábico, através do qual os alunos reconheciam mais facilmente as sílabas das novas letras; a criação do “saco silábico”, cada aluno possuía o seu saco que continha cartões com as diferentes sílabas aprendidas, com os mesmos era possível criarem palavras e pequenas frases.

Conseguimos por isso perceber ao longo das semanas, que muitas das dificuldades detetadas inicialmente se começavam a dissipar, muito graças a este trabalho de habilidade fonémica. Esta foi sem dúvida uma área muito privilegiada e na qual se notou mais evolução no grupo, a descoberta de novas palavras, a construção de frases e por fim criar pequenos textos com frases simples.

Abordando agora a área de Estudo do Meio, denoto que nesta a nível do *Bloco 1- À descoberta de si mesmo* foram lecionados conteúdos relacionados com: a saúde do seu corpo-

reconhecer e aplicar noemas de higiene do corpo; reconhecer a importância de posturas corretas do exercício físico e do repouso para a saúde (estar bem sentado, brincar ao ar livre, deitar cedo...), a segurança do seu corpo – conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (caminhar pela esquerda nas estradas, atravessar nas passadeiras, respeitar os semáforos...); conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos; cuidados a ter com objetos e produtos perigosos; cuidados a ter com a eletricidade, o seu passado próximo – Descrever a sucessão de atos praticados ao longo do dia, da semana; localizar numa linha do tempo; estabelecer relações de anterioridade, posteridade e simultaneidade, as suas perspetivas para o futuro próximo. No concerne ao *Bloco 2- À descoberta dos outros e das instituições*, abordamos os membros da família, as diferentes famílias, identificar com quem vive, estabelecer relações de parentesco; outras pessoas com quem mantém relações próximas: amigos; a sua escola- conhecer horários, regras de funcionamento; participar na organização do trabalho da sala; participar na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma; o funcionamento da sua escola – conhecer direitos e deveres dos alunos, professores e pessoal auxiliar.

Sendo esta uma área que cativa todo o grupo, facilmente estes conteúdos foram trabalhados, utilizando diferentes estratégias, de realçar que era sobretudo nesta área que eram feitos os trabalhos de grupo, que permitiu que a turma compreendesse a importância de ouvir os colegas e partilhar ideias. Foram também utilizados muitos trabalhos manuais, a nível da expressão plástica e que por isso foram do agrado da maioria.

Realçando por fim a área das Expressões, destaca-se uma vez mais, que a nível da Expressão Musical esta área era abordada por uma professora exclusiva. Assim esta área era menos espelhada ao longo das planificações muito devido à falta de tempo e que por isso conciliou-se com as restantes atividades, por exemplo a música era utilizada na introdução de novas letras. O mesmo se procurou fazer com a Expressão Plástica, que foi sempre mais utilizada que a musical, de modo a ir de encontro às expectativas dos alunos.

No que concerne à área de Expressão Físico-Motora, parte do horário curricular definido para a mesma, era ocupado com um projeto com a Escola de Folclore da freguesia, onde os alunos uma vez por semana aprendiam a dançar danças tradicionais folclóricas. Contudo, dentro do tempo disponível procuramos trabalhar esta área, neste sentido os blocos trabalhados foram: *Bloco 1- Perícia e Manipulação* (manipulação de bolas, arcos, cordas), *Bloco 2- Deslocamentos e Equilíbrios* (diferentes formas de locomoção, correr, saltar, rastejar, rolar, fazer a cambalhota, deslizar), *Bloco 4- Jogos* (praticar diversificados jogos infantis: rabo da raposa,

rato congelado, deslocamentos em corrida com fintas e mudanças de direção, posições de equilíbrio, lançamentos de precisão à distância, pontapés de precisão e à distância) e o *Bloco 6 – Atividades Rítmicas Expressivas* (exploração de movimentos em diversos ambientes musicais).

De realçar que estes eram momentos propícios a alguma desordem, pelo que era mais complexo gerir a turma, contudo, era possível avaliar os alunos a vários níveis. Por exemplo, jogos ligados à matemática onde cada vez que era dito um número os alunos teriam que formar conjuntos com os seus colegas, de acordo com o número proferido. Nesta área procurou-se também trabalhar habilidades simples como o equilíbrio, saltos e manipulação de objetos pois algumas crianças mostravam-se “limitadas” a estes níveis o que tem consequências à altura da motricidade fina.

Denoto que ao longo de todo o estágio a articulação entre as áreas foi uma preocupação constante cada vez que se planificava, pois, “os progressos conseguidos, na convergência de diferentes áreas do saber, vão assim concorrendo para uma visão cada vez mais flexível e unificadora do pensamento” (Ministério da Educação, 2004, p.23). Foi contribuindo para esta visão que se procurou preparar atividades com articulação disciplinar. Como exemplo disso aponta-se uma das planificações (anexo 1).

Através da planificação de referência, verifica-se que a mesma diz respeito à primeira semana do mês de dezembro, que desde logo nos recorda as festividades associadas a este, particularmente o Natal. Assim, esta foi a temática subjacente às atividades propostas ao longo de toda a semana de intervenção e que estendemos a todas as áreas e conteúdos abordados.

Para despoletar a abordagem ao tema, foi utilizada uma história “Ninguém dá prendas ao Pai Natal” de Ana Saldanha, contudo seguindo uma linha de trabalho que não se propusesse apenas ao conto, foi feita uma atividade de pré-leitura. Foram apresentados diversificados elementos da história: um Pai Natal, um presente, um sapato de cristal, um rato e uma bruxa. Assim foram os alunos a imaginar o que tratava a história, acabando por criar uma história através dos objetos e só posteriormente a mesma foi lida. Deste modo, vemos subjacente a área de Língua Portuguesa, concretamente o domínio da Educação Literária, trabalhado através da fase de pré e pós- leitura.

Já na área da Matemática, através do livro explorado anteriormente, foram desenvolvidas diversificadas tarefas, onde as crianças, através das personagens e objetos, efetuaram diversificadas contagens, adições e subtrações. As mesmas procuraram dar oportunidade aos alunos de criar diferentes linhas de pensamento, para que visionassem os problemas propostos de diferentes formas.

Ainda a concorrer para esta temática em Expressão Plástica, os alunos foram desafiados a decorar a sala com um calendário do advento feito por eles, onde cada aluno teria um envelope (ou mais) que corresponderia a cada um dos dias do mês de dezembro. Nesta atividade vemos interdisciplinaridade com as áreas de Matemática e Estudo do Meio através da sequência dos dias (números), das semanas e dias da semana, onde foram sendo colocadas diversas questões para que as noções temporais pudessem ser aqui exploradas.

Também nesta semana na área de Expressão Dramática os alunos foram desafiados a retratar diferentes momentos da história que havia sido apresentada para que os seus colegas tentassem compreender e decifrar qual o momento que estavam a recontar. Aqui para além da Expressão Dramática vemos também subjacente a área da Língua Portuguesa, na qual se pretende desenvolver a capacidade de reconto de histórias ouvidas.

Concluindo, considera-se que ao longo das semanas de intervenção as necessidades e os interesses dos alunos foram sempre fulcrais na hora de planificar e é importante ter em atenção que estes são aspetos que se vão modificando ao longo dos tempos. Outro aspeto fundamental prende-se pelo facto de ter existido a necessidade de permitir que os alunos alcançassem novas experiências a nível das suas aprendizagens, não limitando as mesmas apenas aos manuais. Cabe ao professor disponibilizar todas os instrumentos para que os seus alunos atribuam significados às suas aprendizagens, dando-lhes oportunidade de criar os seus próprios alicerces e linhas de pensamento.

A nível da avaliação dos alunos, foi feita de forma sistemática, através de observação direta e sempre na ótica da partilha entre professor e aluno, pois a avaliação “terá de centrar-se na evolução dos percursos escolares, através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas” (Ministério da Educação, 2004, p.25).



## **CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO**

---



## **TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO**

Este capítulo tem início com a apresentação da orientação para o problema, bem como a sua definição e questões orientadoras. Apresenta-se ainda a revisão de literatura. De seguida será exposta a metodologia, apresentação e análise de dados e, por fim, as conclusões.

### **ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA**

Nas primeiras semanas de observação ao contexto educativo da prática pedagógica, foi possível à investigadora conhecer o grupo com o qual iria ter contacto, mas também familiarizar-se com todo o contexto escolar. Claramente foi imprescindível para a professora estagiária verificar as necessidades e interesses dos alunos, e sobretudo perceber todo o ambiente educativo envolto na escola, pois permite compreender através do mesmo, o modo como se procura educar, transmitir valores e contribuir para o crescimento científico e social de cada aluno. É tão importante tudo que se transmite em sala de aula, como toda a envolvência escolar que contribuirá também para o sucesso dos alunos.

Foi através da observação ao ambiente educativo que, desde logo, foi evidenciada a forte ligação do Centro Escolar com o meio local, tal facto é evidente através da constante criação, de atividades, projetos educativos e diversas dinâmicas onde haja uma simbiose com todo o meio envolvente, nomeadamente as tradições da freguesia. É fundamental que os docentes possuam uma visão alargada de tudo o que lhes rodeia, uma vez que é “através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto direto com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola” (Ministério da Educação, 2004, p.102), que se permite que sejam apreendidos e integrados novos significados e conceitos. No entanto, sabe-se que a extensão do currículo formal, faz com que muitas vezes os profissionais de educação não invistam de forma tão alargada nas aprendizagens significativas e próximas da realidade das crianças, acabando por se basear nas aprendizagens mais formais dos conteúdos curriculares. Não obstante, não pode ser esquecido que “cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização de experiências e saberes dos alunos” (Ministério da Educação, 2004, p.101), é papel do professor conceber todas as ferramentas para que tal se suceda.

Com efeito, todos estes fatores contribuíram para ter em atenção a seleção do problema a investigar. Foi com o conhecimento de um dos projetos curriculares da instituição com a Escola

de Folclore da freguesia que se desperta a curiosidade da investigadora. Habitualmente, as crianças desconhecem aquilo que são as tradições dos nossos antepassados e o quanto podem valorizar o nosso presente. Sendo que vivemos numa sociedade em constante evolução, aquilo que por um lado

nos poderá trazer um mundo repleto de progressos positivos, por outro, são inúmeros os usos e costumes que se perdem ao longo dos tempos, dando lugar a novas práticas, tradições e hábitos. As novas gerações crescem (habitualmente) circundadas de tecnologias e facilidades materiais que não lhes permite deter uma consciência clara daquilo que foram outros tempos. Contudo, há uma grande herança cultural que persiste até aos dias de hoje e cabe a cada um de nós mantê-la, reconhecendo todo o valor social que nela encontramos e poderá fazer de cada um, pessoas mais conscientes, cultas e enriquecidas.

Nesta turma, detetou-se ao longo das primeiras semanas a forte ligação e entusiasmo com um projeto escolar levado a cabo em conjunto com a Escola de Folclore da freguesia, que procura trazer a aprendizagem do folclore para o Centro Escolar. Aspeto importante para as aprendizagens dos alunos, uma vez que “o meio local, espaço vivido, deverá ser o objeto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática” (Ministério da Educação, 2004, p.101). Assim, através deste protocolo com a Escola de folclore, procura-se que todas as crianças tenham contacto com uma das tradições que mais marca a freguesia e todas as semanas durante uma hora, os alunos têm oportunidade de receber o responsável pela Escola de folclore que lhes ensina danças folclóricas tradicionais.

Este aspeto despertou um grande interesse na investigadora, quer pelo seu gosto pessoal pela área do folclore e tradições envolventes, mas sobretudo, por neste Centro Escolar se valorizarem estas aprendizagens, que vemos frequentemente serem esquecidas pelos professores, remetendo os seus ensinamentos para o currículo habitual de Estudo do Meio. Contudo, há uma infinidade de ensinamentos que podem e devem ser adquiridos através destes temas. É através da consciencialização do nosso passado que poderemos formar cidadãos mais ativos e conscientes e cabe ao professor ser um dos elos de ligação para que este património persista na criança.

Apesar de se ter observado o grande impacto deste projeto curricular, ficou também evidente para a investigadora que este trabalho não bastava para que os alunos reconhecessem o autêntico sentido de toda esta tradição, havia muito mais a ser explorado e trabalhado para além da dança, e sendo esta uma freguesia privilegiada no que diz respeito ao folclore, era

necessário que os alunos se apropriassem da importância da preservação desta tão grande herança cultural.

A par de todos estes aspetos, sabe-se que atualmente o professor tem a difícil tarefa de proporcionar aos seus alunos uma visão mais desenvolvida e universal da educação. Cabe ao docente visualizar os temas e aprendizagens de um modo mais vasto, não submetendo as suas propostas pedagógicas a atividades estanques, ou seja, deve ser potenciada a interdisciplinaridade, de modo a promover aprendizagens mais significativas aos alunos. Através de temas gerais e próximos dos estudantes é possível criar novas aprendizagens em qualquer das áreas curriculares, cabe ao professor proporcionar esta oportunidade.

Outro aspeto indispensável à pertinência deste estudo, refere-se ao ano de escolaridade na qual decorreu a prática pedagógica. Se desde cedo, as crianças tiveram oportunidade de ter acesso e contacto com as tradições do seu meio local, possibilitará que possam criar a base da sua identidade pessoal e social, aprendendo a valorizá-la, tornando-se cidadãos mais conscientes.

### **Problema e questões de investigação**

Face a todos os aspetos referidos anteriormente detetados pela professora investigadora desde cedo, esta investigação tem como problema central compreender o contributo que o folclore tem para a construção da identidade e consciência cultural de alunos do 1º ano de escolaridade. Para a concretização desta investigação e seguindo este problema, foram definidas as seguintes questões:

1. Quais as concepções dos alunos sobre o folclore?
2. Que contributo trouxe o presente estudo ao grupo de alunos?
3. O folclore poderá contribuir para a formação da identidade e consciência cultural dos alunos do 1º ciclo do ensino básico?

## REVISÃO DE LITERATURA

Nesta secção apresenta-se uma fundamentação teórica, através de uma compilação de recolhas bibliográficas, que sustentam o trabalho de investigação e permitem que haja uma melhor compreensão do mesmo. Para tal, foram definidos alguns tópicos, sendo que primeiramente são expostas as diferentes visões de autores acerca de cultura, para de seguida ser exposta a importância do papel da escola e professores na formação cultural dos alunos. Posteriormente é apresentada uma definição daquilo que é o folclore, e o seu crescimento no Alto-Minho, percebendo um pouco da sua história e importância nesta região.

Por fim, procurou-se alcançar conhecimento e perspectivas acerca da pertinência do folclore na educação, para assim articular o tema da investigação.

### Cultura

O termo folclore, está relacionado com o conceito de cultura, por tudo aquilo que a palavra acarreta. Apesar da definição de cultura não apresentar unanimidade de interpretações é um dos mais importantes marcos nas ciências sociais.

O termo Cultura é utilizado usualmente para expressar o conjunto de instrumentos e facetas comportamentais que o Homem vai adquirindo. No entendimento de Certeau (2003, citado em Silva, 2010), não é viável fixar uma noção conceptual de cultura dada a constante mudança dos campos em que se insere.

Nesse sentido, Geertz (1989, citado em Silva, 2010), define cultura como “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as suas actividades em relação á vida” (p.186), ou seja, refere-se à capacidade humana de expressar sentimentos e fazer julgamentos. É com este vasto e complexo conjunto de ferramentas comportamentais padronizadas, trazidas e levadas através do tempo (costumes, usos, tradições, hábitos), que o homem vai desenvolvendo a sua forma de pensar o mundo e de que necessita para orientar o seu comportamento.

Tylor (1920), refere que cultura é algo muito complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a moral, o direito, os costumes e outras competências ou hábitos adquiridos pelo Homem enquanto ser pertencente a uma sociedade. Assente na mesma perspectiva, Franz Boas (1920), afirma ainda que cada cultura é única, pelas suas características

específicas e são as mesmas que influenciam o comportamento dos indivíduos. Importa ainda ressaltar, que na mesma linha de pensamento, Hofstede (1997), defende que para além de o termo cultura ser uma conceção muito exclusiva, só é possível compreender por completo cada cultura, estando inseridos nela, pois é através de “experiências sociais que presenciamos” (p.19), que poderemos reconhecê-la. O ponto principal do termo cultural é que o mesmo acarreta consigo uma grande herança, que é transmitida em cada geração e cabe a cada um de nós melhorar e preservar.

O folclore como fenómeno cultural e social, tem também a função de servir material ou espiritualmente o Homem, possibilitando a expressão de sentimentos. É também através da cultura que se possibilita a compreensão e manifestação de um povo (Visual, 1983).

Há autores que defendem que pelo facto de vivermos num espetacular avanço dos meios de comunicação, irá conduzir “à morte das artes populares e a uma irreversível despersonalização da cultura” (Visual, 1983, p.16), assim desenraizada de qualquer significado local. A importância da cultura popular reside no facto de em todas as épocas e em todos os lugares, ela aparecer como seguimento lógico das tradições mais antigas, só assim se poderá manter a sua autenticidade.

Conectado à cultura popular surge inerente ao folclore, como marco das expressões do povo e da sua sabedoria. Para Almeida (1974, citado em Silva, 2010), as narrativas, costumes, crenças e linguagem popular, constituem o património cultural de factos folclóricos que o povo produziu e preservou ao longo dos tempos. Estes factos folclóricos, são a expressão máxima da cultura popular, garantindo a sua autenticidade, pelo que é fundamental que haja a sua preservação, pela importância fulcral que assume (Silva, 2010). O folclore está claramente exposto às mudanças temporais, mas permanece em qualquer momento, como uma fonte inesgotável de ensinamentos sobre a vida, sobre o Homem e sobre cultura, para as novas gerações (Visual, 1983).

É certamente difícil encontrar em qualquer outra parte do país, a concentração, numa só região, de “um conjunto de manifestações culturais tão ricas e diversificadas, tão intensamente enraizadas nas populações, como encontramos em Viana” (Visual, 1983, p.21), sendo este o principal motivo para a conservação das nossas tradições populares. Segundo Viana (2000), a cidade de Viana do Castelo é tida como um dos motivos fundamentais para o estudo das tradições mais populares e culturais. Ainda hoje é um dos nomes mais evocativos de locais onde floresceram e se desenvolvem brilhantemente os exemplos de cultura do povo português, “nas suas danças, nos seus cantares, nas suas músicas, no brilho inextinguível dos seus

trajes, nos seus objetos, na sua arquitectura, nos seus campos organizados com a geometria apertada das pequenas extensões dos terrenos dos vales” (Visual, 1983, p.22).

Um dos principais problemas levantados atualmente, prende-se pelo facto de toda esta cultura estar em total decadência (Basto, 1986). Sendo que por este motivo, esta deve ser uma inquietação de toda a sociedade, auxiliando por isso, na conservação de tudo aquilo que faz parte da nossa história pessoal, contudo é fundamental que todos se consciencializem que o folclore é uma ponte entre o passado e presentes de cada um. Só assim será possível que as novas gerações se formem como cidadãos conscientes da sua identidade, pois tal como defende Martínéz (2015), “a cultura proporciona a base da nossa primeira e fundamental identidade” (p.62)

### **O papel da Escola e do Professor**

Apesar de ser explícito através do programa curricular para a área do Estudo do Meio do 1º ciclo, que “o meio local, o espaço vivido, deverá ser o objecto privilegiado” (Ministério da Educação, 2004, p.101), hoje em dia ainda há alguma controversa sobre o papel da Escola na integração do aluno no meio social, pelo que a História Local se torna um tema fulcral, a ser englobado nas áreas dos saberes, tentando envolver o aluno de forma natural para o seu desenvolvimento nos conhecimentos sociais e intervenção cívica. Pois apesar de o programa da área específica para alunos do 1º CEB, definir como objetivo “contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização” (Ministério da Educação, 2004, p.110), sabe-se que esta é uma área ainda pouco explorada e valorizada.

Também Almeida e Solé (2015) salientam que os profissionais de educação devem refletir acerca das suas práticas, reavaliando as suas escolhas, “de forma a contribuir para o desenvolvimento de crianças conscientes da importância das suas acções para a preservação e valorização do património” (p.239).

Ao debruçar-se sobre as tradições locais, a escola deverá considerá-las na sua real função: terem como base natural a descoberta, sem se oporem ao espírito de inovação cultural, assim será possível estabelecer uma uniformidade dialética dos centros de tradição-inovação (Visual, 1983). Assim, se o “reconhecimento das tradições é uma condição essencial à acção educacional e ao progresso cultural, tal reconhecimento tem de assumir também a capacidade para analisar criticamente” (Visual, 1983, p.20), ou seja, deve ser dada a oportunidade aos alunos de se confrontarem com tradições para que assim possam reconhecer-se, ou não, nas



mesmas. Brandão (1954, citado em Guimarães, 2012), salienta que é também uma das principais funções da Escola, instruir a criança, integrando-a na sua comunidade, o que só é possível com o reconhecimento total da sua cultura. O autor argumenta ainda que, “não é possível fazer educação deixando de lado aspetos culturais como a tradição” (p.7).

Apesar de todas as evidências oficiais, que espelham objetivos concretos acerca da envolvimento dos alunos com o meio local e suas tradições, sabe-se que esta área não é tão fruída, tanto quanto o desejado, sendo muitas vezes desvalorizada em prol, da Língua Portuguesa e Matemática. Contudo, é missão dos profissionais de educação reverterem esta situação, uma vez que os mesmos “encontram-se em posição de dar combate decisivo a essa tendência desagregadora” (Roque, 1956, p.448). Utilizando o folclore como fonte de ligação, os professores poderão despertar nas crianças o gosto pela sua terra e terão a oportunidade de estimulá-las a afeiçoarem-se aos usos e costumes locais. Tal como salienta Roque (1956), é o professor quem tem o papel principal como mediador das aprendizagens dos seus alunos, podendo-lhes dar a oportunidade de “aguçar a curiosidade de saber e conhecer características das gerações que nos precederam, a sua maneira de sentir e de viver, e tantos outros factores que individualizam o povo de uma nação” (p.448).

## Uma definição de folclore

Ferreira (1956), afirma que o termo folclore é um vocábulo de origem inglesa, que entrou no vocabulário português, há cerca de meio século, oriundo da palavra *Folklore*: “Folk”, sugere povo e “lore” remete para a palavra conhecimento. O mesmo autor atribui a esta palavra o “conjunto de tradições, costumes, crenças, lendas, canções de um país” (p.395). Assim, alguns autores apontam o folclore como “o conhecimento que vem do povo, ou popular” (Cachambu, Carlos, Fratini, Fernandes, Zachazeski, Rocha & Spolavori, 2005, p.53). Também Rabaçal (1968) menciona que o folclore é a expressão máxima de um povo, permitindo que fique patenteado nas suas manifestações artísticas e científicas.

Associado ao tema folclore surge, frequentemente, relacionado o conceito de Etnografia, que vários autores procuram distinguir. De um lado, Rabaçal (1968), refere que a Etnografia procura estudar e descrever as atividades e objetos específicos de um povo. Por outro lado, outros autores sugerem que a Etnografia encerra “tanto no seu aspeto material, como no espiritual, social, psicológico, linguístico, etc.” (Roque, 1956, p.445). Também Viana (1956) aponta que a Etnografia “é muito importante como ciência esclarecedora das raízes remotas dos nossos usos e costumes, da nossa maneira de sentir e de expressar” (p.173). Por esta razão, estas duas palavras surgem maioritariamente associadas pela sua ligação a usos e costumes do povo.

Embora possa não existir unanimidade de opiniões, entre os diversos autores, quanto ao significado literal que cada uma destas palavras encerra, vários apontam para a determinante importância que as mesmas detêm, pois, o folclore “é uma das nossas maiores riquezas, porque espelha a fisionomia do sentir e do ansiar do nosso povo” (Rabaçal, 1968, p.45). É através do legado dos nossos antepassados que há a possibilidade de entendermos um pouco mais de cada um de nós, e claramente que o folclore é um sinónimo de cultura popular e representa a identidade social de um povo. (Viana, 1956). Também Roque (1956), refere que através do folclore “se poderá estudar muitos valores inestimáveis, de incontestável interesse histórico, cultural e educativo” (p.445). Apesar de complexo de definir, são vários os autores que procuram demonstrar tudo aquilo que esta palavra simboliza.

Se uma determinada região alcançou através dos tempos de geração em geração, um grau espontâneo e único de se exprimir, conseguiu exteriorizar a efusão de sentimentos que emolduravam uma tradição pura: costumes, lendas, carácter, tudo numa simbiose inconsciente mas subjugada a um modelo único, eis FOLCLORE na verdadeira conceção da palavra. (Sampaio, 2006, p. 75)

Claramente que, aquilo que melhor divulga o folclore e toda a sua cultura intrínseca, se prende pelas riquíssimas danças, cantares, o artesanato e outros aspetos, que fazem com que já tenham “apelidado a cidade de Viana do Castelo como a capital portuguesa do folclore” (Viana, 2000, p.196). Desde muito cedo, até aos dias de hoje, que não se pode falar de folclore sem recorrer a Viana do Castelo.

## **O folclore no Alto-Minho**

É primordial compreender de que modo se foi desenvolvendo o folclore no Alto-Minho, e o que faz com que hoje em dia detenha tanto reconhecimento nacional e mundial.

Não é possível falar-se de uma tradição tão vasta e com grande valor nesta região, sem enumerar alguns autores fundamentais para a sua divulgação. Vários escritores apontam que a primeira e determinante revelação do folclore Vianês ficou a dever-se a Ramalho Ortigão, quando patenteou a riqueza Folclórica da região, que até então pouco havia sido reconhecida (Rabaçal, 1968). Também Simas (2004) refere que foi por volta de 1886, quando Ramalho Ortigão se cruzou com a vasta cultura do Alto-Minho que a mesma passou a ser divulgada e reconhecida.

Foi através das célebres publicações do autor Ramalho Ortigão, em “As Farpas”, que logo evidenciou no primeiro volume os elementos que havia recolhido na região e que tanto enalteceu. Não só exhibe por palavras toda a beleza da cidade de Viana do Castelo, “quem nunca veio a Viana (...) não conhece de Portugal na porção de céu e de solo mais vibrantemente viva e alegre, mais luminosa e mais cantante” (Ortigão, 1986, p.7), como traz um grande apontamento acerca das vastas tradições da cidade, elevando ao expoente máximo as mulheres da cidade, “eu acho-me hoje na obrigação de declarar que nunca, em parte alguma, vi mulheres mais bonitas” (p.34). Ortigão (1986), refere que esta beleza não assenta apenas no aspeto fisionómico da figura feminina vianense, mas sobretudo, por serem mulheres que vivem de tradição e se envolvem de toda a cultura inerente à cidade.

Também o nome do Professor Abel Viana, é incontornável, pois similarmente dedicou-se a divulgar as tradições da região de Viana do Castelo. É o próprio autor Viana (1956) que afirma que “os primeiros ranchos destinados a demonstrações festivas de trajos, danças e cantares, foram os que eu próprio, a partir de 1917, organizei” (p.174). Reconhece-se a este autor o seu grandioso legado, procurando desde sempre a máxima divulgação desta riquíssima

tradição. Foi através da organização de um festival, onde os trajes, danças e cantares do concelho pudessem figurar como demonstração da cultura inerente a todo este concelho, Abel Viana fez com que as exposições de folclore se fossem “avultando, até tomarem as grandiosas proporções que actualmente vemos” (Viana, 1956, p.174).

Carvalho (2000), assume que a obra de Abel Viana exibe um dos maiores e importantes processos na história cultural do séc. XX, em Portugal, “trata-se do processo de folclorização, através do qual as formas de comportamento expressivo associadas ao universo tradicional português foram instituídas” (p.7). Este mesmo processo permitiu que o folclore assumisse um papel predominante na identidade da nação portuguesa, dado a grande divulgação nacional de ideias folcloristas, propagadas por diversas instituições.

O legado de Abel Viana foi muito marcante para o Alto-Minho, sendo que nas décadas que se seguiram ao início do processo de folclorização, até aos dias de hoje, esta região passou a ser privilegiada como fonte de um rico património folclorístico (Carvalho, 2000).

Viana (2000), relata que os grupos folclóricos assumem um importante papel de “mantenedores e divulgadores das nossas mais velas usanças nacionais” (p.147), é através dos mesmos que há a possibilidade de manter vivas as tradições dos nossos antepassados, importa, porém, que não haja uma falsificação da verdade etnográfica, que é apontada como uma das grandes preocupações dos diversos historiadores. Dada esta extrema importância foi evidente que desde cedo, ao longo de todo o país se multiplicaram as diversas inspirações nos ranchos vianenses. Viana (2000), refere que “há ranchos folclóricos trajados sem o menor respeito da etnografia (...) em vez de beber no folclore da sua terra, imitam” (p.153).

Salienta-se também o vasto trabalho de Pedro Homem de Melo, que sempre valorizou ao longo de todas as suas obras o folclore do Alto Minho. Realça-se nas palavras de Vasconcelos (2003), Homem de Melo foi um folclorista que ganhou grande notoriedade, dissertando sobre as danças e cantares regionais. Segundo palavras do mesmo autor, o folclore na sua plena autenticidade, representa a cultura expressiva em que transparece a vida do povo, e ao longo das suas obras poéticas Pedro Homem de Melo menciona todos estes aspetos.

A grande problemática desta área tão rica de cultura identitária de todo o país e sobretudo, do Minho, é apontada por Pita (2009) ao referir que fora do ambiente minhoto, existem deturpações daquilo que é o verdadeiro folclore. Contudo, este modo de cultura não pode nem deve ser adulterado, pois o folclore não se inventa, existe e pertence ao património imaterial do País. Todavia, com a forte contribuição que o mesmo tem para a cultura portuguesa, começaram a existir e reconhecer-se vários aspetos deturpados ao longo do tempo e, por isso,

foi-se perdendo a autenticidade. Como refere Viana (1956) “quando se exibem aspetos do folclore autenticamente tradicionais, isso, em boa verdade, é reconstituição histórica” (p.177), sendo que por este motivo todo o cuidado ao tratar desta área é indispensável, pois permitirá que se possam manter vivas toda esta cultura. Também Sampaio (2006) salienta que “no Folclore não há mistificações...há realismo, simplicidade, pureza, orgulho em apresentar verdadeiro Folclore: Herança do passado, expressão fiel do génio, do valor dum povo” (p.78)

O folclore é considerado um dos expoentes máximos da cultura portuguesa e como se sabe é transmitido via oral, através de gerações, no espaço e no tempo, e que por isso algumas conceções desgastam-se e deformam-se, mas nunca perde o seu fundo primordial, que serve de ensinamento e de exemplo para as gerações futuras (Rabaçal, 1968). É também através desta tradição que temos a capacidade de formar a nossa consciência histórica e conceber uma identidade social e pessoal. Esta é uma tradição que espelha o sentir e o viver de um povo, contudo, sabe-se que o folclore é cada vez menos evidente nos nossos dias e que é cada vez mais complexo proporcionar uma vivência por inteiro, reconstituindo com autenticidade todos os seus valores, para que assim se possibilite uma procura por nós próprios, com um conhecimento fidedigno das origens culturais, que possibilitem o reconhecimento de uma identidade pessoal e social (Viana, 1956)

### **Educando através do folclore**

Desde cedo que vários autores defendem a importância que o folclore poderá ter para os alunos, ao ser um tema abordado em sala de aula. Roque (1956), menciona que ainda não havia sido implementada qualquer área relacionada com folclore ou até Etnografia, mas afirma que as “mais elementares noções deste importantíssimo ramo do saber humano” (p.446), são fundamentais para a formação pessoal ao longo do ensino.

Também Rodrigues (1956) atenta para o mesmo facto, afirmando que “os estudos da etnografia e do folclore impõe-se a todos os povos cultos como uma necessidade” (p.357), sendo que estes possuem particular interesse para Portugal por serem uma afirmação da nossa personalidade.

Sabe-se que, em Portugal, poucos são os estudos ou investigações que cruzam o folclore com a educação. Contudo, o Brasil é um exemplo onde é dada extrema importância a esta área, pois “folclore e cultura popular há muito tempo estão presentes nas escolas brasileiras” (Guimarães, 2011, p.3), não só na hora do recreio, através de jogos tradicionais, mas também

na sala de aula na utilização de livros didáticos. Também Cachambu et al. (2005) referem que o folclore deve ser reconhecido como uma manifestação do saber popular e que, desta forma há uma infinidade de valores que através do tempo foram sendo guardados por diversas gerações, e é esta preservação que se pretende manter neste país. Guimarães (2012), considera que a regressão de fenómenos, face à crescente civilização dos nossos dias, é uma preocupação, sendo por isso fulcral resguardar toda forma de cultura, “e que melhor meio de fazê-lo senão interessando as crianças pelas artes do povo?” (p.5).

Alguns autores apontam diversificados aspetos de modo a que se compreenda que através do folclore é possível trabalhar várias áreas temáticas. Brandão (1954, citado em Guimarães, 2012), aponta que relativamente ao valor pedagógico do folclore, o mesmo pode e deve ser utilizado para despertar o interesse pelas diferentes matérias lecionadas. Do mesmo modo, Cachambu et al. (2005), refere que no Brasil, ao longo de várias décadas, foram muitos os movimentos folcloristas que lutaram para que o folclore ocupasse um lugar de integração com a Educação, sendo que atualmente o mesmo começa a ser mais valorizado, uma vez que “o trabalho pedagógico fundado em uma perspetiva folclórica pode atingir outros objetivos, dependendo do modo como o professor aborda em sala de aula” (p.56). No caso da educação brasileira, atualmente trabalham sobretudo a oralidade e escrita nas práticas pedagógicas relacionadas com o folclore, “os provérbios, que representam uma condensação de sabedoria; as adivinhas que são testes de conhecimentos; as lendas; os trava-línguas” (Cachambu et al., 2005, p.56), são exemplos de expressão de linguagem, que os docentes poderão aproveitar em sala de aula, com uma dualidade, linguista e cultural.

Notoriamente, que o uso do folclore como estratégia de ensino e novas aprendizagens para os alunos, não poderá nem deverá ser utilizado ao acaso. Cabe ao professor selecionar o que deve ser utilizado pela escola e de que forma pode explorar em sala de aula. Ribeiro (1976, citado em Guimarães, 2012), afirma que quando se alude à importância deste tema, em contexto escolar, é importante que se tenha a noção que “não se trata de ensinar folclore às crianças, mas aproveitar o folclore como fator didático de ensino nas diferentes áreas” (p.11), procurando sempre favorecer a compreensão, desenvolver a formação cultural e incentivar a novas aprendizagens envolta da cultura.

É importante esclarecer que folclore é uma forma de património cultural do nosso país, sendo que trabalhar este tema trará diversas aprendizagens aos alunos. Martínéz (2015), salienta que educar utilizando o património que nos rodeia, é educar através do passado, permitindo assim que uma aproximação e compreensão do mesmo. Permite também que haja

educação para a consciência histórica, compreendendo a diversidade cultural de gerações distantes.

Todo este processo debate-se com alguns constrangimentos, apontados por diversos autores ao longo do tempo, ressaltando que “não é possível o ensino daquilo que se desconhece ou não se estudou” (Ribeiro, 1976, citado em Guimarães, 2012). Já em tempos mais remotos, Rodrigues (1956), reconhecendo toda a importância que o folclore poderia trazer para o ensino, aponta como principal problema a “falta de professores devidamente preparados na área” (p.356). De certo modo, toda esta integração, seria uma verdadeira utopia, todavia é importante que os profissionais de educação apreendam a importância que qualquer elemento cultural poderá trazer para os seus alunos, e mesmo que muitas vezes desconheçam o meio local e tradições da instituição escolar, podem também eles partir à descoberta conjunta com os seus educandos.

### **A importância do Património para a construção da Identidade e Consciência histórico-cultural**

Um dos maiores contributos que o folclore poderá trazer para as crianças, claramente que se prende pelo facto de através do mesmo ser possível compreenderem aspetos do passado que lhes permitem desenvolver a sua identidade e consciência histórico-cultural.

Cooper (1995, citado em Barca & Solé, 2015), lembra que os aspetos do passado não são uma abstração para as crianças, dado que, desde cedo têm contacto com o mesmo através de diversas experiências, e estão despertas para os mesmos. O autor afirma ainda que este contacto “é essencial desde os primeiros anos de escolaridade para alimentar a consciência do mundo social pela vida fora” (p.93), só assim se conseguirá que os alunos coloquem questões, hipóteses e discutam comportamentos, atitudes e valores das pessoas noutros tempos e lugares.

Os professores deverão ter a consciência que as crianças já trazem para a escola factos e conhecimentos da vida em sociedade, sendo que é papel dos mesmos motivar o interesse dos alunos pelo seu passado e pelo património que os rodeia.

O folclore tem assumido uma crescente visibilidade como património cultural do nosso país. Sendo muitos os conceitos inerentes a este tema, e sobretudo, aos contributos que o folclore, bem como o património, poderá ter para o desenvolvimento de consciência cultural das crianças, foi importante para a investigadora compreender de que modo a literatura aborda cada um dos conceitos.

O património tem sido, cada vez mais, associado à educação, pela sua relação extremamente importante e pedagógica para os alunos. Segundo Santacana (2015), o património é parte integrante da cultura, auxiliando na preservação da memória e identidade de um povo, apontando para o valor da contemporaneidade, uma vez que incorpora conhecimento identitário. Também Almeida e Solé (2015), reforçam que associado ao património “manteve-se sempre a ideia de algo herdado das gerações antecedentes, adquirido e provido de um valor ímpar e insubstituível” (p.236). O património é mais do que um legado que nos foi presenteado e que, desempenha uma função social importante, auxiliando cada indivíduo a definir-se individualmente. Para além disto, a perceção do património será fonte para uma compreensão histórica que proporciona aos alunos a oportunidade de “através dos seus vestígios e testemunhos do passado, construir o seu conhecimento histórico e consequentemente, a sua identidade” (Almeida & Solé, 2015, p.237).

Intrínseco ao conceito de património, emergem outros conceitos como consciência e identidade. Almeida e Solé (2015), “identidade é compreendida como elemento diferenciador de cada grupo ou indivíduo” (p.237). Deste modo, é importante que estes aspetos sejam trabalhados e aprofundados com as crianças desde cedo, pois permitirá que se tornem cidadãos mais ativos e conscientes. Há a crescente necessidade de fomentar a consciência dos alunos, contudo, não podemos apenas remeter esta importância para o património cultural que rodeia cada um, Facal (2015), salienta que é importante que a construção desta identidade cultural se realize de forma contextualizada com o local evolvente.

Seixas (2004, citado em Solé 2013), procura abreviar algumas noções de vários autores acerca do termo consciência histórico-cultural. Se por um lado, o próprio autor define o termo como sendo, “a área em que a memória coletiva, a escrita da história e outros modos de moldar imagens do passado emergem na opinião pública” (p.2), por outro lado outros autores, referem que o termo se relaciona com a compreensão individual ou coletiva que existe do passado, bem como os fatores culturais que configuram esse entender (Solé, 2013). É importante ressaltar que alguns autores consideram relevante distinguir memória de consciência histórica, tal como salienta Rüsen (2007, citado em Solé 2013), a memória está mais ligada à imaginação e princípios práticos que regulam a mente humana, por outro lado, a consciência histórica, é algo mais complexo, é uma “representação do passado visto de uma forma mais explícita com o presente” (p.3), ou seja, para haver consciência é necessário que haja uma perceção e interpretação de um tempo diferente.



É evidente que todos estes conceitos acabam por se interligar, dependendo uns dos outros. Para Pais (1999, citado em Solé 2013), esta relação entre consciência e identidade é evidente, uma vez que “sem consciência histórica sobre o nosso passado, não perceberíamos quem somos” (p.7).

Entende-se assim que, para compreendermos quem somos é importante uma consciência histórica acerca do passado, pois a dimensão temporal que interrelaciona passado, presente e futuro, permite que surja a construção de identidade.



## METODOLOGIA

Nesta secção apresentam-se as opções metodológicas definidas para a investigação, a descrição dos participantes envolvidos no estudo, bem como, a seleção dos instrumentos para recolha de dados. De seguida é descrita toda a intervenção educativa e os processos para análise de dados.

### **Opções metodológicas**

Investigar é sobretudo um processo complexo, no qual o investigador procura explicar e compreender fenómenos sociais (Coutinho, 2014). O investigador evidencia todo o percurso de trabalho através das escolhas dos meios que o ajudarão a responder ao seu problema de investigação, com efeito o “que deve determinar a opção metodológica do investigador não será a adesão a uma ou outra metodologia, a um ou outro paradigma, mas o problema analisar” (Coutinho, 2014, p. 35).

Face a tudo que foi apresentado e tendo como intuito fundamental, compreender o contributo que o folclore tem para a construção da identidade e consciência cultural dos alunos, acolhemos o paradigma interpretativo como aquele que nos pareceu mais indicado na busca das melhores respostas ao nosso problema. Pretendeu-se aqui, perceber como os participantes interpretam diversificadas situações e que significado apresentam para eles, isto é, “se a ação humana é intencional, pensam, há que interpretar e compreender os seus significados num dado contexto social” (Coutinho, 2014, p.18). Na verdade, quando o investigador adota um paradigma, passa a assentar a sua investigação num conjunto de teorias comuns e compromete-se, de certo modo, com um quadro teórico e metodológico preciso.

Adotar uma abordagem interpretativa de questões sociais e educativas, tem como atributo uma investigação que visa compreender diferentes perspetivas dos envolvidos, neste sentido, é importante referir a relação existente entre o investigador e o investigado. Esta ligação entre ambos, pressupõe um desafio: se por um lado é possível manter a interação entre si, devem por outro, moldar-se e interpretar comportamentos de acordo com as suas representações socioculturais, revelando assim a importância de ambos se tornarem “intérpretes” e “construtores de sentidos” (Coutinho, 2014). Devido a esta envolvimento dos dois sujeitos, a produção de conhecimento segundo este paradigma, é efetuado através de um processo circular e interativo dado que, “investigar implica interpretar ações de quem é também

intérprete, envolve interpretações de interpretações – a dupla hermenêutica em ação.” (Coutinho, 2014, p.18). Ou seja, compreendemos assim que há uma grande fusão entre os dois papéis ativos no processo de investigação – investigador e investigado – e pressupõe-se que haja uma dependência entre ambos, para que seja possível alcançar interpretações de interpretações.

Para além disto, este paradigma assenta numa perspectiva construtivista onde a aprendizagem não é vista como o resultado, mas sim como o desenvolvimento, permitindo que sejam os alunos a levantar as suas questões e a gerir as suas próprias hipóteses. A aprendizagem “constrói-se como um processo de construção interpretativo e recursivo por partes dos alunos em interacção com o mundo físico e social” (Fosnot, 1996, p.53). Assim, o investigador dá significado à realidade que os sujeitos em estudo apresentam, através de toda a interação com os participantes.

Sucintamente, o paradigma interpretativo é determinado pela busca em compreender, interpretar e descobrir significados para a investigação, onde a relação do investigador com o participante é reconhecida pela dependência entre ambos.

Sendo os paradigmas um referencial que informa a metodologia do investigador, é através do mesmo que transparece ao longo de todo o processo de investigação, os princípios e valores que encaminham a metodologia. Importa aludir que o paradigma se encontra num nível bastante generalizado, sendo que o grau imediatamente inferior corresponde à metodologia de investigação. Neste sentido, a metodologia de cariz qualitativo é aquela que foi utilizada no presente estudo, dada a sua proximidade ao mundo de um modo interpretativo.

Na metodologia qualitativa o investigador pretende desvendar a intenção de determinada ação atribuindo-lhe um significado, tendo em conta o contexto em que está inserido (Pacheco, 1993 citado por Coutinho, 2014), baseando-se por isso num método indutivo. Esta característica faz com que a construção da teoria desponte com o desenrolar do estudo, facto que ocorre devido à relação do investigador com a realidade que estuda e também pela postura do investigador que procura “compreender a situação sem impor expectativas prévias no fenómeno estudado” (Mertens, 1998, citado em Coutinho 2014, p. 28).

Para além desta característica indutiva, a investigação qualitativa assenta em outras particularidades que a definem: o investigador é tido como o instrumento principal e o ambiente natural é a fonte direta de dados pois, “os atos, as palavras e os gestos só podem ser compreendidos no seu contexto” (Carmo & Ferreira, 2008, p.198); a investigação qualitativa é muito descritiva, uma vez que “os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma

minuciosa” (Bogdan & Biklen, 1994, p.49) e neste tipo de investigação há um interesse primordial pelo processo ao invés dos resultados.

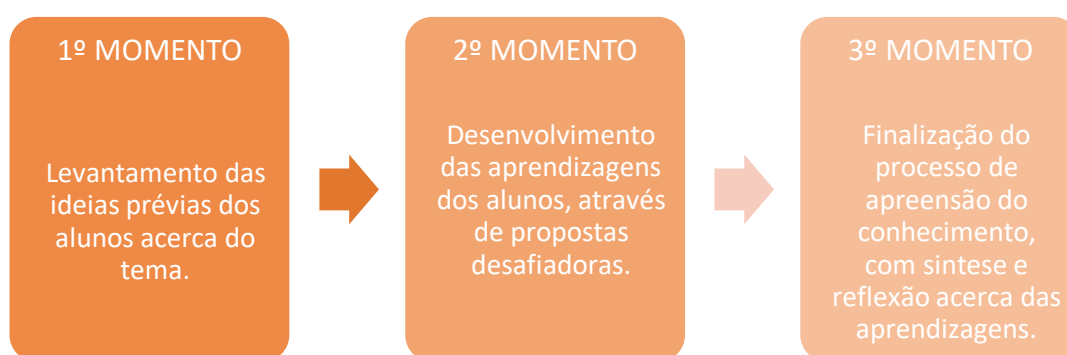
Seguindo então uma abordagem qualitativa da investigação, importava selecionar o método, segundo Coutinho (2014) esta é a forma para se conseguir alcançar o fim. Também Bisquerra (1989, citado em Coutinho, 2014) define que “os métodos de investigação constituem o caminho para chegar ao conhecimento científico” (p.24). Neste sentido, o método selecionado no presente estudo foi o exploratório. O estudo exploratório é orientado para novas áreas de investigação, tal como apontam Hernandez Sampieri, Collado e Lucio (2006) caracteriza-se pela sua índole em “examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado” (p.99). Muitos vezes, quando a revisão literária revela que apenas há ideias vagamente investigadas, prova que o objetivo de investigação é pouco estudado. Apesar de o tema folclore ser frequentemente investigado por etnógrafos e especialista da área, pode-se verificar que esta temática direcionada para a educação é teoricamente pouco conhecida.

## **Aula-Oficina**

Face a tudo que foi descrito anteriormente, torna-se também importante especificar que todo este processo de intervenção assentou na técnica de aula-oficina, por dar um grande enfoque ao papel do aluno e não colocar o docente como o detentor de todo o conhecimento, como muitas vezes acontece. Quando tal se sucede, verifica-se que os alunos e as suas experiências são desvalorizados sendo por norma, “catalogados como seres que não sabem nada, não pensam” (Barca, 2004, p.132), concernindo-lhes apenas o papel de arrecadar a mensagem passada pelos professores e depois demonstrá-la através de testes escritos (Barca, 2004). Felizmente, este modelo de aula começa a ser cada vez mais abolido por profissionais de educação, o que permite a inserção de novos modelos.

No que diz respeito ao modelo de aula-oficina, compreendemos que o mesmo pretende seguir uma lógica do aluno como agente da sua própria formação com ideias prévias. Já o professor passa assumir um papel diferente de outros modelos, não lhe sendo incumbido o papel de apenas classificar como certo/errado ou completo/incompleto, mas sim “aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos (...) para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos” (Barca, 2004, p. 133). Com efeito, o aluno passa a ter oportunidade de construir o seu próprio conhecimento através de atividades em sala de aula mais desafiadoras e diversificadas.

Importa salientar que a concretização de uma aula-oficina assenta em três grandes momentos. Num primeiro momento deverá ser o professor a fazer um levantamento de ideias dos alunos, através de pequenas tarefas, questionamentos e vários tipos de comunicação. De seguida, no desenvolvimento da aprendizagem, deverão ser dadas todas as ferramentas para que possa haver construção de conhecimento por parte dos alunos. Por fim, há um momento de reflexão e síntese de toda a aprendizagem adquirida (Barca, 2004). Os principais momentos da aula-oficina encontram-se sintetizados no quadro seguinte.



**Figura 1:** Momentos chave da técnica Aula-Oficina

## Participantes

Este estudo decorreu ao longo da PES II, na qual a professora estagiária teve oportunidade não só de assumir as vivências de um professor, mas também, adotar uma postura de investigadora. Importa salientar que ambos os papéis foram levados a cabo de um modo muito interligado, não sendo muitas vezes possível dizer onde acaba um e começa o outro.

Os participantes deste estudo são os alunos de uma turma do 1º ano de escolaridade, de uma escola do distrito e concelho de Viana do Castelo. A turma era constituída por dezassete alunos: nove do sexo feminino e oito do sexo masculino, com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos. Para que todos pudessem participar neste processo de investigação, foi pedida uma autorização aos encarregados de educação para que as crianças pudessem participar no estudo (anexo 2).

Todos os alunos demonstravam interesse pelo tema folclore, sobretudo pela envolvência no projeto educativo já referido, no qual tinham contacto com a música e dança tradicionais da freguesia. Para além deste facto, alguns dos alunos pertenciam a Grupos Folclóricos que frequentavam com os seus familiares e deste modo, era um tema ainda mais

próximo. Contudo, era evidente que, as suas concepções acerca desta tradição, era muito vaga e redutora alegando na maioria que servia apenas para dançar, cantar e participar em atuações.

As práticas do contexto relativas a este tema prendiam-se apenas pela dança, não alargando o conhecimento dos alunos a níveis mais avançados. Aliando o interesse particular dos alunos pelo tema, bem como, o projeto educativo existente verificou-se uma mais valia, o desenvolvimento do tema na sala de aula, verificando os possíveis contributos para as crianças.

### **Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

Após a tomada de várias decisões já apontadas anteriormente, como o problema, questões de investigação e metodologia a seguir, um dos acontecimentos indispensáveis é a predileção das técnicas e instrumentos para a recolha de dados, para que posteriormente haja uma análise de todas as informações recolhidas. Segundo Coutinho (2014) “a triangulação consiste em combinar dois ou mais pontos de vista, fontes de dados, abordagens teóricas ou métodos de recolha de dados” (p.9), permitindo assim que seja obtido um resultado final mais fidedigno e mais completo.

Os instrumentos de recolha de dados são marcos que surgem na literatura de investigação, para indicar qual o modo como o investigador adquiriu os seus dados, para assim procurar responder ao seu problema. Definido o problema, reconhecidos os participantes, de seguida, deve o investigador saber o quê e como vão ser recolhidos dados e quais os instrumentos a utilizar.

Tendo em conta o facto de haver uma limitação de tempo para proceder à investigação, os dados foram recolhidos através de uma variedade de instrumentos, para que a investigadora posteriormente tivesse um maior leque de informações.

Assim, reconhecendo que se trata de uma investigação qualitativa, a qual ocorreu de forma naturalista e na qual a investigadora adotou um papel participante, devido à sua dualidade de papéis, entendeu-se que as técnicas e instrumentos de recolha de dados mais apropriados residiam em: observações, registos audiovisuais, documentos produzidos pelos alunos (desenhos), entrevistas e questionário.

## **Observação**

A observação permite que o investigador consiga “documentar atividades, comportamentos e características físicas” (Coutinho, 2014, p. 136), fazendo com que esta técnica seja fundamental ao longo de todo o processo e permitindo que o investigador possa também mediar o seu papel, tornando-se também ele participante ou apenas, observador dos intervenientes.

Neste estudo a recolha de dados através desta técnica ocorreu em diversos momentos e contextos, sendo que nunca foi utilizada uma grelha estruturada de observação, neste caso o “investigador parte para o terreno apenas com uma folha de papel onde regista tudo o que observa” (Coutinho, 2014, p.137). Com efeito, é através do modo como se procede o registo que se define o cariz das observações – observação estruturada ou não estruturada. Na investigação estruturada o investigador recorre a uma grelha pré-definida de acordo com o que pretende observar. No caso da observação não estruturada o investigador observa tudo o que acontece de forma natural não se apoiando em nenhum protocolo pré-definido.

Também a dimensão do envolvimento do observador define o cariz da observação, sendo que podem existir dois extremos: o observador puro que não se envolve com os intervenientes e na outra extremidade o observador que é também ele parte integrante do grupo que estuda, sendo que entre estes extremos há uma infinidade de fatores a serem tidos em conta.

Com efeito, tendo em conta a dualidade de papéis assumida – investigadora e professora – recorreu-se a uma observação naturalista e participante recorrendo a registos como notas de campo, onde há um registo de ideias e reflexões e se procura fazer um “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados” (Bogdan & Biklen, 1994, p.150).

As observações ocorreram ao longo de toda a investigação sobretudo nas tarefas propostas para o efeito, mas também muitas vezes em outros momentos e contextos, como por exemplo ao longo das sessões de danças folclóricas onde era possível perceber o envolvimento dos alunos. Na verdade, ao longo de todo este estudo foi perceptível a importância de uma comunhão contínua da investigadora com os participantes, pois a qualquer momento poderiam surgir opiniões ou reflexões importantes para toda a dinâmica deste estudo.



## **Registos audiovisuais**

Este foi também dos instrumentos mais utilizados ao longo da investigação tendo em conta a abundância de ocorrências numa sala de aula, bem como a diversidade de participantes e as suas ações e intervenções serem inúmeras, não permite que o investigador-observador possa apreender todos os acontecimentos da melhor forma. No caso dos vídeos, estes proporcionam um bom registo, na medida em que permite ao investigador analisar e rever os acontecimentos tantas vezes quanto as desejadas, apropriando-se de situações que possam ter passado despercebidas aquando a observação direta. Através do vídeo é possível obter-se um registo das intervenções orais dos alunos, como também observar a sua linguagem não verbal (expressões) e que são menos perceptíveis na observação direta. Para além disto, permite também que possa ser feita uma análise mais cuidada e já obstante de qualquer pressão existente no decorrer da atividade.

Sem dúvida que estes registos são fundamentais sobretudo na fase de análise de dados, pois permitem que o investigador possa fazê-la com mais rigor recorrendo a este instrumento.

Importa salientar que na literatura levanta-se a questão de este ser um fator de interferência no comportamento dos alunos, admitindo que a presença de uma máquina poderá adulterar o comportamento típico. Contudo, o “investigador fotográfico tem de passar a ser, tanto quanto possível, invisível. Há duas maneiras de se chegar a esse objetivo: através da familiaridade e da distração” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 141). Foi através do uso frequente deste material e do facto de as atividades de investigação serem envolventes que estes instrumentos não revelaram qualquer condicionante ao comportamento dos alunos e consequente recolha de dados.

Também a fotografia foi um dos meios utilizados, pois mostram-se como um registo de momentos significativos que auxiliam a verificar a envolvimento dos intervenientes nas tarefas. Este instrumento está ligado à investigação qualitativa pelo seu poder em fornecer dados descritivos.

## **Desenhos dos alunos**

No processo de recolha de dados recorreu-se também à documentação produzida pelos alunos. Dado que, a turma na qual decorreu o estudo é do 1º ano de escolaridade, e encontrando-se os mesmos a iniciar o ensino básico, tornava-se complexo utilizar instrumentos que recorressem à escrita, deste modo, o instrumento mais adequado recaiu sobre o desenho,

que para além de ser uma excelente forma de análise para o investigador é um meio importante para o desenvolvimento criativo das crianças.

Este instrumento foi muito importante, na medida em que permite que haja uma descrição e compreensão das interpretações e reflexões dos alunos face ao tema abordado. Ao longo de várias tarefas propostas este foi um modo de muitas vezes registar as conceções e interpretações dos alunos.

Também através da literatura observamos autores que realçam a importância dos desenhos das crianças. Goodnow (1987), afirma que este é um instrumento imprescindível para a avaliação das capacidades cognitivas, afetivas e sociais das crianças, sendo que através destes é possível compreender o que a crianças quer realmente transmitir. Reconhece-se que algumas vezes, são identificadas dificuldades em alunos na sua forma de se expressar verbalmente, então, este pode ser um bom caminho para o investigador, sendo que lhe permite também ter este registo e analisá-lo frequentemente.

### **Questionários**

O procedimento de inquirimento através de um questionário permite ao investigador colocar questões face às “suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais (...) ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 1988, p.190). Este instrumento é também usualmente utilizado quando há um grande número de inquiridos e assim se verifica uma maior facilidade através dos questionários. Contudo, é necessário ter em atenção que a formulação das questões deve ser clara, para que a recolha de dados seja o mais fiável possível.

Aponta-se que, neste caso, os questionários serviram como forma de alcançar as famílias dos participantes, para a investigadora compreender o entendimento e/ou proximidade destas com o tema (anexo 3), bem como perceber se é dada relevância a este tema no contexto familiar. Verifica-se que este método é adequado por permitir a “análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos” (Quivy & Campenhoudt, 1988, p.191).

## **Entrevista**

Neste estudo foi realizada uma entrevista ao mentor da Escola de folclore da freguesia (anexo 4), que todas as semanas dá sessões de dança aos alunos do centro escolar. Considerou-se importante inquirir o mesmo, pois permite compreender uma visão alargada de uma pessoa muito experiente no mundo das tradições folclóricas, que conhece a história deste grupo de folclore e revela a importância de semanalmente poder alcançar os mais jovens com o seu saber. As informações obtidas através deste instrumento são importantes na medida em que, permite o contacto com outras realidades e a perceção de outros pontos de vista envolvidos, de certo modo, com o problema em estudo.

Foram também realizadas entrevistas aos alunos na fase final da investigação, nomeadamente, na última atividade do estudo. Durante a mesma procurou-se compreender a visão dos alunos quanto às atividades desenvolvidas, sintetizar e refletir acerca das novas aprendizagens, bem como, compreender os principais efeitos da investigação desenvolvida. Neste caso, pretendeu-se que esta entrevista fosse mais dialógica, permitindo que todos dessem a sua opinião sem qualquer constrangimento. Apesar de se procurar um diálogo informal com os alunos, a investigadora criou um guião (anexo 5), para assim conduzir da melhor forma a conversa.

A grande vantagem da utilização da entrevista é a proximidade que é tomada com os intervenientes e o facto de o entrevistador poder direccionar a conversa dando enfoque a aspetos mais relevantes para a investigação. Sendo que permite ao “investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.134). As entrevistas podem ser caracterizadas quanto à estruturação das suas questões, na entrevista estruturada, as questões são previamente formuladas; na entrevista não estruturada, as perguntas surgem no decorrer da conversa com o entrevistado, sem nenhum guião previamente preparado. Entre estes dois extremos encontramos as entrevistas semiestruturadas, na qual se enquadra a entrevista efetuada no estudo.

## Intervenção Educativa

A intervenção educativa referente ao presente estudo decorreu ao longo de catorze semanas, entre os meses de outubro de 2015 e janeiro de 2016, que coincidiram com a PES II. Três destas semanas serviram para observar todo o contexto educativo, bem como a turma com a qual se desencadearia a investigação. Estes primeiros momentos de observação foram fulcrais quer na ótica de professora estagiária, quer para o papel de investigadora para deter o primeiro contacto com o grupo de trabalho e fazer o levantamento dos primeiros dados acerca do grupo de participantes em estudo.

Tendo em atenção que a investigação tem como intuito primordial compreender o compreender o contributo que o folclore tem para a construção da identidade e consciência cultural de alunos do 1º ano de escolaridade, foi necessário apresentar atividades que despertassem o interesse e aguçassem a curiosidade dos intervenientes.

Posteriormente, apresentam-se e caracterizam-se as atividades implementadas no âmbito do estudo aqui retratado, nomeadamente, os principais objetivos de cada sessão, bem como a data de implementação de cada tarefa. Estes dados encontram-se apresentados através de uma tabela de modo a facilitar a leitura.

**Tabela 1:** Descrição da intervenção educativa

Atividade	Designação da atividade	Data de Implementação	Objetivos da atividade
A1	O que sei sobre o folclore...	11 de novembro	<ul style="list-style-type: none"><li>• Identificar as ideias prévias dos alunos sobre a temática.</li><li>• Inserir o tema em sala de aula;</li></ul>
A2	Com o folclore aprendo a...?	26 de novembro	<ul style="list-style-type: none"><li>• Gerar interesse e motivação com o tema;</li><li>• Reconhecer as conceções dos alunos acerca do tema;</li></ul>

<b>A3</b>	Os trajes tradicionais	9 de dezembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proporcionar o contacto com trajes tradicionais;</li> <li>• Incentivar à preservação dos usos e costumes;</li> <li>• Instruir acerca de tradições dos antepassados;</li> </ul>
<b>A4</b>	As letras das músicas tradicionais	5 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceber interdisciplinaridade do tema com as áreas de conteúdo;</li> <li>• Reconhecer a cultura presente nas letras e músicas tradicionais;</li> </ul>
<b>A5</b>	O que aprendi sobre o folclore	18 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os progressos alcançados ao longo da investigação;</li> <li>• Reconhecer as novas noções sobre o folclore;</li> <li>• Sintetizar e refletir sobre as novas aprendizagens.</li> </ul>

## Procedimentos de análise de dados

Sendo este um estudo de cariz qualitativo, o seu contínuo vínculo nas suas diferentes fases de desenvolvimento, cópula o problema em estudo aos dados recolhidos. Assim, o momento de análise e interpretação de dados é tão decisivo quanto a situação problemática, uma vez que, na investigação qualitativa os dados recolhidos assumem diversas formas como, vídeos, desenhos, objetos, entre outros, e para além disto, a fase de recolha e análise de dados afetam-se e completam-se mutuamente (Coutinho, 2014).

Importa referenciar que, durante todo o processo foram díspares os momentos de especial interesse para a problemática em estudo. Assim, a análise e reflexão tornaram-se uma constante por parte da investigadora ao longo de todo o processo, contudo, notoriamente mais evidentes na fase final da investigação. Havendo um entendimento mais dilatado de todo o estudo, foi importante definir a forma como se deveriam analisar todas as evidências recolhidas, para assim ser possível responder às questões de investigação e consequentemente, ao problema definido. A análise pressupõe a passagem por três momentos distintos, a descrição, análise e interpretação de dados, ou seja, inicialmente deverá haver uma narração de tudo aquilo que foi efetuado pelo investigador, para que logo de seguida se alcance um estabelecimento de relações e por fim seja atribuído significado aos dados recolhidos por parte do investigador (Coutinho, 2014).

Com efeito, é sabido que “pelo caráter aberto e flexível, os planos qualitativos produzem quase sempre uma enorme quantidade de informação descritiva que necessita de ser organizada e reduzida” (Coutinho, 2014, p.216), para que assim se possua uma maior facilidade na interpretação dos dados. Esta redução e codificação de dados é feita posteriormente ao estudo, visto que é após a análise que o investigador procura aferir modelos de pensamento ou comportamentos que possibilitem a existência de uma categorização, deste modo as categorias emergem dos próprios dados.

O processo de categorização é caracterizado por Coutinho (2014), como “rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo) em razão de características comuns” (p. 221). Deste modo, as categorias surgem como um meio de classificar os dados descritivos que foram recolhidos (Bogdan & Biklen, 1994). Sabemos que, “teoricamente, cada resposta é única, mas, na prática, as respostas têm tendência a agrupar-se” (Vale, 2004, p.184), assim para que seja possível chegar até às categorias é necessário que sejam encontradas

regularidades, procurando padrões, fazer agrupamentos e notar relações entre variáveis (Vale, 2004).

Para a análise deste estudo foram definidas categorias tendo por base o problema e as questões de investigação, mas também ajustadas aos dados recolhidos. Da primeira questão – *Quais as concepções dos alunos relativamente ao folclore?* – despontou a categoria *concepções dos alunos* (CA). Neste caso, todos os dados obtidos ao longo da investigação, são considerados como forma de avaliação desta categoria, isto porque, graças à dinâmica conseguida pela investigadora, permite-nos reconhecer se existiu alguma alteração relativamente à visão dos alunos sobre o tema. Uma outra categoria apontada para análise do estudo foi o *envolvimento* (E) dos alunos com a temática e o projeto, para assim se perceber de que forma se sentem motivados e interessados na realização das atividades propostas sobre o tema. Considera-se que o envolvimento com as atividades propostas condiciona todo o seguimento da investigação, daí a sua importância ao longo da mesma. Dado que, compreender o contributo do folclore para a formação da identidade cultural dos alunos foi um dos aspetos mais importantes analisar, desta mesma questão emergiu a categoria *formação cultural* (FC). Sabe-se que este aspeto é demasiado complexo de avaliar, contudo, ao longo de toda a investigação foi possível averiguar a existência de evolução a este nível, através de alguns descritores apontados para o efeito.

Todas as atividades realizadas, foram analisadas através das diferentes lentes acima referidas. Importa ressaltar que em alguns casos de análise, apenas foram empregues algumas das categorias por se considerarem as mesmas mais adequadas aos objetivos pretendidos. Realça-se desde já que, apenas na quarta atividade não foi tida em conta a categoria concepções dos alunos, por se considerar que a mesma não se adequava ao desenvolvimento da atividade.

De seguida são apresentadas as categorias de análise e respetivos indicadores, para que se compreenda o modo de análise e interpretação da investigadora. Bem como os diferentes níveis de desempenho nas respetivas categorias.

## Categorias de análise

Categorias de análise	Descritores	Níveis de desempenho		
		1	2	3
<b>Concepções dos alunos (CA)</b>	Explicações e interpretações sobre o tema;  Assimilação do conhecimento obtido acerca do tema;			
<b>Envolvimento (E)</b>	Motivação para as atividades;  Interesse pelo tema;  Empenho nas atividades de aprendizagens sobre o tema;			
<b>Formação cultural (FC)</b>	Compreensão em torno da simbologia dos trajes e do seu uso enquanto ferramenta de conhecimento local;  Ideias em torno da importância das gerações mais velhas como transmissoras de práticas culturais em torno do folclore;  Revela consciência do valor cultural das tradições;			

**Quadro 1:** Categorias de análise



## Níveis de desempenho nas categorias

- Categoria das concepções dos alunos

Categoria: Concepções dos alunos	<b>Nível 1- CA1</b> Não revela qualquer conhecimento sobre o tema
	<b>Nível 2- CA2</b> Revela algum conhecimento sobre o tema.
	<b>Nível 3- CA3</b> Revela bastante conhecimento sobre o tema

- Categoria do envolvimento

Categoria: Envolvimento	<b>Nível 1- E1</b> Não está motivado para a atividade; Não se interessa nem participa ao longo da atividade.
	<b>Nível 2- E2</b> Está pouco motivado para a atividade; Interessa-se e participa pouco na atividade.
	<b>Nível 3- E3</b> Está bastante motivado para a atividade; Está bastante interessado e participa ao longo da atividade.

- Categoria da Formação cultural

Categoria: Formação Cultural	<b>Nível 1- FC1</b> Não conseguiu apreender dados de valor para a sua formação cultural.
	<b>Nível 2- FC2</b> Apresentou alguns aspetos de valorização cultural.
	<b>Nível 3- FC3</b> Desenvolveu consciência identitária e cultural do fenómeno folclórico

Ao longo da análise, para que fosse possível organizar toda a informação da investigação, procurou-se proceder a uma organização de todos os dados, para que assim fosse mais compreensível para a investigadora obter a informação mais adequada. Deste modo, na tabela seguinte são espelhados os métodos de recolha de dados e categorias de análise para cada uma das questões de investigação definidas.

**Tabela 2:** Ligações entre as questões de investigação, métodos e categorias de análise

Questões de investigação	Método de recolha de dados	Categorias de análise
1-Quais as conceções dos alunos sobre o folclore?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação;</li> <li>• Partilhas dos alunos aquando a implementação de atividades.</li> <li>• Desenhos dos alunos;</li> </ul>	Conceções dos alunos (CA) Envolvimento (E)
2- Que contributo trouxe o presente estudo ao grupo de alunos?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação;</li> <li>• Partilhas através de diálogo nas atividades implementadas;</li> <li>• Entrevista ao mentor do projeto;</li> <li>• Entrevista final aos alunos;</li> </ul>	Conceções dos alunos (CA) Envolvimento (E) Formação Cultural (FC)
3- O folclore poderá contribuir para a formação da identidade e consciência cultural dos alunos do 1º CEB?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação;</li> <li>• Partilhas através de diálogo nas atividades implementadas;</li> <li>• Entrevista final aos alunos;</li> <li>• Questionários aos encarregados de educação.</li> </ul>	Conceções dos alunos (CA) Envolvimento (E) Formação Cultural (FC)

## **Calendarização do estudo**

Considera-se relevante descrever o modo como decorreu toda a investigação, enquadrando as suas diferentes etapas ao longo do tempo, sendo que o estudo se desenvolveu entre outubro de 2015 e setembro de 2016. A primeira fase correspondeu a um aglomerado de tópicos que auxiliaram no começo deste estudo, num primeiro momento a pesquisa bibliográfica relacionada com a investigação em educação, desde a observação ao grupo de crianças e ao contexto que em conjunto permitiram alcançar a definição do problemas e questões de investigação. De encontro a todos estes tópicos, surge a revisão de literatura, que foi sendo construída e reformulada de modo a sustentar teoricamente as opções metodológicas e o tema em estudo.

Numa fase seguinte, seguiu-se a formalização dos pedidos de autorização aos encarregados de educação, para que todo o estudo fosse realizado com base num trabalho honesto e cumprisse todos os critérios de permissão de recolha de dados, tendo sido preservado o anonimato dos participantes ao longo da investigação e por essa razão os seus nomes aparecerem codificados. Também numa fase inicial da intervenção educativa neste contexto, julgou-se importante obter o contributo do responsável pelas sessões de danças folclóricas, pela sua grande envolvimento a este tema e por ser um dos grandes responsáveis pelo projeto, auxiliando a investigadora a compreender melhor a evolução deste projeto, bem como o seu contributo para o folclore existente na freguesia.

Com efeito, ultrapassados os primeiros passos a cumprir, decorreu a seleção de atividades, embora que de um modo muito superficial, tendo em conta que muitas das atividades posteriores resultaram de interpretações de outras. Seguiu-se então a implementação das atividades de onde surgiu grande parte da recolha de dados através de observações - notas de campo, gravações de vídeo, fotografias e desenhos produzidos pelos alunos no decorrer das atividades. Para além disto, procedeu-se ainda à distribuição de inquéritos pelos pais das crianças, de modo a perceber a sua envolvimento com o tema e a pertinência que consideravam que este poderia ter para construção cultural e pessoal dos seus filhos. No final de cada atividade a investigadora procedeu a uma reflexão de modo a perspetivar qual o melhor caminho a delinear para a investigação, tendo sempre em atenção as expectativas entretanto manifestadas pelos alunos.

Posteriormente, procedeu-se à análise e interpretação dos dados, de modo que pudesse ser dado o mote para a redação das conclusões que procuram dar resposta às questões de investigação apontadas inicialmente.

No quadro seguinte é apresentada toda a calendarização de forma sintetizada.

<b>Datas</b> <b>Etapas da investigação</b>	out. 15	nov. 15	dez. 15	jan. 16	fev. 16	mar. 16	abr. 16	mai. 16	jun. 16	jul. 16	ago. 16	set. 16
Pesquisa bibliográfica												
Observação do grupo												
Caracterização do contexto educativo												
Definição do problema e questões de investigação												
Revisão Literária												
Questionários aos pais												
Entrevista ao mentor do projeto escolar												
Implementação das atividades												
Recolha de dados												
Análise de dados												
Conclusões												

**Quadro 2:** Calendarização do estudo

## **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

Neste segmento do relatório são apresentados todos os dados recolhidos, através de uma exposição detalhada, para que assim seja possível refletir e consequentemente responder às questões propostas inicialmente.

Os dados recolhidos são apresentados segundo uma lógica cronológica em que aconteceram, para que assim haja uma visão mais ampla e coesa de todo o processo de investigação. Desta forma, e para que seja possível conhecer de forma mais aprofundada o projeto escolar do qual nasceu esta investigação, esta secção é iniciada com apresentação dos dados recolhidos através da realização de uma entrevista ao mentor do projeto “O folclore na escola”, o que permite obter um maior conhecimento acerca do tema abordado.

De seguida, apresentam-se todas as atividades implementadas pela investigadora, sendo desde logo analisadas todas as evidências que sustentam o problema investigado.

### **Entrevista ao mentor do Projeto - O Projeto de danças tradicionais folclóricas na escola**

Como já foi referido anteriormente, esta investigação progride da existência de um projeto curricular da escola onde decorreu o trabalho de investigação. Deste modo, considerou-se pertinente compreender como surgiu esta ideia tão peculiar e distinta de criar sessões ligadas ao folclore na escola. Para isso, procedeu-se a uma entrevista (anexo 4) que foi realizada pela investigadora ao mentor responsável por conduzir este projeto. Toda a entrevista foi gravada sob autorização prévia do entrevistado, o que permitiu que posteriormente a investigadora voltasse a ouvir todos os dados recolhidos. Desta forma, foi feita uma transcrição de toda a entrevista (anexo 6), contudo, para que haja uma melhor compreensão acerca é feito um pequeno relato e descrição dos principais dados recolhidos para que haja uma melhor assimilação deste projeto. De notar que, dada a abertura que é permitida pela entrevista entre a investigadora e o entrevistado, algumas questões foram aprofundadas segundo o rumo da conversa.

Através da entrevista compreendemos que o entrevistado, se encontra ligado ao folclore desde 1955, pelo facto de os seus pais e familiares se dedicarem muito a estas tradições e procuravam levá-las para todas as gerações. Evidentemente que, por desde muito novo estar próximo deste costume a sua paixão se foi mantendo ao longo dos anos, sendo que neste momento procura preservar esta tradição através deste projeto com o Centro Escolar, mas

também, na Escola de Folclore da freguesia, da qual foi um dos rostos impulsionadores da criação da mesma.

Foi no ano de 1990 que abordaram o entrevistado, propondo-lhe que pudesse ensaiar as crianças de uma das escolas da freguesia (à data existiam duas instituições), isto porque os professores consideravam que era importante que as crianças reconhecessem uma das tradições mais antigas da freguesia. Aceite o desafio, passou a ensaiar uma vez por semana todas as crianças daquela escola, para que no final do ano letivo houvesse uma apresentação aos pais. Contudo, a diretora da outra escola da freguesia aborda o entrevistado mostrando-lhe o quanto lhe entristecia que não houvesse um projeto tão enriquecedor como aquele na escola que geria. Foi em 1994 que este projeto começa a fazer parte desta escola até aos dias de hoje.

Através das palavras proferidas pelo entrevistado compreendemos o quanto este projeto deixou radiantes todos os pais, porém no final do ano letivo todos ficavam desconsolados por não ver continuidade naquele trabalho, sobretudo o ensaiador, uma vez que verificava muito potencial em algumas crianças. Foi no ano de 2001, que alguns dos pais se juntaram e propuseram que fosse fundada uma Escola de Folclore na freguesia para que as crianças pudessem ter contacto com esta tradição, disfrutando de tudo que a mesma lhes pode transmitir. Compreendemos então o quanto esta localidade preserva e mantém vivas as suas tradições, usos e costumes da terra, permitindo que os mesmos sejam transmitidos às gerações mais jovens. Apesar disto, segundo o mentor do projeto, mostram também a sua tamanha tristeza por perceber que de certa forma tudo isto se desvanece com o passar dos anos, relatando que as principais evidências se prendem pela constante comercialização de produtos envoltos da tradição e também pelas pessoas mal trajadas nas festas e romarias.

Explicando porque considera ser importante este projeto e que mais valias traz o mesmo para as crianças, o entrevistado revela-nos diversos aspetos como a postura de rigor, disciplina e atenção que a dança tradicional traz às crianças. Mas, acima de tudo, enumera aspetos como a imortalização destes usos e costumes que permitem às crianças reconhecer o modo como viviam os nossos antepassados, reconhecendo valores e memórias de outros tempos, assumindo que a maioria não sabe nada do modo como se vivia antigamente, nem reconhece o verdadeiro valor nas tradições. O entrevistado reconhece ainda que, as sessões que concede aos alunos semanalmente, pouco lhes enriquece culturalmente, pois acredita que com mais tempo conseguiria transmitir muito mais, contudo “já é ótimo que pelo menos saibam a cultura que há nas nossas músicas e danças”, remata o mentor.

## **Análise à entrevista**

Através da recolha de dados obtida nesta entrevista foi permitido à investigadora obter um novo olhar acerca deste projeto escolar, e consequentemente, encaminhar de forma mais cuidadosa o rumo da sua investigação. Para além disto, junta-se o facto de ser possível obter um novo olhar sobre o tema, e compreender a visão mais alargada de alguém que surge ligado a este projeto há muitos anos e que apreende um vasto conhecimento acerca do tema, mas também a ligação do mesmo com os alunos.

Compreende-se então, que este foi um projeto inovador que surgiu há muitos anos, e a perseverança do mesmo decorre da forte adesão quer por parte dos professores quer pelos próprios alunos. Verifica-se também a importância do papel da família na escola, quando atualmente verificamos muitas vezes que, os pais/encarregados de educação, limitam a sua participação na vida escolar dos filhos à comparência em reuniões semestrais com os docentes, é fundamental que os mesmos apreendam a relevância de motivarem as instituições escolares a criarem novos e diversificados alicerces aos seus educandos. Ficou evidente ao longo desta entrevista que a continuidade deste projeto se deveu, em muito, ao papel interveniente de alguns encarregados de educação.

A mesma entrevista, motivou a investigadora a analisar de forma mais minuciosa o projeto e como o mesmo se desenvolve. Apesar de todo este trabalho se revelar uma mais valia para a aproximação dos alunos ao folclore, na ótica da professora investigadora este trabalho acaba por ser demasiado vago, dado que, os alunos apenas têm oportunidade de ter contacto com as danças tradicionais e verificado o vasto conhecimento do mentor do projeto acerca do tema, muito mais poderia ser transmitido aos alunos ao longo do mesmo.

Ficou também evidente que para o ensaiador das crianças, as mesmas são privilegiadas por poderem usufruir de um projeto tão enriquecedor, que tal como refere permite que reconheçam o modo como se vivia antigamente e os principais costumes. Contudo, um ponto muito importante desta entrevista, prende-se pelo facto de o mentor demonstrar a sua tristeza quando percebe que toda esta tradição se desvanece ao longo dos tempos. Compreende-se aqui que, este projeto curricular permite que haja algum investimento na preservação do folclore, pois é também dever das escolas que tal aconteça.

Apesar de muitas destas crianças reconhecerem estas tradições por serem de freguesias onde esta memória ainda se mantém, sabe-se que atualmente, poucos são os alunos que reconhecem e valorizam o seu passado.

Na ultima questão são levantadas afirmações muito importantes para o presente estudo. O entrevistado afirma que o folclore existe “para sabermos imortalizar o passado, através da partilha de vivências e memórias”, denotam-se aqui conceitos muito importantes como a partilha e memória. Claramente que, senão existir esta partilha sobre aquilo que foram os costumes e tradições dos nossos antepassados, jamais existirá valorização das raízes pessoais de cada um. Para além disto, o conceito de memória é frequentemente utilizado na literatura acerca do tema, uma vez que tal como menciona Rüsen (2007, citado em Solé, 2013) “o passado é mantido vivo pela memória e a história é também memória” (p.2), claramente que se não forem dadas condições aos alunos de reconhecerem e valorizarem esse passado, a memória do passado será claramente perdida ao longo dos tempos.

A última citação desta entrevista, serve também para refletirmos sobre o papel dos professores, o mentor do projeto justifica o facto de não transmitir mais ensinamentos aos alunos através das suas sessões porque “os professores não podem perder muito tempo nestas coisas”, mas serão realmente estas sessões perda de tempo? Certamente que não. E é pertinente que também os docentes se consciencializem do valor que estes temas possuem para a evolução histórico-cultural dos seus alunos, devendo por isso valorizar mais estes conteúdos em sala de aula.



## Questionários aos Encarregados de Educação

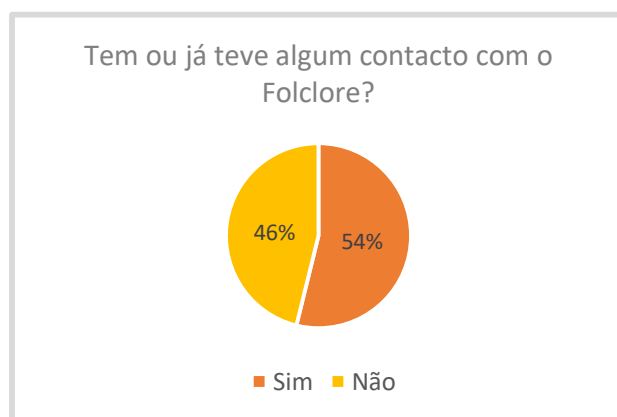
O inquérito por questionário aos encarregados de educação dos alunos envolvidos nesta investigação (anexo 3), procurou informar a investigadora sobre a envolvência das famílias com o tema em estudo, ou seja, se de algum modo no contexto familiar se proporcionam momentos ligados ao folclore, e ainda, compreender de que modo consideram que este tema possa contribuir para o enriquecimento cultural dos seus educandos. Uma vez que, na turma, nem todos os encarregados de educação são pais dos alunos, a investigadora refere-se sempre aos mesmos como encarregados de educação.

Procurou-se que este método de investigação fosse prático e simples, apresentando alguns dados à investigadora sobre a visão da família das crianças sobre o tema, é também neste sentido que será feita a análise. Contudo, é necessário ter em atenção que uma das questões colocadas é de carácter aberto, pelo que foram amplas e diversas as respostas dos encarregados de educação.

É pertinente realçar que apenas treze dos dezassete encarregados de educação devolveram o inquérito devidamente respondido.

### ***Contacto das famílias com o folclore***

Pela observação dos dados recolhidos e analisados através das respostas aos inquéritos, foi possível perceber que a maioria dos encarregados de educação, têm ou tiveram alguma ligação com o folclore. No gráfico 1 é possível compreender este facto através da organização dos dados.



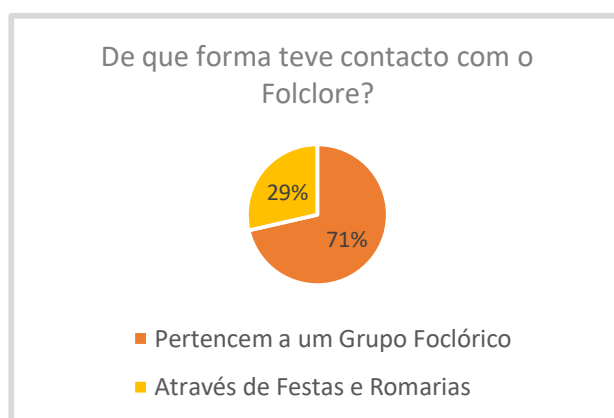
***Gráfico 1: Ilustração do contacto dos encarregados de educação com o folclore***

No gráfico 1, observamos que sete dos encarregados de educação admitem já ter tido algum contacto com este tema. Compreende-se que, de certo modo também parte dos alunos poderão também já ter tido algum contacto com o folclore através das suas famílias.

Todavia, sendo estes dados ainda escassos, verifica-se a importância de compreender de que forma foi feito este contacto dos encarregados de educação com o folclore, tal como foi solicitado na segunda questão.

### ***De que modo as famílias tiveram contacto com o folclore***

Apesar de esta questão ter um cariz aberto, e serem esperadas diversas respostas, salienta-se que analisados os esclarecimentos dos encarregados de educação, os dados espelharam duas opções distintas do contacto com o folclore. Uma vez mais, para facilitar a leitura dos dados recolhidos os mesmos encontram-se sintetizados no gráfico 2.



**Gráfico 2:** Forma de contacto dos encarregados de educação com o folclore

Os dados traduzidos no gráfico 2, foram conseguidos através das respostas positivas à primeira questão, ou seja, sete dos encarregados de educação explicitaram de que modo tiveram contacto com o folclore. Com efeito, foi possível dividir o tipo de contacto em dois grandes grupos e assim, compreende-se que cinco dos encarregados de educação afirmam que o seu contacto é feito através da participação em Grupos Folclóricos, dois dos encarregados explicam que a sua familiaridade se prendeu apenas pelas festas e romarias.

Em síntese, perante os resultados revelados nestas duas questões iniciais percebe-se que a maioria dos encarregados de educação se encontram de certa forma familiarizados com o tema, é desde já um sinal positivo a existência de famílias que participam em grupos

folclóricos, na medida em que, potencialmente também os seus educandos partilham deste contacto. Nota-se que estamos num território em que esta componente sociocultural, constitui o foco central da identidade dos povos. Realça-se que, a ocorrência da maioria das crianças pertencerem ao meio local do contexto educativo, ou arredores, permite que vivam num local privilegiado quanto à valorização do folclore, pois como já havia sido referido, esta é uma freguesia distinta no que diz respeito à preservação desta tradição.

### ***Conceções dos encarregados de educação sobre a contribuição do folclore para o enriquecimento cultural e pessoal das crianças***

As famílias do grupo de crianças demonstraram ter um grande sentido de compreensão da importância das tradições, nomeadamente o folclore, para o enriquecimento dos seus educandos. Salienta-se que dos treze questionários recolhidos, dois dos encarregados de educação não responderam a esta questão, por motivos desconhecidos. Sendo que por isso, apenas foram analisados onze questionários na terceira questão.

Num momento em que se pretendia avaliar o modo como os encarregados de educação valorizam o contributo de diferentes tradições e sobretudo do folclore, surgem respostas bastante positivas e conscientes da relevância destas temáticas para os seus educandos. Na maioria das respostas constata-se que os encarregados de educação remetem a importância do folclore para facto de as crianças compreenderem através do mesmo a história dos nossos antepassados, tal como se confirma nas seguintes afirmações de alguns questionários:

Encarregado de educação (EE) aluno A - Conhecer o passado ajuda a entender o presente para preparar o futuro.

EE aluno R - Para ajudar a perpetuar a memória popular, presente nas músicas e letras, fazendo com que as crianças entendam o passado/história dos antepassados.

EE aluna LC - O conhecimento de tradição e de experiências/vivências de outros tempos, ajuda a conhecer o passado para refletir o presente e projetar o futuro.

Claramente que tais declarações demonstram à investigadora o completo entendimento dos encarregados de educação acerca do tema, consciencializando a importância inerente ao nosso passado como forma de valorizar o nosso futuro, tal facto comprovado pela literatura específica em Educação Histórica, como refere Seixas (2004, citado em Solé 2013) “a compreensão do passado individual e coletivo, fatores cognitivos e culturais, contribuem para a compreensão do presente e do futuro” (p.3).

Acredita-se que pelo facto de grande parte das crianças serem provenientes desta freguesia, ou de outras vizinhas, as suas famílias têm um maior contacto com este assunto e encontram-se de certo modo enraizadas por este. É fundamental que, nos dias de hoje as pessoas mantenham a consciência que é através das tradições que poderemos reconhecer o nosso passado, e é por isso nosso dever criar as oportunidades para as crianças compreenderem um pouco da história dos nossos antepassados.

Alguns encarregados de educação aludem ao facto de as crianças ficarem a compreender os costumes e tradições de antigamente, como se observa na afirmação, “É uma mais valia para a nossa sociedade, é muito importante para as crianças conhecerem coisas e costumes”, e ainda, “Permite dar a conhecer às crianças a cultura das suas terras quando promovem recriações de cenas como por exemplo, vindimas, apanha do sargaço, desfolhada, etc.”. Estes encarregados de educação atendem à importância do reconhecimento de tradições passadas, para que todos reconheçam a cultura inerente a tais atividades. Observa-se também o grande conhecimento cultural destas famílias, de tal modo, que não abordam o folclore como sendo um tema insignificante, contrariamente, assumem a sua importância na valorização cultural dos nossos antepassados:

EE aluna J - Sendo o folclore o saber do povo, pode contribuir com a transmissão das vivências, tais como, jogos tradicionais, os usos e costumes dos nossos antepassados.

Tal afirmação demonstra a percepção de que, é possível que os alunos reconheçam, não só tradições, mas também vivências e curiosidades do dia-a-dia das pessoas de antigamente. É através da transmissão destes ensinamentos que os alunos terão oportunidade de valorizar tudo aquilo que os rodeia, sobretudo o património cultural. Infelizmente, verifica-se nos dias de hoje que poucas são as oportunidades dadas às crianças para que possam enraizar estes saberes, formando a sua identidade de forma consciencializada culturalmente.

## **Reflexão sobre a visão dos Encarregados de Educação**

A família é sem dúvida fundamental no longo caminho que a criança percorre, sobretudo durante seu processo de integração social. Deve ser uma constante preocupação dos encarregados de educação tudo que concerne o crescimento dos seus educandos, não devendo remeter somente a sua preocupação para as aprendizagens formais do currículo, mas também valorizar e promover as aprendizagens histórico-culturais. É cada vez mais importante que seja dada a oportunidade aos alunos, de se envolverem com os aspectos do meio em que se inserem.

Deteta-se através das respostas aos questionários que na sua maioria, os encarregados de educação deste grupo se encontram consciencializados pelo tema, de tal modo que demonstram ter conhecimento da importância do mesmo para os seus educandos. Aspeto indispensável para a formação cultural das crianças, pois “primeiro de tudo temos de nos consciencializar que a cultura não se adquire somente na escola (...) a família, com todas as suas tradições e variadas maneiras de ensinar” (Vieira, 1992, p.5/6), devem contribuir ativamente para proporcionar aos seus educandos vivências significativas que procurem potenciar a cultura folclórica.

De um modo geral, ao longo das respostas verifica-se que os encarregados de educação valorizam o folclore, sobretudo por se tratar da memória popular e valorização dos nossos antepassados. Outro aspeto importante ressalva-se por esta temática auxiliar na consciencialização do passado, mas também do presente.

Evidentemente que, para que seja possível as crianças valorizarem desde cedo, e se consciencializarem para a importância quer do folclore, quer de qualquer tradição que contribua para a sua formação cultural, é crucial que seja criada uma ponte entre escola e família. Deste modo, e seguindo esta linha de pensamento, todo este trabalho será mais facilitado se existir cooperação.

Em suma, apreende-se que na sua maioria os encarregados de educação deste grupo revelam uma grande perceção e valorização do folclore e o quanto este poderá contribuir para o enriquecimento cultural dos seus educandos.

## **Atividade 1: O que sei sobre o folclore...**

### **Reflexão sobre a exploração da atividade**

A primeira atividade desenvolvida envolta deste tema, teve como propósito e, seguindo a linha metodológica adotada, proceder ao levantamento das ideias prévias dos alunos acerca do tema, pois como defende Barca (2004), é importante “levantar e trabalhar de forma diferenciada as ideias iniciais que os alunos manifestam” (p.136), para que assim o trabalho seja guiado de forma mais coerente segundo as ideias que apresentaram.

Posto isto, em modo de diálogo, a professora estagiária/investigadora começou por introduzir o tema e questionar os alunos sobre o que fazem habitualmente nas sessões de danças folclóricas, percecionando de que forma estas conseguem favorecer os alunos. Desde logo, ficou evidente o interesse de grande parte dos alunos sobre este tema, pela envolvimento que mantiveram, com constante vontade de responder às questões colocadas e intervir na atividade. Apesar de os alunos não estarem acostumados a momentos de diálogo e discussão em grande grupo, surpreendentemente a adesão a esta atividade foi positiva pela forma como todos se tentaram organizar em grande grupo e partilhar a sua visão, sendo os próprios alunos a criar momentos de discussão colocando questões e intervindo nas opiniões dos colegas. Contudo, importa também ressaltar que em intervenções futuras é importante que haja algum suporte material para acompanhar a discussão de ideias, de forma que o diálogo não seja tão monótono e todos os alunos se mantenham motivados para o tema.

Ficou evidente que, apesar do grande entusiasmo, alguns alunos foram revelando expressões de estranheza por aquele tema ser falado em sala de aula – questionando se iam dançar. A investigadora procurou conduzir o diálogo, de modo a cumprir os objetivos propostos, no entanto foi dada liberdade para que os alunos pudessem interagir entre si.

Por fim, solicitou-se que através de uma folha, sem qualquer restrição, que cada aluno registasse da forma que considerasse pertinente aquilo que sabe acerca do tema abordado ao longo desta sessão. Este foi também um momento que permitiu à investigadora circular pelos diferentes lugares, recolhendo mais facilmente algumas afirmações que não são possíveis captar no trabalho de grande grupo. Salienta-se, uma vez mais, o quanto pode ser vantajoso este método, na medida em que desta forma há um registo físico do procedimento da atividade, podendo a investigadora atentar a diversos pormenores do mesmo. Este é também uma forma de arquivo de todo o processo de aprendizagem, podendo posteriormente ser analisados, procedendo a uma comparação na fase final do projeto.

## **Análise da atividade**

Naquela que foi a primeira atividade implementada para realização desta investigação, a maioria do grupo despoletou um grande interesse e motivação para abordar o tema. Contudo, foi evidente que, pelo facto de semanalmente abordarem o folclore através da dança, inicialmente, causou estranheza abordar o tema em aula.

Aluno E - O folclore é à segunda-feira, não é hoje!

O aluno E demonstrou logo a sua admiração pela professora/investigadora, estar a abordar aquele tema em sala de aula, associando de imediato o mesmo às sessões periódicas de danças folclóricas, contudo de certo modo, todo o grupo considerou o mesmo e quase em uníssono gritaram:

Alunos – Vamos dançar dentro da sala!

Desde logo, ficou evidente que a maioria dos alunos coligaram imediatamente a palavra folclore à dança, o que demonstra a noção redutora que possuem acerca deste tema. No entanto, a familiaridade que alguns detêm com o folclore levou esses alunos a manifestarem a sua visão, demonstrando que têm a capacidade de remeter o tema para outros aspetos.

Aluna LC - Ou a professora Mariana pode nos mostrar outras coisas!

Investigadora- Outras coisas? Que coisas poderei eu mostrar?

Aluna LC- Podes mostrar as danças de outros sítios sem ser as de cá!

Aluno F- Ou então podes mostrar-nos aquelas roupas que eles usam quando dançam...

Aluna J- Trajes! Eu tenho um traje, porque ando no rancho com os meus pais!

Através destas afirmações pode constatar-se que estes alunos revelam desde já uma visão mais alargada do tema, não se focando somente na dança que aprendem semanalmente, e mostrando-se entusiasmados sugeriram novas abordagens do tema. Verifica-se que a aluna LC, apesar de fazer referência às danças divulga ter consciência acerca da diversidade cultural, associando que a investigadora poderia apresentar “danças de outros sítios”, reconhecendo que existem diferenças entre as danças de vários locais. Por outro lado, o aluno F, associou imediatamente o tema aos trajes, que caracterizam habitualmente esta temática. Apesar destas afirmações mais elaboradas, a maioria dos alunos não conseguem visualizar o folclore de uma forma mais ampla quanto os exemplos anteriores e na sua maioria, revelaram dificuldades em responder sobre o que sabem sobre o folclore.

Aluna MV- O folclore é as pessoas poderem dançar!

Investigadora- É só isto que sabem sobre o folclore?

Aluno G- Não! Quem anda no folclore vai a atuações onde dança e canta!

No que concerne às afirmações anteriores, ao longo desta primeira interlocução foi perceptível para a investigadora que as concepções das crianças eram muito vagas, contudo, dado que muitos dos alunos sentem alguma apreensão a se expressar oralmente em grande grupo, a utilização do desenho demonstrou ser um método vantajoso e eficaz. Para além de muitos alunos preferirem a utilização deste recurso, permitiu que existisse uma conversa mais detalhada com cada um, de modo a compreender o que retratava o seu desenho e assim ficar mais perceptível as suas concepções sobre o folclore.

De facto, ficou evidente que através dos desenhos há uma grande riqueza de informação podendo fazer uma recolha de dados mais precisa e completa sobre o modo como os alunos percecionam o que os rodeia, neste caso, o folclore. Permitiu-se assim que, a investigadora pudesse posteriormente, analisar e comparar os desenhos, de modo a criar linhas de concepções do grande grupo. Também a literatura afirma que muitas vezes há uma desvalorização dos desenhos dos alunos, contudo, é um recurso importantíssimo para avaliação das capacidades cognitivas, afetivas e sociais, tal como afirma Goodnow (1979) “os desenhos no nosso olhar são bonitos, mas por vezes apenas ficamos com essa compreensão e não desmistificamos o que está por detrás do desenho e o que a criança quer verdadeiramente transmitir” (p.92). Perceciona-se assim o quanto é imprescindível criar diálogo para que haja uma noção clara do que as crianças procuraram retratar.

Apresentam-se de seguida alguns desenhos exemplificativos das diferentes linhas de concepções apontadas, considerados pela investigadora. Realça-se desde já que, embora visualmente todos os desenhos se mostrem muito idênticos, foi possível à investigadora através do diálogo com os alunos compreender mais facilmente o esboço e registar. No que concerne à apresentação dos desenhos, apenas serão expostos no corpo do texto, os que se consideram mais relevantes para a análise da atividade, ou restantes serão apresentados em anexo (anexo 7). Considera-se importante que existam alguns momentos de partilhas mais individuais, pois possibilita o alcance de uma avaliação mais coesa, podendo surgir momentos de discussão entre investigador e investigado.





**Figura 2:** Desenho da aluna AM



**Figura 3:** Desenho da aluna MC



**Figura 4:** Desenho da aluna J



**Figura 5:** Desenho do aluno F



**Figura 6:** Desenho do aluno R

Os desenhos apresentados anteriormente espelham as concepções da maioria do grupo em estudo, remetendo o folclore para o ato de dançar e cantar. Começa-se por destacar dois grandes tipos de desenhos, por um lado os alunos que desenharam dois intervenientes (homem e mulher) e por outro lado, os que desenharam vários elementos, demonstrando uma visualização do folclore como atividade em grupo. Destes exemplos, todos destacaram o ato de dançar, contudo, alguns utilizando afirmações diferentes e caricatas para responder à questão: *o que é o folclore?*

Aluno AM (figura 2) – Dançar, estalar os dedos e estar com os amigos.

Aluno R (figura 6) - Dançar e ir ao meio!

Aluno E – Dançar, virar e bater o pé!

Apesar de simples, estas afirmações honestas destacam-se pela demonstração de atenção dos alunos a pequenas particularidades do folclore, concretamente do ato de dançar. É também evidente que tais declarações partem pelas vivências que possuem e globalmente adquiridas ao longo das sessões semanais que têm na instituição, mas também por experiências pessoais. Denota-se ainda o facto de grande parte dos alunos afirmarem que o folclore, permite que estejam mais tempo com os amigos, o que demonstra conhecimento da dimensão comunitária e cultural do folclore.

Aluna L- Estar mais tempo com os amigos e pessoas adultas.

Aluno F (figura 5) - Conheço novos amigos e divirto-me!

Concebemos aqui a ideia de folclore como uma atividade em grupo, onde os alunos demonstram ter a noção de outros aspetos como o convívio e partilha de momentos com os seus amigos. De notar, que maioritariamente os alunos que despontaram estas sugestões convivem com o folclore fora da escola. Curiosamente, a aluna MC (figura 3) fez uma declaração distinta.

Aluna MC (figura 3) - O folclore é aprender a dançar com os seus maridos!

Tal comentário, eleva uma reflexão de como esta aluna perceciona o ato de dançar a pares como um momento de partilha e de afeto entre marido e mulher. Quando questionada sobre o porquê de tal afirmação, a aluna revela que este é um dos momentos em que vê os seus pais dançarem juntos e “parecem namorados alegres”. Evidencia-se a visão do folclore como uma comunhão de momentos em família, que alguns alunos têm oportunidade de experienciar e por essa razão faz com que a sua visão desta tradição seja mais vasta.

Para além deste grupo de desenhos analisados, no qual se destacam ideias como dançar, cantar e conviver com os amigos, distinguem-se outros alunos pela forma como abordaram o tema.



*Figura 5: Desenho do aluno T*

O aluno T (figura 7), apesar de demonstrar um desenho esteticamente dentro da mesma linha dos anteriores, revelou um novo sentido de apreciação do tema. Por um lado, aponta o folclore lembrando as suas sessões semanais na escola e afirma:

Aluno T – Serve para mostrar aos pais o que aprendemos.

Aqui evidencia-se uma visão mais centrada no processo escolar, ou seja, o modo como se processa o projeto curricular, os alunos ensaiam para que esse trabalho seja posteriormente apresentado aos pais. Por outro lado, o mesmo aluno interpela a investigadora afim de retificar e aperfeiçoar a sua frase, e acrescenta:

Aluno T – Também serve para sabermos mais coisas sobre o passado do tempo.

Com esta afirmação tão aprazível destaca-se aqui um maior sentido de identidade cultural relativa ao folclore, pois o aluno remete o mesmo para o “passado do tempo”, demonstrando total consciência que através do mesmo se retratam factos antecedentes. Esta afirmação está de acordo com o que a literatura específica em educação histórica afirma sobre o tema. Cooper (1995, citado em Barca & Solé, 2012) afirma que, as crianças têm contacto com muitos aspetos do passado, e por isso mesmo este não é uma abstração para as mesmas, sendo dever dos professores procurar diversificar temas e conceitos, pois só assim podemos alimentar a consciência do mundo social. É certo que este trabalho envolto de temas tão enriquecedores,

requer um trabalho constante e consistente, mas claramente que o mesmo pode e deve ser abordado desde cedo, pois traz importantes repercussões positivas para a vida dos alunos. Importa salientar que o aluno T (figura 7) se destacou pela sua maior compreensão do tema não o reduzindo ao ato de dançar, demonstrando desde já uma noção mais exata do folclore, remetendo-o para ensinamentos do nosso passado, e por essa razão já se encontrará num nível de conceção mais elevado que os exemplos anteriores.

Evidencia-se ainda que, dois dos alunos revelaram menos interesse pela atividade, apesar de terem cumprido o pedido da investigadora o seu desenho foi muito redutor e afirmaram que para eles o folclore:

Aluno G – Não é nada!

Aluna MV – Não me lembra nada!

No que concerne às afirmações destes alunos, presumivelmente ambos não têm vivências pessoais que lhes permitam compreender o que é e qual a importância deste tema.

Ainda do decorrer desta atividade deve-se destacar o facto de todos os desenhos serem similares, apresentando geralmente a figura masculina e feminina, a cor predominante foi o vermelho, sobretudo para colorir a roupa da mulher e o traje do homem surge em tons negros. Tal facto, antevê desde já que a maioria dos alunos possuem uma noção clara quanto aos trajes usualmente utilizados no folclore da região.

Tendo em conta a análise feita, averiguaram-se algumas variações nas várias categorias definidas para a análise dos dados.

Relativamente às conceções dos alunos (CA), verifica-se que na generalidade o grande grupo se encontra ao mesmo nível no que diz respeito a este aspeto, demonstrando que na sua ótica o folclore se resume a dança e convívio com os amigos, havendo apenas dois alunos que referem que o tema não lhes lembra nada. Pode-se afirmar que, de certo modo, esta categoria sofreu alguma variância ao longo do tempo da atividade, isto porque, conforme alguns alunos partilhavam com o grupo a sua opinião, os restantes tiveram oportunidade de assimilar as mesmas e reformular um novo discurso e novos pontos de vista acerca do tema. Ainda no que concerne a esta categoria, destacam-se dois alunos que demonstraram ter uma noção mais vasta e clara do tema, sendo que por isso se encontram num nível superior.

Quanto à categoria do envolvimento (E) dos alunos, esta foi bastante positiva na medida em que, na sua maioria todos estavam motivados e interessados na tarefa proposta. Contudo, este envolvimento foi sofrendo oscilações, com o decorrer da atividade alguns alunos

mostraram-se menos motivados e menos predispostos para conceber o desenho final da sessão, revelando alguma fadiga. Considera-se que este declínio se deveu ao facto de a atividade ser demasiado expositiva, não existindo variedade de estratégias de abordagem ao tema ao longo da atividade. Assim este é um ponto a modificar em intervenções futuras. Ainda dentro desta categoria podemos referir que na sua maioria o grupo de alunos se encontrou entre o nível 2 e 3, sendo que apenas dois alunos se situaram no nível 1, pela sua fraca aderência e participação na atividade.

Por fim, relativamente à categoria de análise formação cultural (FC), importa salientar que nesta primeira atividade, pretendeu-se também avaliar de que modo os alunos poderiam desde já evidenciar aspetos referentes à sua consciência cultural. Contudo, ficou evidente para a investigadora que quase todos os alunos se encontram no nível 1, não apresentando qualquer argumento que identificasse a sua consciência cultural envolta do folclore. Com a exceção de um aluno que revelou evidências sobre a importância que o folclore tem como memória do passado.

No quadro seguinte apresentam-se o número de alunos por categoria de análise, relativamente à primeira atividade.

Níveis de desempenho segundo as categorias	CA 1	CA 2	CA 3	E 1	E2	E3	FC 1	FC 2	FC 3
Número de alunos	15	2	—	1	3	13	16	1	—

**Quadro 3:** Número de alunos por categoria na 1ª atividade

## **Atividade 2: Com o folclore aprendo a...?**

### **Reflexão sobre a exploração da atividade**

Verificando-se através da primeira atividade que poucos eram os alunos que reconheciam o verdadeiro valor do folclore, remetendo-o simplesmente para a dança e canções tradicionais, assentou-se a necessidade de compreender se as sessões que têm sido efetuadas em volta desta tradição fazem com que os alunos lhes reconheçam algo mais associado que não apenas a dança. Deste modo, era urgente contribuir para fomentar novas conceções nos alunos.

Para isso, e tendo em conta as perspetivas de remediação apontadas na atividade anterior, motivadas pelo surgimento de algum desinteresse ao longo da atividade, foram apresentados alguns objetos associados ao tema: lenço tradicional, camisa regional, uma algibeira e as chinelas, para que deste modo a investigação começasse a ganhar novos contornos, explorando outras vertentes do folclore não conseguidas na implementação anterior. Curiosamente, neste momento foram alguns alunos que se propuseram a falar para a turma sobre tudo aquilo que sabiam acerca daqueles objetos e qual a sua utilização. De salientar, que grande parte destes alunos pertencem a Grupos Folclóricos da própria freguesia ou freguesias vizinhas.

Assim, foi proposto que cada aluno desenhasse aquilo que considerava que aprendia com esta tradição, ou aquilo que lhes transmite quando pensam no folclore. A professora investigadora procurou criar um pequeno diálogo individual com cada aluno, para registar o que retratava o seu desenho, para que assim a posterior análise dos dados recolhidos ficasse mais facilitada. Verificou-se ao longo desta atividade as dificuldades que muitos alunos tinham em expressar o que é para eles o folclore, maioritariamente pelo afastamento que sentiam do tema.

De um modo geral, a atividade foi mais positiva que a anterior, na medida em que os alunos se demonstraram mais motivados e predispostos a ouvir as novas aprendizagens. Curiosamente nesta atividade, foram explorados novos conceitos acerca do tema, o que permitiu à investigadora desenvolver novos momentos não planeados, graças ao envolvimento e participação de todo o grupo.

Recorda-se que nesta etapa do estudo se pretendia dar oportunidade aos alunos de adquirirem novos conhecimentos, tendo em atenção as suas ideias prévias. Contudo, a grande vantagem desta abordagem foi que o diálogo partiu dos interesses dos próprios alunos, o que dá um maior significado a toda esta exploração.

## **Análise de atividade**

O fator chave desta segunda intervenção no âmbito da presente investigação, prende-se pela utilização de objetos associados ao tema trabalhado, que auxiliaram em muito na constante motivação de todo o grupo no decorrer da atividade.

Tendo em atenção, uma vez mais, a linha metodológica utilizada pela investigadora, pretendia-se com esta atividade a transmissão de novos conhecimentos aos alunos, tendo por base os dados recolhidos na primeira atividade, onde se reconheceram as primeiras conceções dos alunos. Ultrapassada essa fase, importava conceber aos alunos os alicerces necessários para gerarem novos conhecimentos e alargarem os seus horizontes. Desta forma, foi previamente preparada uma sessão na qual os alunos teriam oportunidade de visualizar alguns objetos característicos do folclore, sobre os quais a investigadora explicaria a sua utilização, contudo, inesperadamente quando a investigadora começa a mostrar alguns objetos e interpelada.

Aluna J – Isso é uma camisa! É igual à minha do meu traje, a do meu pai é vermelha, a minha é azul como essa. (aponta para a camisa nas mãos da investigadora)

No que diz respeito ao envolvimento, os alunos demonstraram nesta tarefa estar num nível superior ao da atividade anterior, mantendo a sua atenção e motivação para a atividade num nível constante. Considera-se que este facto foi possível, por esta ser uma sessão mais dinâmica e na qual os alunos pouco familiarizados tiveram oportunidade de ter contato com uma diversidade de objetos. De uma forma geral todos participaram de forma muito ativa, sobretudo aqueles que já possuíam algum tipo de conhecimento dos objetos, todavia os restantes ouviram atentamente os colegas colocando-lhes questões pertinentes:

Investigadora – Alguém sabe o nome deste objeto? (segura a algibeira na mão)

Aluno MV – Ai eu não sei, mas já vi nas festas e usam isso aqui (gesticula apontando para a cinta)

Aluna J – Sim, usa-se assim e temos que pôr para o lado esquerdo...

Aluna LC (interrompendo a colega) – Não, não...eu uso para o lado direito...

Aluno E – Mas como se chama professora?

Investigadora - Muito bem, têm razão, antigamente usava-se à cinta e para o lado direito, chama-se algibeira.

Aluno F – E para que servia?

Aluna LC – Só as senhoras é que usavam e aprendi no rancho que lá punham algumas coisas, um lenço, o terço de rezar...

Atenta-se neste momento a grande interação entre o grupo, de tal forma que, o diálogo decorreu de forma fluente e os alunos demonstravam grande interesse em colocar novas questões. Claramente que, neste momento os alunos com mais conhecimentos a nível do

folclore, se evidenciam dos restantes, contudo este fator é bastante positivo pois permite que exista uma partilha entre colegas, não sendo apenas a investigadora a transmitir novos saberes. Nesta fase do projeto é possível perceber a dimensão participativa que resulta do grande envolvimento das crianças nos grupos folclóricos da freguesia. Este aspeto revela a dimensão empática do conhecimento construído pelos alunos, o que demonstra que “a escrita da história, e os outros modos de moldar imagens do passado emergem na opinião pública” (Solé, 2013, p.2), neste caso concreto, através de experiências vivenciadas por alguns alunos que nesta atividade transmitiram para aos colegas os seus saberes.

No que concerne à análise dos desenhos obtidos na finalização desta atividade, foi possível observar um progresso positivo na generalidade dos alunos, pois verifica-se a existência de contestações mais assertivas e evolutivas relativamente ao folclore.



**Figura 6: Desenho do aluno E**

Destaca-se o desenho do aluno E (figura 9), por ter sido a explicação mais curiosa, revelando um grande sentido reflexivo quanto ao tema. O aluno E, quando confrontado com a questão do que retratava o seu desenho, interroga a investigadora:

Aluno E – Então não dá para perceber logo?

Investigadora (enquanto aponta para a figura do lado esquerdo) – Isto parece-me um animal...

Aluno E – Sim é mesmo, é uma vaca! E esta senhora está no campo, isto que tem na mão é aquelas coisas de cortar a erva...

Investigadora – As foices?

Aluno E – Sim é isso mesmo que o meu avô chama.

Investigadora – Muito bem! Mas porque achas que o folclore te lembra uma senhora a cortar erva?

Aluno E – Porque o folclore tem a ver com o que já passou, não é? E eu acho que isto é uma coisa de antes que já não se faz muito...até se usavam umas roupas parecidas com as do rancho no campo, o lenço e assim...



Estas afirmações revelam uma nova vertente daquilo que é o folclore e o que pode transmitir a novas gerações. Este aluno evidencia uma grande consciência histórica, que tal como afirmam alguns autores, nomeadamente Rüsen (2010, citado por Solé 2013), demonstra uma complexa combinação entre passado e presente, não se limitando a consciência histórica ao simples ato de conhecimento do passado, existindo desde já uma conexão entre diferentes realidades. O aluno E mostra esta consciência a nível de atividades e práticas do dia-a-dia das gerações passadas, associando ao folclore pelos trajes que as mulheres usavam para trabalhar no campo. Para além disto, emerge neste caso uma grande vertente do tema, que se prende pela importância da transmissão de sabedorias entre gerações, por exemplo, neste caso o aluno associa a algo que lhe havia sido transmitido pelo avô. Também neste campo de investigação, o fator das gerações passadas mais próximas, favorece a mudança de mentalidades e aproxima gerações. Nitidamente que, a intergeracionalidade permite a transmissão de vários fatores histórico-culturais. A investigadora observa atentamente o mesmo aluno, que após terminar o seu desenho repara que o seu companheiro do lado se encontra ainda com a folha em branco.

Aluno E – Ainda não desenhaste nada?

Aluno AM – Não, não me lembro de nada...

Aluno E – Professora posso ajudar e dizer algumas coisas?

Investigadora – Sim, podes dar alguma sugestão...

Aluno E – Olha é muito fácil, eu desenhei uma senhora a cortar erva nos campos. Pensa noutras coisas, pastar os animais, fazer as vindimas...

Aluno AM – Os meus tios às vezes vão às vindimas e eu já vi.



*Figura 7: Desenho do aluno AM*

Neste diálogo fica evidente que os alunos associaram as atividades rurais, ao folclore e assim a investigação contorna-se por novos caminhos. Tendo em conta que todos estes aspetos contribuem para o enriquecimento cultural das crianças, na medida em que, percecionam o

modo de vida de antigamente e reconhecem atividades que ainda hoje fazem parte da realidade de muitas famílias. O facto do aluno E ter referido tais atividades motivou o primórdio de um novo diálogo, no qual as crianças questionaram o modo como se procediam estas atividades, permitindo que compreendessem os costumes das suas terras.

Para além destes alunos que coligaram o tema a atividades predominantes do campo e do dia-a-dia das pessoas, verifica-se também uma crescente consciência relativa aos trajes de outros tempos. Na sua maioria, os alunos atentam que com o folclore aprendem mais sobre o modo de trajar outrora, e que, existiam vários trajes.

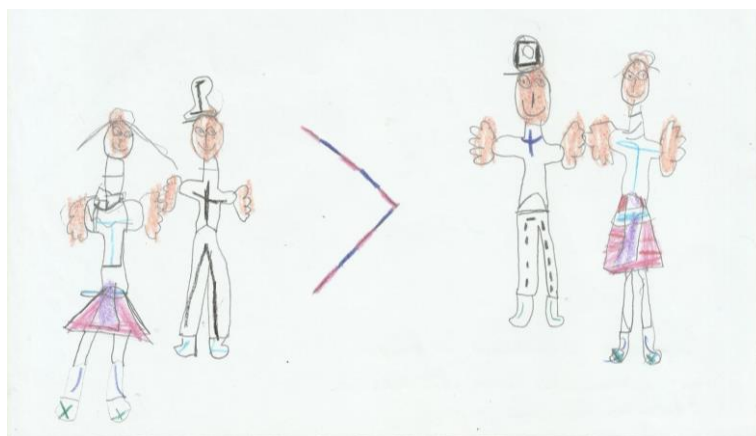


**Figura 8:** Desenho da aluna J

No caso da aluna J (figura 10), verifica-se que a mesma atenta a existência de dois trajes distintos que procura retratar no seu desenho. Assim, intitula o traje de campo (lado esquerdo) e o traje de festa (lado direito), identificando que cada um era usado para a sua função. Quando questionada sobre as principais disparidades entres ambos, prontamente afirma:

Aluna J – No traje de campo usa-se sempre as socas e no outro é chinelas. Outra coisa é que o de campo não costuma ser assim tão...tem menos cor que o de festa.

Mais uma vez é notório o abrangente conhecimento desta aluna, que destaca cuidadosamente aspetos distintos de cada um dos trajes, reconhecendo o uso tradicional dos mesmos. É visível que também através dos trajes está patente toda a cultura inerente a uma região. Para além desta distinção entre os diferentes trajes, denota-se também uma maior percepção do presente e passado, tal é retratado pela aluna LC através da figura 11.



*Figura 9: Desenho da aluna LC*

A aluna LC (figura 11) refere que aquilo que mais aprecia diz respeito ao facto de presentemente as roupas serem muito diferentes, tal como pretendia demonstrar através do seu desenho.

Aluna LC – Antes as pessoas tinham roupas mais giras eram de usar em sítios diferentes, agora não. As meninas até usam calças.

Tal reconhecimento permite demonstrar que através deste tema, e de um modo tão acessível, as crianças podem consciencializar-se para as diferenças que encontramos entre diferentes tempos. Facto este especificado pela literatura que indica que, as relações criadas entre o passado e o presente, permite o entendimento e compreensão de cada tempo no seu contexto e, consequentemente, mobiliza-se a consciência histórico-social (Solé, 2012).

Para além destas afirmações relativas aos diferentes modos de trajar e confrontos com o passado e o presente, destaca-se uma declaração distinta de todas as anteriores, que levanta novas concepções e valores inerentes ao tema.



**Figura 10:** Desenho do aluno R

Quando confrontada com o desenho apresentado na figura 12, a investigadora questiona o aluno R sobre o que o mesmo retrata.

Aluno R – Aqui em baixo estão duas pessoas que estão a ouvir este senhor aqui (aponta para a figura de cima)

Investigadora – E então o que é que isto mostra sobre o que o folclore te ensina?

Aluno R – Porque eu acho que devemos ouvir os mais velhos, porque eles é que sabem.

Investigadora – Sabem o quê?

Aluno R – Muitas mais coisas que nós.

Analisa-se aqui uma extraordinária interpretação daquilo que as tradições podem transmitir. Este aluno revela um sentido de conceção mais difundido, de tal modo que, não limita o seu parecer a ideias tão evidentes como as apresentadas na primeira sessão, transpondo o tema para novas noções como a valorização da sabedoria das gerações mais antigas e a relevância de saber escutar o que têm para nos transmitir. Tal como referem Kaes, Faimberg, Enriquez e Baranes (2001), é a transmissão intergeracional que permite dar continuidade à identidade de uma cultura. É através da pedagogia transmissiva que é possível a passagem de património cultural a nível de gerações, e é também esta relação que sustenta a herança cultural.

Analisando esta sessão quanto às categorias de análise, relativamente às conceções dos alunos (CA), verifica-se que as mesmas se encontram neste momento em crescente desenvolvimento, não estando tão limitadas como inicialmente. Claramente que os progressos são ainda ínfimos em alguns alunos, contudo, verifica-se uma gradual evolução. Foi evidente ao longo desta atividade que muitos alunos, começam a alcançar a importância inerente nas gerações passadas para a transmissão de valores e sabedoria.

Com efeito, ao longo da segunda intervenção verifica-se um crescente envolvimento do grupo com o tema, tendo havido uma grande partilha de ideias entre todos. Na sua maioria, os alunos, demonstraram interesse pela atividade, verificando-se uma constante motivação ao invés da anterior, na qual foi evidente um declínio do interesse. Evidencia-se que o uso de materiais associados ao tema auxiliou nesta constante motivação, na medida em que, lhe agrada o facto de existir este contacto, não tornando a implementação tão expositiva. Ou seja, claramente há uma evolução a nível desta categoria, sendo que todos os alunos se encontraram no nível mais elevado de envolvimento (E3), o que conseqüentemente, desencadeia uma evolução a nível das suas noções sobre o tema. De enfatizar que apenas um aluno não demonstrou qualquer interesse pela atividade, tendo sido destacado para a categoria de análise mais inferior.

Ainda no que respeita às categorias de análise, a nível da formação cultural (FC) observamos que a mesma ainda é muito vaga em alguns alunos, contudo, existe desde já uma grande evolução, tendo em conta o quanto ambicioso é este objetivo. Tal como na categoria apontada anteriormente, o facto de os alunos reconhecerem a importância do papel de outras gerações, denota que começam a criar uma consideração pelo tema e pelo que lhes transmite. Haver alunos que demonstram – ainda que de forma inconsciente – uma consciência relativamente ao valor patrimonial deste tema, aponta a imensa importância de trabalhar estes aspetos em sala de aula.

Toda a análise descrita anteriormente encontra-se sintetizada no quadro seguinte, através do qual é possível visualizar o número de alunos por categoria, segundo o seu nível de desempenho na segunda atividade.

Níveis de desempenho segundo as categorias	CA 1	CA 2	CA 3	E 1	E2	E3	FC 1	FC 2	FC 3
Número de alunos	8	9	—	1	3	13	12	4	1

**Quadro 4:** Número de alunos por categorias na 2ª atividade

### Atividade 3: Os trajes tradicionais

#### Reflexão sobre a exploração da atividade

Nesta atividade pretendeu-se levar novamente, até aos alunos novos conhecimentos acerca deste tema e tendo em conta que, um dos aspetos mais comentados nas sessões anteriores se prendeu pelos trajes de antigamente, procurou-se dar alento à motivação do grande grupo. Com uma grande envolvência por parte de toda a turma, a professora estagiária começou por criar um diálogo com os alunos, questionando-os sobre como consideravam que as pessoas de antigamente se vestiam.

Para que todo este diálogo fosse mais enriquecedor, a professora mostra diferentes trajes tradicionais, explicitando em que diferentes momentos e propósitos eram utilizados.



**Figura 11:** Apresentação dos diferentes trajes pela professora investigadora

Mais do que uma implementação para aquisição de novos saberes, o objetivo primordial era promover o contacto com os trajes tradicionais que muitos dos alunos nunca tinham tido contacto e poderiam assim ter oportunidade de familiarizar-se com os mesmos. É também este o papel do professor, dar oportunidade aos seus alunos de terem novas experiências promovendo temas e ensinamentos do seu interesse. Como esperado, a turma entrou em exaltação quando compreenderam o que iria surgir durante a atividade.

Pensa-se que este momento poderia ter sido mais enriquecedor se culminado com alguma atividade mais prática com os alunos, de modo a registarem as suas novas aprendizagens relativamente aos distintos trajes apresentados. Tivemos aqui em conta os sábios conhecimentos e propostas apresentadas por Santacana (2015) que sugere esta exploração dialógica e interativa de património cultural, afirmando que a consciência cultural só é possível perante “o fornecimento de significados, que devemos partilhar, para promover formas de interpretação” (p.24). Com efeito Marques e Barbosa (2015), referem que este tipo de filosofia educativa fundamentalmente exploratória e dialógica, atribui ao progresso de ensino-aprendizagem um ritmo essencial na compreensão, interpretação e salvaguarda de qualquer património.

### **Análise da atividade**

A implementação iniciou-se com a recordação das últimas aprendizagens relativas ao tema, onde foram lembrados os principais pontos trabalhados, denotando-se o envolvimento dos alunos com o tema através da sua participação ativa e colaborativa, discutindo em grande grupo quais foram os seus principais interesses ao longo das sessões.

Numa atividade que envolvia o reconhecimento de diversos trajes tradicionais era expectável que a motivação e interesse fossem soberanos. Optou-se pela demonstração presencial dos trajes ao invés da utilização de meios visuais, como vídeos e fotografias, uma vez que permite uma maior aproximação dos alunos ao tema trabalho. Este facto revelou-se ser uma excelente estratégia pelo envolvimento conseguido.

Aluna MV – Olha professora podes vestir?

Alunos – Ehhh! Sim sim!

Pretendia-se sobretudo explorar cada um dos elementos dos trajes de modo que, os alunos compreendessem como as pessoas se vestiam antigamente, criando desde logo diferenciações entre o passado e o presente. No momento em que a investigadora acede ao pedido e veste a roupa, nomeadamente a saia, é interrompida:

Aluna J – Primeiro tens que por uma saia branca e só depois essa saia por cima.



**Figura 12:** Apresentação dos diferentes componentes do traje pela professora investigadora

Aluno A – Esse colete é espetacular!

Ao longo de toda a atividade foram inúmeros os comentários e questões relativamente a cada uma das peças que compõe o traje. Mesmo sendo uma sessão bastante expositiva, o facto de haver uma grande interação da investigadora com o grande grupo, despoletou um grande interesse a todos os alunos.

Uma vez que ao longo das sessões anteriores os alunos haviam adquirido novos conhecimentos, fez com que esta exploração se tornasse mais enriquecedora para todos pela grande colaboração entre todo o grupo.

Aluno MG – E isso era para ir onde?

Investigadora – Boa pergunta! Alguém sabe que traje é este e para que seria mais utilizado?

Aluna B – Isso é de lavradeira.

Investigadora – Este traje era utilizado em dias de festa...

Aluna MV – Mas o meu é azul!

Evidencia-se aqui um grande sentido crítico por parte dos alunos, na medida em que, através dos conhecimentos que já possuem procuram adquirir novas concepções, confrontando as afirmações da investigadora através dos seus conhecimentos. É através desta constante discussão que é possível fomentar nos alunos o desenvolvimento de novas perspetivas do tema, claramente que, os mais participativos ao longo da sessão foi o grupo de alunos que detêm à priori algum conhecimento. Contudo, os restantes mostram-se bastante entusiasmados pois



atentam aos comentários dos colegas, e sem dúvida que o principal envolvimento é devido ao facto de as aprendizagens não partirem somente da professora, mas também pelos colegas.

Realça-se também a relevância da linguagem não verbal, através desta é possível à investigadora analisar o envolvimento, reações e comportamentos dos alunos face ao tema e novas descobertas. Estas evidências são possíveis sobretudo, através da análise de vídeos, onde é evidente este tipo de linguagem, que permitiram à investigadora compreender o envolvimento, atenção e motivação dos alunos.

As maiores evidências recolhidas numa investigação qualitativa são a riqueza das afirmações e constatações obtidas pela investigadora ao longo das atividades, de tal forma que através das mesmas é notório o agrado ou não, do grupo investigado. Neste caso, esta atividade foi uma boa projeção do tema para os alunos se sentirem mais motivados e envolvidos.

Aluno G – Oh professora amanhã podes aparecer aqui assim vestida para ensinares mais coisas sobre tradições?

Aluno F – Achas, aquilo é muito valioso.

Investigadora – Porque dizes que é valioso?

Aluno F – Porque é de antigamente. E agora os avós guardam isso muito bem porque é do passado e só vemos nas festas.

Na verdade, o aluno F demonstra um grande sentido de consideração do tema, coligando o mesmo aos avós, que habitualmente associamos a seres repletos de sabedoria. Este aluno começa a revelar noções da sua identidade cultural. Um termo muito apontado pela literatura neste campo de consciencialização histórica, remete-se para a memória comunicativa. Segundo Rüsen (2007, citado em Solé, 2013) este tipo de memória “tem a ver com as diferenças geracionais e as experiências históricas” (p.4) que cada um tem oportunidade de vivenciar. Começa, neste momento da investigação, a ser evidente a importância que os alunos atribuem a estas diferenças geracionais, percecionando a relevância que os saberes, neste caso, dos avós têm para a sua vida. Outro tipo de memória apontada por Rüsen (2007, citado em Solé, 2013) é a memória construtiva, na qual o passado é tido como uma exposição e um processo de comunicação, que só tem sentido através daqueles que “lembram e parecem ser donos do passado” (p.4), pois claramente que memória representa o foco da identidade histórica.

O aluno F denota ainda que, por os trajes serem algo que remetemos para outros tempos detêm grande valor, fica desde já patente a crescente consciencialização para a valorização do passado local. Para além disto, é reconhecido neste momento o valor pessoal e social de aspetos intrínsecos ao folclore, de tal modo que o aluno reconhece que os trajes não devem ser utilizados diariamente pela sua riqueza histórica.

Um dos aspetos que mais agradou a todo o grupo, foi a possibilidade de terem contacto com diversos trajes, o de lavradeira (ou traje à vianesa), o traje de mordoma e o traje de campo. Assim, os alunos conseguiram identificar as principais distinções de cada um, bem como compara-los com as roupas de hoje em dia.

Aluno MG – Antes casavam de preto, agora é mais vezes de branco.

Aluna D – O traje de lavradeira é mais alegre do que usavam no campo.

Sem dúvida que, a categoria das concepções dos alunos (CA) se encontra em constante crescimento, pela grande evolução apresentada quer a nível das questões quer pelas novas afirmações no decorrer das atividades. Neste momento o tema já não é remetido apenas para o ato de dançar e cantar, reconhecendo-lhes novos valores associados, pela riqueza da antiguidade e pelo facto de através deste, termos uma maior consciência do que foi o nosso passado. Neste momento, começa a existir alguma diferenciação entre os alunos, sendo que alguns ainda não percecionam de forma tão evidente os aspetos apontados anteriormente.

Com efeito, analisando a atividade relativamente à categoria do envolvimento (E), considera-se evidente que o mesmo tem sido crescente, na medida em que interpelam constantemente a investigadora de forma a obter mais considerações acerca do tema. No decorrer da atividade a motivação foi constante, com grande participação da grande maioria do grupo de alunos. Claramente que este aspeto foi favorecido pelo contacto com os diferentes objetos, o que favoreceu toda a atividade, permitindo que a mesma até então fosse a mais envolvente para todo o grupo. É fundamental salientar que mesmo fora do contexto de sala de aula, e até mesmo escolar, são muitos os alunos que abordam a investigadora relatando momentos que mais gostaram das atividades e as suas novas aprendizagens.

Na mesma medida da primeira, a categoria de análise referente à formação cultural (FC) deste grupo está também em desenvolvimento, tal como se comprova ao longo das afirmações espelhadas na análise, sendo apesar de tudo, esta evolução tem sido gradual. São vários os alunos que ao longo da semana abordam a investigadora elucidando quem casa comentam com as suas famílias sobre as novas aprendizagens das tradições de antigamente, revelando que acabam por partilhar novos conhecimentos.

Esta categoria acaba por se incorporar com a anterior, de forma que muitos aspetos apontados anteriormente, como a consciencialização do valor patrimonial dos objetos do folclore, remetem para o início da construção da sua identidade cultural.

Níveis de desempenho segundo as categorias	CA 1	CA 2	CA 3	E 1	E2	E3	FC 1	FC 2	FC 3
Número de alunos	1	14	2	—	—	17	8	7	2

*Quadro 5: Número de alunos por categorias na 3ª atividade*

#### **Atividade 4: As letras das músicas tradicionais**

##### **Reflexão da exploração da atividade**

Nesta tarefa procurou-se levar para a sala de aula uma nova vertente do folclore, sabe-se que a música tradicional folclórica é recorrente na região, e os alunos semanalmente, têm contacto com a mesma, porém objetivo era permitir que os alunos refletissem sobre as letras das músicas tradicionais. Para isso apresentou-se ao grupo uma música que foi imediatamente reconhecida, uma vez que é utilizada nas sessões semanais de folclore. Apelou-se que atentassem ao que era cantado, de modo que pudesse ser feita uma exploração de toda a letra e o seu significado. Foram efetuadas diversificadas audições pela dificuldade em compreender diversas palavras, enquanto a letra era escrita e decodificada juntamente com a professora, e ficou evidente neste momento que, apesar de semanalmente ouvirem a música, nenhum aluno tinha refletido sobre a música nem qualquer conhecimento acerca do possível significado da letra.

Dado que a letra apresentava vocábulos demasiado complexos foi necessário numa fase inicial, decodificar cada uma das palavras e frases, para que assim a atividade fizesse mais sentido. É esta uma das competências do professor, adaptar-se às dificuldades apresentadas pelos seus alunos e auxilia-los da melhor forma a combater-las. Claramente que, para além do objetivo central da atividade para investigação, a mesma possibilitou a um trabalho muito importante a nível da Língua Portuguesa, embora pudesse ser complexo dado a faixa etária.

Posteriormente, após reconhecida e interpretada a letra original, propôs-se aos alunos que recriassem a letra daquela canção, para que assim ganhasse um maior significado para eles.

Tendo em conta a total motivação dos alunos com esta atividade, e considerando que a investigadora pôde observar que cada vez que os alunos a interpelavam referiam-se a esta

música com grande entusiasmo, a mesma poderia ter sido aproveitada de outra forma, por exemplo para divulgação à comunidade escolar.

Para uma maior compreensão da análise da atividade apresentam-se de seguida duas estrofes da letra da música explorada:

*Oioai,  
Boa noite meus senhores,  
Boa noite meus senhores  
Mais cedo não pode vir.*

*Oioai,  
Venho a tempo bastante,  
Venho a tempo bastante,  
De as vossas palmas ouvir*

### **Análise da atividade**

Na fase inicial desta atividade, tal como era expectável, os alunos sentiram dificuldades na interpretação da letra, contudo, verifica-se a importância deste trabalho, pois auxilia os alunos a nível de compreensão e interpretação dos textos. Quando questionados sobre este tema, grande parte dos alunos ficaram com ar de admiração por nunca terem percebido o que retrata a letra da música.

Investigadora – Já alguém parou para ouvir a música e compreender o que diz a letra?

Aluno G – É fácil professora, nós ouvimos todas as segundas

Investigadora – Então diz lá o que sabes da letra?

Aluna M (imitando a melodia da canção) – Oioai

Aluno A – Virou! Que é quando viramos o pé.

Apesar de difícil, em grande grupo, os alunos conseguiram alcançar o pretendido, tentando também decifrar o porquê de determinadas frases e expressões serem constantemente usadas nas canções.

Aluno G – Eles dizem boa noite, meus senhores, porque está muita gente a ver os espetáculos do rancho.

Aluna D – Oioai parece alegre!

Aluno E (referindo-se a um verso da letra) – Venho a tempo bastante? Ai não percebo nada, antes usavam frases difíceis...

Aluno T – Bastante, quer dizer que é muita coisa

Aluna LC – Ela diz que chegou a tempo de ouvir as palmas.

Os alunos procuraram decifrar cada uma das letras, de modo a tornar a frase mais simples e reconhecendo algumas das expressões mais usuais de antigamente. Após conseguirem interpretar uma quadra da música foi proposto que os alunos em grande grupo criassem uma nova letra.

Aluna J – Que fixe! Depois segunda podemos cantar no folclore.

Curiosamente, enquanto eram dadas algumas opiniões os alunos revelaram novas compreensões sobre o tema.

Aluno G – Podemos dizer, oioai vimos aqui alegrar

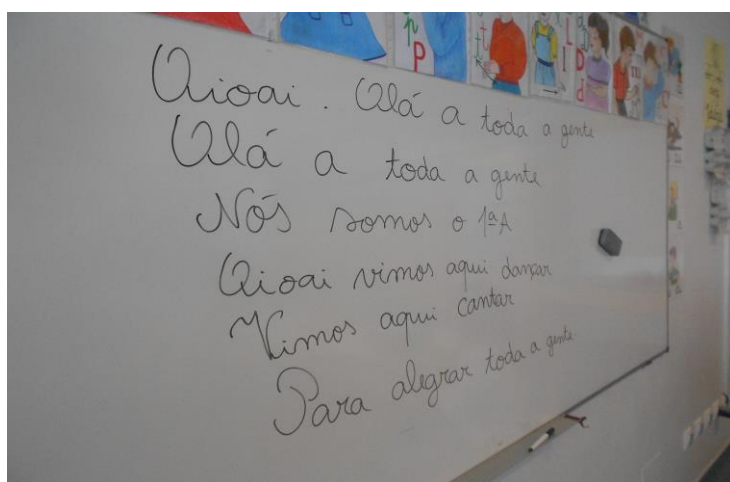
Aluno E- Alegrar?

Aluno G – Claro! O rancho e tudo do antigo deixa as pessoas mais alegres.

Investigadora – Porque consideras que ficamos mais alegres?

Aluno G – Tudo aquilo que é daqui (menciona o nome da freguesia) e faz parte de outro tempo tem que nos deixar felizes.

Possivelmente este aluno, remete o tema para motivos alegres associando o mesmo às festividades e romarias, que como se sabe provocam grande alegria nas pessoas.



*Oioai, Olá a toda a gente*

*Olá a toda a gente.*

*Nós somos o 1ºA*

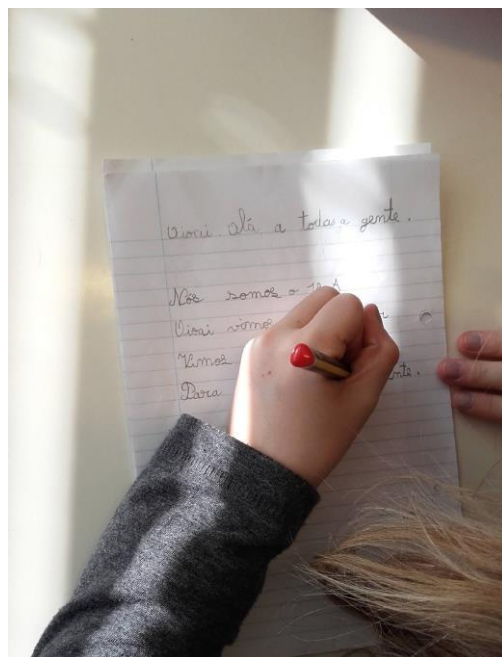
*Oioai, vimos aqui dançar*

*Vimos aqui cantar*

*Para alegrar toda a gente*

**Figura 13:** Letra da música criada pelo grupo

Esta implementação contribuiu também para o enriquecimento a nível da Língua Portuguesa, pois os alunos tiveram oportunidade de adquirir novo vocabulário e para além disso, transcrever a letra da música, competência importante tendo em conta o nível de ensino. Claramente que dada a faixa etária, os alunos sentiram alguma dificuldade em inventar uma nova letra, isto porque, em grupo decidiram que gostavam de tentar rimar, o que dificultou ainda mais a tarefa, e permitiu também trabalhar novas competências.



**Figura 14:** *Alunos a transcrever a letra da música*

Denota-se que esta atividade poderia ter sido mais enriquecida, podendo ter sido utilizada em outros momentos práticos fora da sala de aula, para exposição pública, por exemplo.

Contudo a nível de envolvimento (E), foi juntamente com a anterior, das atividades que reuniu um maior nível de interesse pelos alunos, sendo este o primeiro aspeto que falam quando abordam a investigadora em locais fora do contexto escolar, solicitando que sejam feitas novas músicas ou explicitando que cantaram a música que criaram para a família. Claramente que, este aspeto é bastante positivo, demonstrando o total interesse para com o tema e a atividade implementada. Assim, o nível de envolvimento encontra-se distintamente no E3.

Por fim, relativamente à formação cultural dos alunos (FC), sem dúvida que a arte ligada às músicas de outros tempos valoriza muito a identidade dos povos. É também através da música que reconhecemos o valor histórico, cultural e social de outros tempos e podemos assim valorizar o nosso presente. Delmar Carvalho (2010), refere-se ao folclore como algo de grande valor cultural e espiritual, sendo que as canções tradicionais folclóricas “estão ligadas às diversas actividades, desde agricultores, até à vida social em cerimónias e festas” (p.3). Com isto, este tipo de cultura, não deve ser posta de lado, uma vez que através da músicas e danças podemos também preservar a cultural popular portuguesa. Contudo, a investigadora não conseguiu

avaliar da forma pretendida esta categoria, pelo facto de o tipo de atividade não permitir que os alunos desenvolvessem muito as suas ideias.

Apresenta-se de seguida o quadro síntese relativo às categorias analisadas.

Níveis de desempenho segundo as categorias	E 1	E2	E3	FC 1	FC 2	FC 3
Número de alunos	—	—	17	12	4	1

*Quadro 6: Número de alunos por categorias na 4ª atividade*

## Atividade 5: O que aprendi sobre o folclore

### Reflexão da exploração da atividade

Não desvinculando de toda a linha metodológica adotada, após a implementação de diferentes atividades com diversos objetivos, importava avaliar o modo como as novas vivências melhoraram as perspetivas dos alunos relativamente à fase inicial da investigação.

Assim, através do uso de uma pequena entrevista realizada a cada um dos alunos foi possível perceber as mudanças existentes resultantes deste mesmo projeto. Importa salientar que nesta implementação procurou-se criar um diálogo com os alunos, dando-lhes oportunidade de relatar tudo que conheceram sobre o tema. Apesar de se procurar criar um diálogo informal entre investigadora e alunos, foi produzido um pequeno guião (anexo 5) afim de conduzir a conversa em função da recolha de dados pretendida.

Esta foi uma boa estratégia, pois por ser uma conversa individual e informal, permitiu que os alunos não sentissem qualquer receio de falar e expor a sua opinião, como às vezes acontece diante dos restantes colegas.

Na entrevista observam-se questões de carácter fechado e aberto. Relativamente às primeiras foram analisadas através de um gráfico e as últimas por meio de uma análise de conteúdo de excertos das entrevistas (anexo 8). Salienta-se que as entrevistas foram realizadas

no mesmo dia, à exceção de duas delas, que por motivo de ausência dos alunos se realizaram posteriormente.

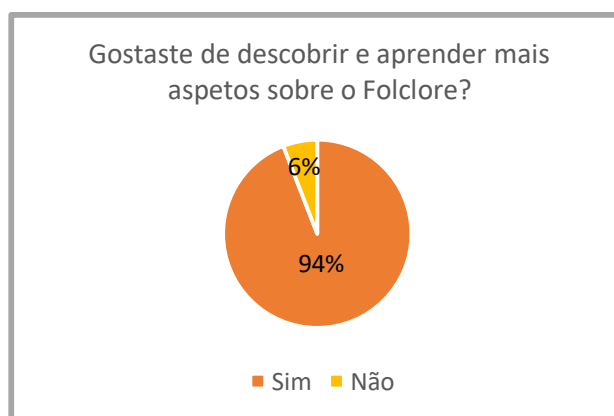
### **Análise da atividade**

Refletindo sobre aquela que foi a última atividade implementada no âmbito deste projeto de investigação, considera-se que a mesma tinha como principal propósito, fazer o levantamento final da recolha de dados, através da qual se pretendeu compreender os principais efeitos do estudo e, consequentemente, responder às questões e problema de investigação iniciais.

Contrariamente ao que era expectável pela investigadora, a maioria dos alunos demonstraram um grande envolvimento nesta tarefa, respondendo claramente às questões. Observa-se que, provavelmente, por ser uma tarefa individual os alunos sentiram-se mais desinibidos.

### **Primeira questão**

Na primeira questão, de resposta fechada, *“Gostaste de descobrir e aprender mais aspetos sobre o folclore?”*, denota-se que apenas um aluno revela não gostar do tema, enquanto que, os restantes dezasseis responderam afirmativamente à questão. Para uma observação mais concreta dos dados, os mesmos apresentam-se no gráfico seguinte.



**Gráfico 3:** *Apreciação dos alunos relativamente às aprendizagens sobre o folclore*

Estes dados denotam desde já um grande nível de apreciação do tema pelos alunos. De certo modo, tal facto já havia sido identificado ao longo das atividades propostas, nas quais todo

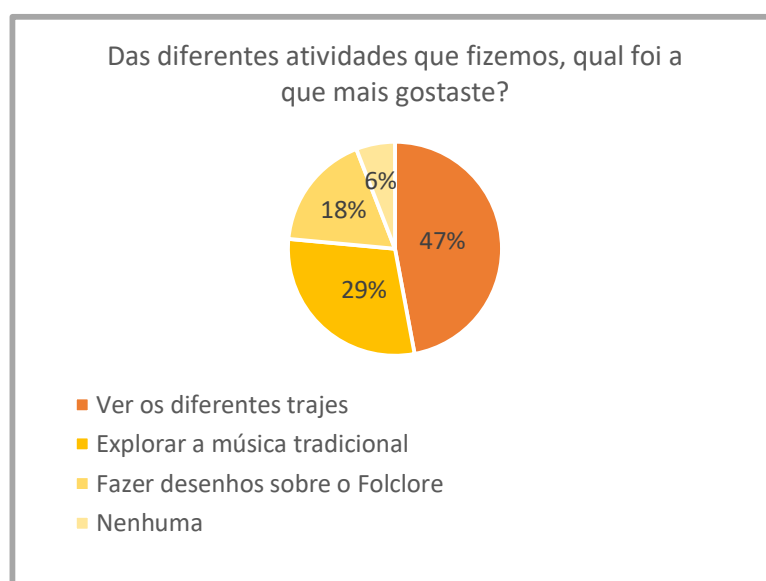


o grupo se envolveu de forma positiva, demonstrando sempre uma crescente motivação relativamente ao tema explorado. Também foi evidente ao longo de todo este percurso que, em alguns momentos muito alunos incitavam a professora estagiária, a abordar mais vezes o tema, questionando quando teriam oportunidade de ver mais objetos ou aprender mais “coisas do antigamente”.

Relativamente ao aluno que nega ter gostado desta experiência importa ressaltar que o mesmo quando questionado sobre o porquê de responder negativamente, limitou-se a dizer “*porque não*”. Não demonstrando qualquer vontade em explicar a sua afirmação, a investigadora optou por não insistir.

### Segunda questão

No que concerne à segunda questão, pretendia-se compreender qual a atividade que os alunos mais tinham gostado de participar. Quando confrontados com esta questão, muitos alunos tiveram dificuldades em selecionar apenas uma, contudo, apesar desta indecisão foi possível a construção do gráfico seguinte que será explorado e analisado logo de seguida.



**Gráfico 4:** Dados da atividade predileta dos alunos

Nesta segunda questão, fica evidente que grande parte dos alunos (8) elegeram como atividade predileta a observação e exploração dos diferentes trajes. Quando questionados sobre o porquê desta opção, as respostas foram diversas e podem-se selecionar segundo diferentes

linhas de pensamento. Numa primeira leitura, compreende-se que os alunos evidenciam este momento porque nunca tinham tido oportunidade de ter contacto com os trajes tradicionais:

Aluno E - Foi fixe! Porque só tinha visto nas festas, nunca tinha tocado num traje.

Outros alunos reconhecem que não detinham qualquer conhecimento sobre os trajes nem da sua diversidade e que por isso assim tiveram oportunidade de conhecê-los.

Aluna B – Eu pensei que as pessoas de antes usavam sempre uma roupa muito parecida e preta... Mas afinal até era colorida!

Aluna MC – Porque eu não sabia que havia tantos trajes diferentes e gostei que tu os trouxesses para nós. Gostei do preto das noivas.

Realça-se o facto de este projeto ter trazido novas vivências para a maioria dos alunos, que ainda não tinham tido a oportunidade de viver estas experiências e, por isso, acabavam por nem refletir sobre muitos aspetos do folclore. Todavia, através desta pequena investigação foi-lhes dada a oportunidade de terem um contacto direto com o folclore e assim começaram a reconhecer todo o valor pessoal e histórico que está inerente nestas aprendizagens.

Uma constante ao longo deste percurso foram as respostas espontâneas e inesperadas de alguns alunos. Nesta entrevista um dos alunos surpreende pela sua resposta consciente e reflexiva do tema, nomeadamente da atividade.

Aluno F – Porque agora já aprendi mais sobre os trajes, eu só sabia um bocadinho. Agora também sei que temos que guardá-los bem.

Investigadora – Guardá-los bem? Porquê?

Aluno F – Porque são coisas do passado e valem muito, porque agora já ninguém se veste com aquilo, só às vezes nas festas.

Este aluno, através de um vocabulário simples, revela uma total compreensão da importância da valorização do património cultural, bem como a sua preservação. Embora de forma inconsciente apresenta desde já percepção do respeito pelas nossas tradições, revelando que por esse motivo devemos “guardá-la”. O aluno F é um dos exemplos de como a “realização de atividades relacionadas com o património histórico-cultural de uma comunidade (...) favorece aprendizagem de novos conceitos e, sobretudo, valorização do mesmo” (Pinto, 2015, p.67) Apesar de tais afirmações poderem parecer insignificantes, se este trabalho for contínuo permitirá que esta criança mantenha o total entendimento e estima por tudo que pertence ao nosso passado.

Relativamente à segunda atividade mais apontada nesta entrevista, a mesma diz respeito ao trabalho envolto da música tradicional folclórica.

Aluna D – Gostei de tentar adivinhar o que a senhora dizia. Mas a minha parte preferida foi inventarmos uma música nova

Investigadora – Uma letra...

Aluna D – Sim, letra. Eu gostava de cantarmos para os pais, eu já cantei em casa.

Através das afirmações da aluna D, verifica-se a tamanha envolvimento conseguida através desta atividade, onde todos os alunos estavam motivados e entusiasmados. Acima de tudo, é importante reconhecer que também através da música podemos transmitir mensagens.

Aluna MV – Foi a minha aula preferida porque agora estou sempre atenta a tentar perceber o que dizem nas músicas. Mas às vezes é difícil gritam muito...

Investigadora – Tens razão, normalmente cantam alto

Aluna MV – Mas o meu irmão consegue perceber melhor que eu.

Revela-se uma vez mais, que este projeto passou a barreira da sala de aula, embora não de uma forma evidente, mas os alunos demonstraram várias vezes através das suas afirmações o quanto partilhavam o tema com a sua família.

No que respeita à terceira atividade mais votada, os alunos afirmaram que foi a sua eleita por a expressão plástica ser a sua área preferida. Para além disso, como já havia sido identificado pela investigadora, alguns alunos preferem expor-se de outra forma, sem ser a nível oral.

Aluna M – Porque gosto de desenhar e assim depois tu escreves o que eu desenhei.

Esta aluna refere-se ao facto de quando era solicitado um desenho, a investigadora registava sempre a explicação do mesmo dada pelos autores. Contudo, esta afirmação levanta uma reflexão, que expõe a importância de trabalhar com os alunos a expressão oral, de modo a não existir qualquer receio de se exprimirem através das palavras. Curiosamente, os alunos que apontaram esta atividade como a predileta são aqueles que se revelaram mais inibidos ao longo de todo o percurso de trabalho da investigadora.

Por último, salienta-se que um aluno indica não ter gostado de qualquer atividade, que coincide com mesmo que respondeu negativamente à questão anterior. Quando a investigadora questiona o fundamento, o mesmo limita-se a responder “Porque não gostei de nada”.

### Terceira questão

Como era expectável para a investigadora, esta questão levantou várias dificuldades aos alunos, pelo que, acabaram por associar as suas aprendizagens às atividades propriamente ditas. Contudo, apesar disto, foi possível fazer uma triagem a nível das principais aprendizagens retidas pelos alunos.

Após uma análise de conteúdo de todos os relatos, fica evidente que para a maioria dos alunos as suas principais aprendizagens dizem respeito aos trajes. Revelando a suas curiosidades quanto a este aspeto, pelo facto de haver diversidade de trajes e diferentes modos de usar.

Aluno A – Hum...foi muitas coisas, mas agora aprendi mais dos trajes e para o que serviam, eu não sabia isso.

Aluna AI – Gostei de ver as roupas diferentes, quando usavam e assim. Agora nas festas já vou saber.

Principalmente para a ala feminina do grupo este aspeto do folclore suscitou muita curiosidade, pelas roupas distintas e diversificadas das atuais. Para além disto, é apontado por alunos o facto de compreenderem mais sobre as atividades de antigamente.

Aluna J - Gostei de aprender mais sobre algumas coisas sobre o que faziam dantes.

Aluno AM – Gostei de aprender mais sobre as coisas que as pessoas faziam de dia. Quando falaste das vindimas e assim, essas coisas que as pessoas faziam e agora já não fazem muitas vezes.

Neste momento os alunos demonstram que os seus principais interesses se prenderam por aprendizagens que revelam as grandes diferenças entre aquilo que é o presente e o que aconteceu no nosso passado. Considera-se que foi curioso para todo o grupo compreender as principais atividades e o dia-a-dia das crianças. Fica comprovado, uma vez mais, que ficou incitado o processo de consciência histórico-cultural, na medida em que, para que este aspeto ocorra, é fundamental, segundo Rüsen (2007, citado em Solé, 2012) que haja “a percepção de um outro tempo, diferente (...) a interpretação deste tempo e a orientação da prática humana através da interpretação cultural” (p.4).

Salienta-se ainda que, muitos alunos referiram que tudo que envolveu as novas aprendizagens envoltas no folclore foi do seu agrado, não conseguindo destacar somente um aprendizado, o que revela ser um fator muito importante para a análise deste estudo.

#### Quarta questão

A última questão desta entrevista foi das mais importantes, uma vez que se pretendeu averiguar porque é que os alunos consideram importante este tema. Pelo seu carácter aberto e pouco preciso, observou-se uma maior dificuldade por parte dos inquiridos para responder à investigadora, contudo pôde-se observar, em alguns casos, uma grande capacidade de reflexão dos alunos.

Realça-se o facto de muitos apontarem a importância do folclore, para o reconhecimento de tradições antigas e valorização das mesmas.

Aluna J - Para mostrarmos aos outros como era antigamente as coisas. Eu gosto de saber como era.

Aluna L – Assim eu sei coisas do passado que não sabia

Aluna LC – A minha mãe costuma dizer que assim eu fico a saber mais coisas do antigo e aprendo como era.

Denota-se nestas afirmações uma total consciência que através do folclore compreendemos aspetos do nosso passado e consequentemente, a importância da sua valorização. Uma vez mais, deve-se realçar algumas declarações que demonstram a total consciência histórico-cultural que alguns alunos tiveram oportunidade de desenvolver.

Aluno R – Porque é importante sabermos as coisas de outros tempo e ouvirmos os nossos avôs...as pessoas mais velhas, porque elas contam muitas coisas. O meu avô conta.

Nitidamente que, potencialmente este aluno tem oportunidade de possuir vivências pessoais muito significativas, o que se reivindica de forma clara no seu discurso e o coloca em benefício relativamente ao restante grupo. Tal como já havia feito anteriormente, o aluno associa o tema folclore a tradições e consequentemente às pessoas mais velhas, referindo que é através do seu avô que sabe mais coisas. Ficando uma vez mais evidente a importância da comunicação entre gerações para que assim, haja preservação. Outro facto curioso deste aluno é o facto de refletir sobre a importância de escutarmos os outros. Segundo Solé (2015), toda a educação envolta de temas como tradições, usos e costumes, contribuem para a formar cidadãos informados, críticos e interventivos, com uma identidade individual e social, que se vai formando ao longo da vida. Claramente que, o facto destes temas serem abordados deste muito cedo facilita a que todo este percurso seja ainda mais enriquecedor e proveitoso.

Uma vez mais, os alunos apontam também a importância de dar valor aquilo que este tema nos transmite.

Aluno T – Porque assim damos valor às coisas de antes e podemos ensinar as outras pessoas que é muito importante tratar...ou guardar estas coisas.

Distingue-se aqui o vocabulário, ainda simples, mas tão adequado ao tema, onde o aluno atenta a importância de “tratar ou guardar estas coisas”. O que revela o total entendimento de que devemos preservar o nosso passado em função do nosso futuro. Atenta-se ainda que, o mesmo aluno havia referido na questão anterior que gostou de aprender novas coisas sobre o folclore porque “assim pode ensinar a irmã”, revelando ter percepção que é através da partilha que acontece a preservação. Conceitos estes que a literatura especializada em educação Histórica e Patrimonial sublinha. Como refere Santacana (2015), “os elementos do passado que uma geração decide conservar, mantêm-se sempre quando as pessoas de gerações subsequentes continuam a atribuir algum valor” (p.20). Neste caso, atendemos a este aluno que valorizando tudo o que aprendeu ao longo deste estudo, afirma que irá ensinar à sua irmã tudo o que aprendeu, vislumbramos assim o modo como este património cultural se delega ao longo dos tempos, ficando uma vez mais evidenciado, a importância que há na transmissão destes novos ensinamentos.

## **Síntese da análise às entrevistas**

Através desta entrevista, compreende-se que em muitos momentos os alunos revelaram dificuldades em conseguir expressar por palavras a importância associada ao tema, o que é compreensível por se revelar ser algo abstrato e com o qual tiveram um contacto mais aprofundado ao longo desta investigação.

No que se refere às concepções dos alunos (CA), observa-se nos relatos desta entrevista uma grande evolução, sendo revelados novos conhecimentos acerca do tema. Os alunos expressam-se quanto ao folclore como um tema mais abrangente, reconhecendo toda a cultura que lhe está inerente, mas também associando novos valores como a partilha entre gerações e valorização do nosso passado. Emergiram ao longo desta investigação conceitos e termos muito importantes, pois como sugere Martínéz (2015), o património identitário, fundamenta e valoriza o respeito pelo outro, quer pelo trabalho individual ou coletivo, e assim há emissão de valores positivos, que são parte das ferramentas de ensino. A mesma autora defende que “educar através do património é educar na diferença” (p.63). Sendo esta a última intervenção, comparativamente à fase inicial do estudo verifica-se uma grande evolução na maioria do grupo.

Contudo, importa salientar que, à exceção de um aluno, todos os outros revelam grande envolvimento com o tema, procurando responder de forma ciente e coerente às questões colocadas. Foi também evidente, através do modo como abordaram as atividades feitas ao longo do percurso, demonstrando o gosto que tiveram em participar nas mesmas. Também através desta entrevista foi possível avaliar todo o nível de motivação dos alunos com o tema ao longo de todo o percurso, pela forma como conversaram acerca das diversas tarefas e do quanto valorizam as novas aprendizagens. Ficando evidente para a professora investigadora, que através das intervenções foi possível cativar ainda mais o grupo de alunos, que apesar da ligação inicial ao tema pelo projeto curricular existente na instituição, se envolveu ainda mais nos novos conhecimentos. Claramente que, dezasseis dos alunos se encontram no nível de desempenho máximo, por toda a envolvimento com a temática. Apenas um aluno, durante este inquirimento se manteve no nível mínimo de envolvimento, por não participar nas respostas às questões colocadas.

No mesmo sentido, a categoria de análise referente à formação cultural dos alunos (FC), revela ter sido construída de forma gradual, de modo que, se inicialmente o nível de consciência cultura dos alunos era quase nulo, não demonstrando qualquer noção da valorização e conhecimentos a nível de património local, tradições e tudo que lhes está inerente. Compreende-se agora que, na sua maioria este grupo destaca-se pela sua visualização mais

global a nível das tradições, nomeadamente o folclore. Destaca-se um ponto especial, para o facto de se notar uma grande valorização da sua formação social. Ficando desde já evidente que o presente tema permite uma grande abertura na transmissão de novos saberes.

Esta análise encontra-se espelhada no quadro seguinte, através do qual é possível visualizar mais facilmente o número de alunos por categoria de análise.

Níveis de desempenho segundo as categorias	CA 1	CA 2	CA 3	E 1	E2	E3	FC 1	FC 2	FC 3
Número de alunos	1	9	7	1	—	16	3	11	3

**Quadro 7:** Número de alunos por categorias na 5ª atividade



## Síntese da análise de dados

Sintetizando toda a análise de dados, segundo as categorias emergidas nesta investigação, apresenta-se de seguida um quadro síntese, de modo a visualizar a evolução dos alunos ao longo das atividades implementadas.

<b>Categorias</b> <b>Atividades</b>	<b>CA 1</b>	<b>CA 2</b>	<b>CA 3</b>	<b>E 1</b>	<b>E 2</b>	<b>E 3</b>	<b>FC 1</b>	<b>FC 2</b>	<b>FC 3</b>
1ª	15	2	—	1	3	13	16	1	—
2ª	8	9		1	1	15	12	4	1
3ª	1	11	5	—	—	17	8	7	2
4ª	—	—	—	—	—	17	12	4	1
5ª	1	9	7	1	—	16	3	11	3

**Quadro 8:** Quadro síntese da evolução dos alunos por níveis de desempenho das categorias de análise

É possível observar através do quadro 8, que todas as categorias sofreram uma evolução positiva, embora de forma gradual. A categoria do envolvimento (E) dos alunos, foi a que se manteve mais estável ao longo de todo o estudo, verificando-se também uma motivação constante por parte dos alunos. Considera-se assim, que à exceção de um aluno, todos os outros manifestaram uma grande envolvimento com o tema folclore. Claramente que, este fator desencadeou aspetos positivos nas restantes categorias, uma vez que o interesse e motivação dos alunos permitirá que apreendam mais facilmente novas aprendizagens. É também este o papel do professor, envolver os alunos no contexto escolar através dos seus interesses, beneficiando aprendizagens e também o contacto com novas experiências.

No que se refere às categorias concepções (CA) e formação cultural (FC) dos alunos, as evoluções apesar de bastante positivas, denotam a dificuldade em atingir o nível superior das categorias apontadas. Na categoria (CA), denota-se que na fase inicial do projeto maioritariamente todos os alunos, apresentavam noções muito vagas acerca do tema, não apresentando explicações e interpretações aprofundadas. Claramente que, este deveria ser um dos principais pontos a ser trabalhados pela investigadora. Ao longo das intervenções foi possível trabalhar este aspeto, permitindo aos alunos assimilar novos conhecimentos acerca do tema. Visualizando globalmente o quadro apresentado anteriormente, percebe-se que grande parte do grupo atingiu o nível 2, revelando na fase final novos conhecimentos sobre o tema. Apesar disto, outra parte dos alunos foi capaz de se inserir no nível 3, revelando na fase final, concepções vastas e coerentes acerca do tema. Percecionado que o mesmo diz respeito aos nossos antepassados e que devemos preservá-lo. Na ótica da investigadora a diferenciação dos alunos entre o nível 2 e 3, prendeu-se, em parte, pela motivação aparente em relação ao tema, sendo que aqueles que se apresentavam mais motivados apresentaram uma evolução superior.

No que concerne à categoria (FC) verifica-se que, poucos foram os alunos alcançar o nível máximo, tal era expectável dado o curto espaço de tempo em que o tema foi abordado. Contudo, de realçar que ficou evidenciado ao longo das diversas atividades o forte contributo que o folclore tem para a consciencialização dos alunos. Foi possível verificar ao longo de toda a análise apresentada anteriormente, que se apropriaram da importância cultural e social das tradições. De realçar também que, apesar de ser um número redutor, foram alguns os alunos capazes de evidenciar através de afirmações o seu desenvolvimento relativo à consciência identitária, reconhecendo que através do folclore preservamos o nosso passado. Também algumas declarações permitiram compreender que os alunos, de certo modo, visualizam o folclore como a herança cultural dos nossos antepassados.

De ressaltar que é também evidente o quanto era ambicioso o objetivo apontado inicialmente pela investigadora, sobretudo pelo curto tempo de intervenção, uma vez que o tema requer um trabalho constante e coeso, bem como, o facto de ser um estudo realizado com crianças entre os 5 e 6 anos de idade, não permite conceber abordagens mais vastas e aprofundadas do tema. Contudo, os desenvolvimentos ocorridos foram indiscutíveis, denotando-se uma evolução em cada uma das categorias

## CONCLUSÕES

Findo o estudo importa refletir sobre o mesmo, mostrando quais os aspetos mais relevantes desta caminhada. Alcançada a análise de dados e a sua interpretação, importa dar resposta às questões de investigação que orientaram todo este trajeto e, conseqüentemente, ao problema definido. De certo modo, neste momento é feita também uma reflexão acerca de todo o percurso alcançado e de que modo se cumpriram os contributos pretendidos com o estudo e a influência do mesmo nos alunos do grupo.

Tendo sempre a consciência de que todo este trajeto se sucedeu num curto espaço de tempo, e tendo como objetivo compreender o contributo que o folclore tem para a construção da identidade e consciência cultural de alunos do 1º ano de escolaridade as evidências demonstram a mais-valia da atuação da investigadora neste tema. Tendo por base as questões de investigação, surgem assim, as principais conclusões construídas.

### **1. Quais as concepções dos alunos relativamente ao folclore?**

Ao longo de toda a investigação foi possível testemunhar a grande evolução dos alunos a nível dos seus conhecimentos acerca do tema. Mostrou-se evidente que, apesar de todo o contacto semanal que têm oportunidade de ter com o folclore, as noções prévias eram ainda muito incipientes e por isso, uma intervenção a este nível auxiliaria os alunos a desenvolverem novos conhecimentos.

Em quase todas as tarefas foi possível observar a evolução dos alunos no que se refere às suas concepções do tema. Se inicialmente, com a implementação da primeira atividade, estas se demonstraram demasiado vagas, remetendo-se apenas para o ato de dançar e cantar, posteriormente atenta-se a uma grande evolução a este nível. Logo através da segunda atividade, na qual se debateu o que cada aluno considerava aprender com o folclore, observamos uma grande evolução por parte dos alunos a nível das suas ideias, elevando para um nível superior as suas imagens acerca do tema. Manifestando ideias importantíssimas como diferenciação das atividades do dia-a-dia, dos trajes e a valorização do saber das gerações mais antigas. Este último aspeto é apontado por Rüsen (2007, citado por Solé 2013) como um processo no qual o passado é uma narração e um processo de comunicação, evidente nas diferenças geracionais.

Considera-se que, nesta questão, o envolvimento da família detém um papel importante. Aqueles alunos que têm oportunidade de contactar com o tema e as tradições envolventes, revelam ideias muito características, demonstrando uma maior consciência da sua importância. Foram também estes alunos que muitas vezes partilharam os seus conhecimentos com o restante grupo, o que demonstra a grande envolvimento com a temática.

Claramente que esta envolvimento só é possível pela emoção que nos é transmitida quando abordamos determinados temas, e que é evidenciada pelo gosto que possuímos ou não por determinado assunto. Segundo Santacana (2015), emoção acontece quando nos deparamos com determinados objetos, pessoas, lugares ou histórias que alteram a nossa atenção perante os mesmos. É esta mesma emoção que de certo modo, se correlaciona com a envolvimento e motivação perante determinados conteúdos, ou seja, “se admitirmos que existe uma relação entre emoção e motivação é claro que, dada a relação que existe entre motivação e aprendizagem, há ensino” (Santacana, 2015, p.23). Considera-se assim que, o facto de todo este percurso ter sido uma mais-valia, se deveu em muito à grande envolvimento pela professora investigadora e todo o grupo investigado, que também acabou por nutrir um grande afeto por tudo aquilo que envolve tradições e a sua valorização.

O tipo de atividades apresentadas permitiu que todos os alunos se envolvessem e, conseqüentemente, adquirissem novos conhecimentos, sobretudo reconhecendo novos valores e consciencializando-se para a importância deste tema. A tomada desta consciência só é possível porque “o passado torna-se histórico quando há um processo mental para interpretar o passado e para compreender o presente” (Solé, 2013, p.4), ou seja, foi a partir deste facto que surgiu uma nova consciência, na medida em que despontam as primeiras interpretações daquilo que foi o passado, usos e costumes das pessoas.

No que concerne a esta primeira questão importa responder que no final de toda esta investigação, foi possível observarmos alunos mais conscientes daquilo que é o folclore e de tudo aquilo que lhe está subjacente. Foram-lhes transmitidos novos conhecimentos que apreenderam facilmente, desde a importância dos trajes, às atividades diárias de outros tempos. Também alguns alunos demonstraram uma grande capacidade de reflexão sobre o que lhes foi transmitido, elevando as suas aprendizagens para um patamar distinto, revelando a importância que o folclore pode ter nas suas vidas pela valorização do passado - o que será mais facilmente explorado nas respostas às questões seguintes.

Em síntese, pode dizer-se que comparativamente às concepções iniciais, este projeto permitiu que houvesse um grande progresso dos alunos e com efeito, fica desde já evidente o

contributo que este tema poderá trazer, sendo patente que deverá ser um trabalho consistente e permanente por parte dos professores.

**2. Que contributo trouxe o presente estudo ao grupo de alunos?**

**3. O folclore poderá contribuir para a formação da identidade cultural dos alunos do 1º CEB?**

Dada a relação existente entre as duas questões e pelo facto de ambas se cruzarem nos resultados alcançados, optou-se por responder a ambas de forma conjunta, sendo que na finalização do texto se procura apresentar aspetos referentes a cada uma.

Pode dizer-se que, ao longo do tempo, as atividades da presente investigação, promoveram o nível de consciencialização histórico-social dos alunos, dado que de acordo com Rüsen (2007, citado em Solé, 2013) “o processo mental da consciência histórica envolve (...) a perceção de um outro tempo, diferente” (p.4). Claramente que, esta perceção foi evidente na análise das diferentes atividades implementadas, grande parte da turma consciencializou as grandes diferenças inerentes ao tema folclore e aos dias de hoje.

O folclore, demonstra sem dúvida, ser um excelente motivo de formação da identidade cultural dos alunos, tal como foi demonstrado ao longo deste estudo onde foram evidentes diversas ostentações que o comprovam. Desde as respostas dos alunos em cada uma das atividades, até à sua envolvência em sala de aula e fora desta. Apesar de ser unanime no grupo o gosto pelo folclore, era evidente que as suas noções eram demasiado redutoras.

Com efeito, o folclore revelou-se como uma excelente alternativa para o trabalho envolta da consciência histórica e social, bem como na formação cultural destes alunos. Dado o grande gosto da investigadora e alunos para com o tema, foi possível manter um forte envolvimento emocional ao longo de todo o percurso, o que permitiu aumentar o nível de consciencialização patrimonial e social do tema, pois é claro para a investigadora que, nos casos em que não foi evidente esta envolvência, os alunos apresentaram menos progressos a nível da sua formação e na construção de novas conceções do tema. Este aspeto é frequentemente apontado por Santacana (2015), que salienta que quanta mais emoção nos transmite determinado património cultural, maior valor educativo o mesmo trará. O mesmo autor refere ainda que “uma das funções mais importantes das emoções é precisamente a motivação. Emoções conduzem o nosso comportamento” (p.23). Evidentemente que, um fator muito positivo desta investigação prende-se pelo facto de os alunos se terem envolvido com a temática, bem como, muitos deles terem antecipadamente incutido em si, um gosto pessoal pelo folclore, potenciado pelas suas

famílias. É graças à reação das pessoas perante lugares, histórias ou objetos que lhes são particularmente próximos, que é possível estimular a memória e consciência de cada um de nós. São as emoções que depositamos em determinadas situações, que alcançamos incontáveis lembranças e heranças. (Santacana, 2015)

É verdade que, os extensos programas não permitem aos docentes disponibilizar muito tempo para o ensino detalhado e pormenorizado de temas como o folclore, onde surja discussão e argumentação refletida, tal como se procurou fazer ao longo desta investigação. Contudo, é indispensável que os professores detenham entendimento da importância de valorizar estes temas em sala de aula, pois através dos mesmos poder-se-á desenvolver uma infinidade de valores pessoais, histórico-culturais e sociais dos alunos.

Tal como refere Solé (2014), os termos Educação e Património interligam-se, na medida em que, é função das instituições escolares, consciencializar para a preservação destes conceitos, neste caso o folclore. Para além disto, também a identidade e memória se ligam a este tema, de tal modo que, só assim será possível a sua preservação. Seixas (2004, citado em Solé, 2014), sugere que o passado só poderá ser sustentado através do contributo das escolas, para que consequentemente, surja a construção de identidades culturais.

No que concerne ao contributo do projeto, propriamente dito, a investigadora absorveu também os sábios conhecimentos do mentor do projeto curricular do centro escolar, o qual refere o folclore como uma fonte de perpetuação do nosso passado, e para que tal aconteça é necessário que saibamos transmiti-lo às novas gerações, transmitindo-lhes toda a significância que o mesmo possui. Fica evidente que, neste caso, os alunos têm a grande vantagem de possuir na sua instituição um projeto tão enriquecedor.

Para além da importância da escola na transmissão de todos estes conhecimentos, também as famílias detêm uma grande importância. Embora de uma forma muito discreta, foi possível através dos questionários enviados aos pais, compreender que grande parte, valorizam este tema e, demonstram consciência da sua importância, para a contribuição da formação de identidade cultural. Para os encarregados de educação, este é um modo dos seus educandos projetarem o futuro através das suas raízes passadas.

A abordagem deste tema com este grupo de alunos, suscitou o aparecimento de conceitos muito importantes como a transmissão intergeracional, que tal como foi espelhado ao longo de tudo este trabalho, permite que assim haja uma continuidade na identidade de determinado grupo. Marques e Barbosa (2015), salientam que o testemunho que, as gerações anteriores nos

transmitem, nomeadamente, valores distintos do da civilização atual, permite que os alunos possam ter consciência da vida cultural e social.

Pode-se assim falar de educação transmissiva, que tem como objetivo principal a existência de saberes considerados fulcrais e imutáveis, permitindo que haja construção de identidade pessoal. (Solé, 2012). Muitos são os meios de transmissão, contudo, os principais passam pelas famílias e instituições escolares, sendo o professor um dos elos de ligação entre a criança e a construção da sua formação pessoal e social, que passa também pelo conhecimento de património cultural, tradições, usos e costumes.

Com efeito, esta investigação comprova que o nível de formação cultural dos alunos é maior quando confrontados com este tema, permitindo o folclore desenvolver diferentes competências a nível da consciência histórica e social das crianças, pelo seu riquíssimo contributo patrimonial. Ao longo de todo este percurso foi possível verificar a constante envolvência dos alunos com o tema, que consequentemente e de forma gradual, sortiu efeitos a nível das suas perceções e valorização do património cultural, não só folclórico, mas tudo que o tema envolve.

As novas perceções permitiram que emergissem conceitos importantes como a valorização dos saberes dos mais velhos, neste caso, muito vezes os avós, que foram frequentemente apontados como os “guardiões” de toda esta transmissão de saberes.

Em síntese, esta investigação comprova que é possível iniciar desde cedo um trabalho na ótica de consciencialização e valorização histórico-cultural com as crianças. É fundamental que lhes sejam dadas bases para contruírem a valorização da sua própria identidade que, evidentemente, passa por reconhecerem as suas origens, estimando-as e atribuindo-lhes o verdadeiro valor que lhes está incutido. Muitas podem ser utilizadas as temáticas utilizadas pelos docentes para fomentar esta consciência, contudo, fica comprovado que o folclore é um bom instrumento, pois permite a “compreensão das suas origens, da sua identidade, daquilo que neles é transitório e também daquilo que neles é permanente. (Almeida, 1964, citado em Silva, 2010).

***“O Folclore liga as pessoas ao seu passado,  
é uma parte central da vida no presente,  
e está no coração de todas as culturas”***  
*The American Folklore Society*

## **Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações**

Ao longo de todo este percurso foram denotadas algumas limitações ao estudo, que se consideram relevantes realçar. Estas delimitações prenderam-se sobretudo pelas particularidades da PES II, durante a qual decorreu a investigação. Desde logo é evidente a limitação temporal, dado que uma investigação deste cariz seria favorecida caso o tempo de intervenção fosse mais alargado, permitindo uma maior recolha de dados e consequentemente, visualizar de forma mais ampla os efeitos produzidos através das intervenções. Por outro lado, permitira que a investigadora acesse a alguns alunos, dando-lhes oportunidade de explorarem mais dos seus pontos de interesse acerca do tema, que foram surgindo ao longo do estudo.

A segunda limitação encontrada pela professora investigadora, diz respeito ao facto de algumas vezes não ser simples criar interdisciplinaridade do tema com as áreas de conteúdo, o que dificulta em muito a introdução das intervenções. Assiste-se no 1<sup>a</sup> CEB ao constante constrangimento do programa, e o quanto o mesmo é focado em áreas como a Matemática e a Língua Portuguesa, não sendo sempre possível aos docentes trabalhar temas tão diversificados como este. Contudo, sem dúvida que favoreceu em muito, a existência de um projeto escolar dentro desta área temática.

Apesar de não ser uma limitação no estudo decorrido, é importante salientar que em investigações futuras, o investigador deve ter em conta a proximidade do tema ao grupo em estudo. O facto de este contexto escolar estar inserido num meio rural e privilegiado no que diz respeito à valorização do folclore, tornar viável a realização da investigação, que certamente não seria possível num meio onde o tema não tem qualquer relevância.

Por outro lado, seria interessante e curioso assistir à implementação de um estudo idêntico num local onde o tema folclore não estivesse em voga. Claramente que, um dos fatores chave para a motivação dos alunos se prendeu pelas suas vigorosas ligações ao folclore, e também por o Centro Escolar se encontrar inserido numa freguesia fortemente ligada a esta tradição. Possivelmente, o mesmo estudo num local onde o grupo de alunos não tinha qualquer conhecimento nem ligação ao tema, teria conclusões diferentes, percebendo-se assim os pontos comuns e distintos.

Também para estudos futuros, seria muito importante que este estudo pudesse ter continuidade, ou ser implementado, em anos superiores do 1<sup>a</sup> CEB. Isto porque, tratando-se alunos mais velhos e consequentemente, mais conscientes do mundo que os rodeia, os resultados poderiam ser comparativamente mais evoluídos e mais evidentes.



**CAPÍTULO III – REFLEXÃO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO  
SUPERVISIONADA I E II**

---



## REFLEXÃO FINAL DA PES I E II

Este último capítulo dedica-se à reflexão final de toda a experiência ao longo da PES I e II, ou seja, as vivências da prática em pré-escolar e no 1º ciclo. Ao longo do texto seguinte serão evidenciados diversos aspetos que considero serem relevantes.

*“Tudo é considerado impossível até acontecer”*

Nelson Mandela

Culminada esta grande experiência importa agora refletir sobre de tudo aquilo que tive oportunidade de vivenciar. Esta caminhada teve início numa licenciatura de 3 anos, porém, muito antes desse percurso, já existia uma menina que sonhava um dia poder passar os seus dias rodeada de crianças, ensinando-lhes não só a ler, escrever, contar..., mas sobretudo a fazê-las crescer em sabedoria, desenvolvendo as suas capacidades cognitivas e sociais. Foi através desta ânsia que iniciei a minha formação em educação, na qual vivenciei recentemente as primeiras duas grandes experiências da minha vida.

Os dois momentos de PES foram em contextos distintos, primeiramente com um grupo de crianças em idade pré-escolar (3-5 anos) e, de seguida, numa turma do 1º ano do 1º CEB. Embora algumas das idades destas crianças se aproximem, ambas as vivências foram distintas e permitiram-me ampliar a minha experiência nestes diferentes ciclos.

Início relembrando a PES I que decorreu num contexto de pré-escolar. As primeiras semanas foram sem dúvida de grande ansiedade: como ia enfrentar aquele grupo de crianças de tão tenra idade, mas que muito tinham para dar e receber? Qual a melhor forma de lhes permitir vivenciar grandes experiências?

Logo através das semanas de observação ao contexto, compreendi que acabava de me inserir um local onde se respirava felicidade, educação e sobretudo valorização da infância e crescimento daquelas crianças. Toda a observação foi fulcral para o trabalho posterior uma vez que, “constitui, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo.” (Ministério da Educação, 1997, p. 25).

Através das primeiras semanas, foi também possível compreender que a educadora cooperante não regia o seu trabalho pedagógico apenas por um modelo curricular, fazendo por isso um cruzamento dos diversos modelos (High-scope, Escola Moderna, Réggio Emília e o

Trabalho de Projeto) que se iam evidenciando no dia-a-dia das crianças, através das rotinas, na organização da própria sala, nas áreas de atividade livre e nas atividades desenvolvidas pela cooperante.

Quando iniciei as minhas intervenções, em ambos os casos, foi necessário escutar as crianças, compreender as suas necessidades e interesses pois no momento de planificar, todos estes aspetos foram tidos em conta. Assim, planificar começou a ser uma rotina na qual encontrei dificuldades e imensas interrogações, pois pretendia conseguir aproximar-me do excelente trabalho que a educadora cooperante havia já iniciado com o grupo, onde eram exploradas atividades estimulantes e desafiadoras.

Compreendi com ambas as PES que planificar é fundamental, não apenas para que o trabalho seja mais facilitador, mas também para assim organizar e prever a interação entre o adulto e criança, pois “planejar implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo” (Ministério da Educação, 1997, p. 26). Contudo, consciencializei-me também que a planificação muitas vezes não pode ser seguida à risca e aquele que muitas vezes consideramos ser o caminho mais correto, na prática apreendemos que não. Por isso cabe ao educador/professor adaptar as suas estratégias seguindo um novo caminho que favoreça as aprendizagens do seu grupo. Este aspeto foi evidente muitas vezes na PES II, quando era necessário reestruturar as estratégias adotadas, pois era perceptível que muitos alunos mostravam dificuldades em compreender determinado conteúdo. Dada a heterogeneidade da turma este é um dos grandes desafios que se impõe a um professor, conseguir chegar a todos os seus alunos.

No que concerne ainda ao trabalho efetuado por um profissional da educação, apropriei-me também da relevância de haver interdisciplinaridade, não visualizando as áreas como estanques e promovendo uma aprendizagem de integração. Cabe ao educador permitir que haja oportunidade de proporcionar aprendizagens verdadeiramente significativas. Sem dúvida, que ao longo da experiência PES I este trabalho foi mais facilitado. O pré-escolar permite ao educador gerir o tempo e aprendizagens dos alunos, sem que sintam a pressão e “assombração” do cumprimento do programa e avaliação das crianças, permitindo que haja uma pedagogia participativa entre o educador/criança e até da própria família. Já na PES II e mesmo tratando-se de uma turma do 1º ano, foi desde logo evidente a constrangimento que existe para que haja cumprimento dos conteúdos do programa e os alunos atinjam as metas pretendidas.

Embora as primeiras intervenções da PES II tenham acontecido no início do primeiro período - ainda as crianças se encontravam ambientar a este novo ciclo - foi necessário romper fronteiras que se demonstravam já bastante fortificadas, no que diz respeito ao seguimento do manual e tratamento das áreas como estanques. Foi por isso necessário combater este fator, começando por introduzir atividades integradoras das diversificadas áreas, permitindo que os alunos se demonstrassem mais motivados para as aprendizagens, bem como introduzir diferentes estratégias para a inserção de conteúdos, não nos cingindo apenas pelo manual escolar, que na maioria dos casos é seguido com rigor, esquecendo-se muitas vezes os professores, de que o seu grupo de alunos necessitam de atividades mais estimulantes, desafiadoras e que lhes permita criar novos horizontes.

Também esta constante preocupação para com os resultados dos alunos, foi evidente a nível do envolvimento das famílias. Este é um fator que como futura profissional de educação me fez refletir - o modo como os pais participam, ou não, na vida escolar dos filhos, influencia o modo como estes encaram a escola e as novas aprendizagens. Na PES I percecionei que os pais ainda não se preocupam com estas questões relativas às aprendizagens e avaliações quantitativas. Inquietam-se sobretudo com a adaptação dos filhos ao ambiente educativo e ao modo como se relacionam com as restantes crianças e os adultos próximos, por isso, acabam também os pais por se aproximar mais do próprio contexto escolar, bem como, da educadora e auxiliar. Esta proximidade que as famílias mantêm com a educação dos seus filhos é fulcral para complementar o trabalho dos profissionais da educação. É necessário que haja diálogo e colaboração entre ambos. Percebi com estas duas experiências que há uma desagregação da família na ligação ao pré-escolar para o 1º ciclo - onde habitualmente os pais só recorrem à escola para saber das avaliações dos seus filhos e não contactam de forma tão direta com a escola e professores. Contudo, o papel do professor é essencial para que se assegure “a articulação entre o estabelecimento educativo e as famílias, no sentido de encontrar, num determinado contexto social, as respostas mais adequadas para as crianças e famílias, cabendo aos pais participar na elaboração do projeto educativo do estabelecimento.” (Ministério da Educação, 1997, p. 22/23). Não deve o papel dos pais no 1º ciclo limitar-se às reuniões de avaliações, devendo procurar manter um contacto próximo com os seus filhos e a escola, contudo não existindo esta procura, deve ser o próprio professor a criar momentos propícios para que os encarregados de educação se sintam parte integrante da vida escolar dos filhos.

A experiência do pré-escolar mostrou-me toda a magia inerente a estes momentos, desde a proximidade com as famílias e participação ativa das mesmas na comunidade escolar,

até ao fascínio que há na educação e transmissão de ensinamentos aos mais novos. Foi um constante desafio tendo em conta a heterogeneidade não só de idades, mas também de interesses e necessidades, pelo que muitas vezes no início do percurso compreendi o quanto era complexo alcançar todos os alunos e transmitir-lhes todas as mensagens que pretendia transpor. Neste sentido, compreendi também, a importância que tem o facto de o professor conseguir criar um ambiente estimulante, partindo de situações/vivências que lhe são mais próximas e familiares através do meio local.

O meio local permite que as crianças compreendam que é possível aprender através de tudo aquilo que as rodeia e assim dar sentido a todas as suas aprendizagens. Seguindo este parecer, ao longo da PES I, no desenrolar do projeto de Empreendedorismo, o qual deveria partir de ideias sugeridas pelas crianças, procuramos então alertá-las para as suas vivências e o meio onde viviam, surgindo então a criação de um Grupo Folclórico dentro da sala de aula. Este é um exemplo de como através dos interesses das crianças o professor poderá desenvolver inúmeras atividades, bem como fortalecer competências básicas de planeamento, organização, partilha com os colegas, entre outros.

Não só é importante ter em conta as vivências e o meio próximo das crianças, como o professor deve refletir acerca do grande avanço tecnológico e social dos dias de hoje, onde as crianças têm acesso a uma variedade de instrumentos tecnológicos e inovadores com os quais para além de se divertirem também aprendem. Seguindo esta lógica de inovação é necessário que o professor repense os seus métodos. É fundamental que haja uma constante criatividade procurando diferentes tarefas, materiais e estratégias que ampliem as aprendizagens dos alunos. Seguindo este ideal, procuramos ao longo das nossas intervenções na PES I e II, dinamizar atividades com materiais apelativos e que favorecessem as novas aprendizagens dos alunos.

Lidar com imprevistos foi um desafio que imperou ao longo de toda a prática o que, sem dúvida, foi bastante importante para que encarasse com uma perspetiva de melhoramento da minha experiência, pois são estas situações inesperadas que me permitem alcançar novas aprendizagens. Ao longo da PES I, estes imprevistos prenderam-se, sobretudo, pelos momentos em que as crianças dispersavam completamente da atividade que tentava introduzir. Nas primeiras situações, estes momentos pareciam impossíveis de controlar. Com o correr das intervenções, aprendi que cada criança tem o seu tempo e predisposição para determinadas atividades, deste modo, tornou-se imperativo ter em atenção os momentos em que as atividades seriam introduzidas. Sendo que neste percurso, deveria ser pensado o tempo

disponibilizado para atividades propostas pelas educadoras e tempo livre para brincadeira livre. Este foi um dos pontos que mais me fez refletir, na medida em que me apropriei da importância do ato de brincar, sem descorar, obviamente, que se pretende que o educador utilize estes momentos para introduzir brincadeiras lúdicas e estimulantes.

No que concerne à PES II, senti, sobretudo, que os momentos nos quais era necessário haver uma resolução imediata da minha parte, começaram a ser evidentes com os diferentes ritmos de aprendizagens dos alunos, que se refletiam no modo como terminavam rapidamente as tarefas. Foi assim necessário, dar uma resposta a estes - para isso foi utilizado um recurso que os alunos utilizavam para retirar tarefas e assim ocupar o tempo de espera. Mas foram diversos os momentos em que refleti sobre este problema – como pode um professor controlar uma turma com níveis de aprendizagens tão distintos? – claramente que, muitas destas respostas surgem com a prática pedagógica.

Como em qualquer percurso acontece, também no meu enfrentei algumas dificuldades. Logo na PES I compreendi o difícil papel de um educador que possui diante de si um grupo com idades, necessidades e interesses tão distintos e cabe-lhe conseguir, ou pelo menos tentar alcançar todas as crianças do mesmo modo, proporcionando-lhes vivências enriquecedoras. Nem sempre foi fácil articular as tarefas de modo a alcançar todas as faixas etárias. Outro aspeto prende-se pelo controlo da turma, no que diz respeito a comportamentos desajustados. Ao nível do pré-escolar este fator evidenciou-se com algumas crianças mais pequenas que apresentavam dificuldades em se relacionar com os restantes colegas, tendo sido necessário instruir-me mais sobre este facto, procurando dinamizar atividades para que fosse possível combater esta lacuna. Já quanto à PES II, foi ainda mais evidente, na medida em que, os alunos se estavam a ambientar às novas regras de sala de aula e muitas vezes apresentavam também comportamentos inadequados, o que me levou a ter grandes dificuldades no controlo da turma em algumas atividades. Porém, certamente que a existência de regras adequadas em sala de aula facilita todo este processo de integração no novo ciclo.

Não posso deixar de fazer um apontamento especial a esta última experiência na PES II, da qual resultou toda esta investigação, e ao longo da qual encarei dificuldades que com esforço e dedicação consegui ultrapassar. Quando fui notificada de que o meu percurso de estágio passaria por uma turma do 1º ano, o que senti foi um misto de sensações. Não tinha sequer ideia do que me esperava. Estaria eu à altura deste desafio? Alunos acabados de entrar no novo ciclo: como ensiná-los a ler e escrever? Como adaptá-los a esta nova realidade das suas vidas,

construindo uma ponte de ligação entre o pré-escolar e o 1º CEB? Terei eu a capacidade de lhes transmitir vivências verdadeiramente significativas?

Estas foram algumas das questões que rapidamente se impuseram no meu pensamento. Logo compreendi, nos primeiros dias de observação ao contexto, que tinha diante de mim alunos com muita vontade de aprender, mas ainda com uma necessidade de liberdade característica do pré-escolar. Deste modo, um dos principais desafios estava relacionado com a capacidade de inovar, alicerçar aos conteúdos estratégias diversificadas que permitissem que os alunos se sentissem motivados para aprender. Desde cedo, compreendi também a dificuldade inerente a grande parte do grupo, no que diz respeito ao tempo de atenção. Era notório que ao fim de algumas horas, grande parte dos alunos já se encontravam dispersos, neste sentido foi fundamental criar atividades com dinâmica que envolvessem todos os alunos. Todavia, esta experiência levou-me a refletir sobre assuntos tão importantes como a carga letiva e extensão do programa.

Ao longo deste percurso a minha reflexão foi constante, na medida em que muitas vezes o 1º ano é desprestigiado, como que seja um ano simples de lecionar para o professor. Facilmente compreendi com esta prática o nível de exigência para com o professor de alunos do 1º ano, repleto de alunos que anseiam aprender a ler, escrever e contar. Mas este é o grande desafio que se impõe, respeitar o modo como cada criança aprende, o ensino gradual de cada uma das letras ou números, até à “magia” de saber ler e contar. São dias exigentes, cansativos, mas recheados de alunos que requerem tempo, atenção e cuidado para que esta nova fase seja encarada positivamente. Claramente que, todas as dúvidas, receios e nervosismos se dispersam a cada dia que vemos a constante evolução de cada um e o quanto, aqueles seres que inicialmente até dificuldades apresentavam em segurar o lápis, acabam por adquirir aprendizagens de um modo tão sublime. Ressalva-se que nem tudo foi fácil no que concerne à aquisição de conhecimentos. Alguns alunos, demonstraram dificuldades e aprender, sendo necessário criar novas estratégias para que fosse possível aprenderem.

Muitas vezes no diálogo com outras pessoas distantes da realidade do que é a educação, referem-se ao papel do professor como alguém que tem o dever de apenas transmitir conhecimentos, que tem que ser extremamente instruído e pronto a dar respostas a qualquer questão que lhe seja imposta. Este não é nem deve ser o resumo da vida profissional de um docente. Ser professor é muito mais do que instruir é uma constante busca por desafios para nós e para aqueles a quem procuramos dar um pouco de nós. Para além de todos os conhecimentos científicos que deve ter, o professor tem que ter a capacidade de se relacionar



com todos os que o rodeiam, amá-los e respeita-los, dando-lhes todos os alicerces para que o seu caminho pessoal seja construído. Cabe ao professor abrir horizontes, estimular e orientar o supremo interesse das crianças, não travando a sua imaginação e ânsia de conhecer mais do mundo. Deve o professor ser o guia deste caminho, não delimitando, mas sim dando todas as ferramentas para que seja possível à criança questionar-se e desafiar-se.

Considero que toda esta prática me enriqueceu pessoalmente, mantendo-me consciente de que ainda tenho muito para descobrir, mas foi sem dúvida através destas experiências que abri os meus horizontes, capacitando-me (um pouco) da exigência do que é ser educador/professor. Não posso deixar de salientar que o modo como esta prática pedagógica se encontra definida é uma mais-valia para a nossa formação. A oportunidade que nos é dada para que este momento seja feito em pares pedagógicos, e assim o trabalho colaborativo possibilita-nos enfrentar mais facilmente as adversidades, refletir em conjunto enquanto práticas e estratégias. É ainda importante referir que a relação com os professores cooperantes é fulcral nestas experiências, uma vez que nos orientam quanto às planificações e diferentes estratégias de intervenção, e acima de tudo nos transmitem toda a sua experiência na área. Também o facto de ser dado por parte deles um contante feedback, permite que consigamos melhorar a nossa prática e reformula-la da melhor forma. E claramente que, toda a aprendizagem que adquiri se deve a eles.

Também o papel dos professores orientadores da ESE, detêm um grande papel nestes momentos das nossas vidas. É através deles que somos também encorajados a dar o melhor de nós. A exigência que têm para connosco, apesar de poder parecer demasiada, revela toda a expectativa que têm para connosco e o quanto esta profissão é exigente. A forma como nos fazem ter consciência de que um professor não deve apenas preocupar-se com o currículo, possibilitando-nos vivenciar as mais diversas experiências no sentido mais amplo do que é ser professor/educador.

Refletindo de um modo global, estas duas experiências fazem de mim uma pessoa feliz, realizada e certa de que seguiu o rumo certo – independentemente dos dissabores do futuro. Sinto-me grata por ter tido duas boas experiências, em contextos escolares muito especiais, nos quais as crianças têm o papel principal. Apreendi muito do que o papel de um educador/professor, mesmo de todos os aspetos mais formais que não me competiam: como reuniões, constantes avaliações e outras questões que tive oportunidade de ver comigo partilhadas por parte de ambos os cooperantes. O facto de ser dada esta oportunidade a um estagiário é muito importante, para que se entenda que o papel dos docentes não se limita ao

da sala de aula, transmitindo ensinamentos. Todo este trabalho é muito superior ao expectável e foi por isso muito vantajoso para mim, ser-me dada a oportunidade de ter contacto com tudo aquilo que está inerente à relação escola-professor.

Para além de todo crescimento pessoal, que sinto que obtive, estou certa que também marquei um pouco das vidas de todas aquelas crianças com quem contactei. Tendo a oportunidade de lhe transmitir não só novos conhecimentos, mas também novas vivências e experiências significativas para eles, que estou certa que também marcaram o seu crescimento pessoal. Muito foi o que dei às crianças, em ambas as experiências, mas também elas me fizeram crescer e compreender muito da vida.

Estou consciente de todas as dificuldades que poderei encontrar no meu futuro, mas certa que esta experiência me permitirá enfrentá-las de uma forma melhor. Todas estas vivências permitiram-me crescer e adquirir uma grande bagagem pessoal, que me permitirá lutar afincadamente pelo meu futuro e de todos aqueles que passem pela minha vida.

## Bibliografia

- Abreu, A. (2010). *O Traje à Vianesa - E a roupa que vestimos*. Viana do Castelo: Junta de Freguesia da Meadela.
- Almeida, E., & Solé, G. (2015). O património histórico como recurso pedagógico para a construção do. *Educação Patrimonial: Contributos para a construção de uma consciência patrimonial*. (pp. 233-259). Universidade do Minho: Centro de Investigação em Educação (Cied).
- Barca, I. (2004). Aula Oficina: Do Projecto à Avaliação. *Para uma Educação Histórica de Qualidade* (pp. 131-147). Braga: Universidade do Minho.
- Barca, I., & Solé, G. (2012). *Educación histórica en Portugal: metas de aprendizaje en los primeros años de escolaridad*. Obtido de Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado: <http://www.aufop.com>
- Basto, C. (1986). *Traje à Vianesa*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Boavida, A. M., Paiva, L., Cebola, G., & Pimentel, T. (2008). *A Experiência Matemática no Ensino Básico: Programa de Formação Contínua em Matemática para Professores do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação:.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Cachambu, A., Carlos, A., Andréia, F., Fernandes, D., Zachazeski, L., Rocha, T., & Spolavori, T. (2005). O Folclore e a Educação. *Cadernos FAPA*, 53-58.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, D. (2010). *O folclore*. Lisboa: Meloteca.
- Carvalho, J. (2000). Introdução. Em A. Viana, *O Alto-Minho na obra Etnográfica de Abel Viana* (pp. 7-12). Viana do Castelo: Academia de Música de Viana do Castelo.
- Centro de Estágio de Educação Visual. (1983). *Artes e Tradições de Viana do Castelo*. Lisboa: Terra Livre.

- Coordenação Geral do V Festival Internacional de Folclore. (1991). *Como trajava o povo Português*. Lisboa: Inatel.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Facal, R. (2015). Educación patrimonial y construcción de identidades democráticas. Em G. Solé, *II Seminário Internaciona de Educação Patrimonial: Contributos para a construção de uma consciência patrimonial* (pp. 59-64). Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Fosnot, C. T. (1989). *Professores e Alunos Questionam-se: Uma Abordagem Construtivista do Ensino*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fosnot, C. T. (1996). *Construtivismo e Educação: Teoria, Perspectivas e Prática*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gago, M. (Jan/Jun de 2007). Concepções de passado como expressão de consciência histórica. *Currículo sem Fronteiras*, pp. 127-136.
- Goodnow, J. (1979). *Desenho de crianças*. Lisboa: Moraes editores.
- Guimarães, L. (2012). Memória, Educação e Folclore: O pensamento de professores e folcloristas no movimento folclórico brasileiro da década de 1950. *Revista Episteme Transversalis*, pp. 1-12.
- Hofstede, G. (1997). *Culturas e Organizações: compreender a nossa programação mental*. Lisboa : Edições Sílabo.
- Kaes, R., Faimberg, H., Enriquez, M., & Baranes, J. (2011). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Brasil: Casa do Psicólogo.
- Marques, G., & Barbosa, I. (2015). Identidade local e descoberta do património no dia-a-dia. // *Seminário Internacional de Educação Patrimonial: Contributos para a construção* (pp. 265-281). Braga: Centro de investigaçãoem educação (CIED).
- Medeiros, A., Pereira, B., & Botelho, J. (2009). *Uma imagem da nação- O Traje à Vianesa*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Ortigão, R. (1986). *As Farpas I*. Lisboa: Clássica Editora.

- Paço, A. (1979). *Etnologia Alto Minho: Distrito de Viana do Castelo: Trajes, Folclore e Artes Populares*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo .
- Paço, A. (1994). *Etnografia Vianesa: Colectânea de Trabalhos de Etnografia*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Pinto, H. (2015). Articulando Património e Educação: os contributos da Educação Patrimonial . *II Seminário Internacional de Educação Patrimonial: Contributos para a construção* (pp. 66-67). Braga: Centro de Investigação em educação (CIE).
- Pita, F. (2009). Viana e o Folclore. Em *A falar de Viana: Romaria Senhora D'Agonia* (pp. 17-20). Viana do Castelo: Viana Festas.
- Portugal. Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Portugal. Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1º Ciclo*. Mem Martins: Ministério da Educação.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rabaçal, A. J. (1968). *Os conceitos de Folclore e Etnografia em Portugal e no Brasil*. Barcelos: Museu de Cerâmica Popular Portuguesa.
- Rodrigues, A. (1956). Do ensino do Folclore nas escolas do magistério primário. *Actas do Congresso de Etnografia e Folclore* (pp. 357-362). Lisboa: Junta da acção social.
- Roque, J. (1956). A Etnografia, o ensino, as associações e os museus. *Actas do Congresso de Etnografia e Folclore* (pp. 445-450). Lisboa: Junta da Acção Social.
- Sampaio, F. (2006). Festa do traje e Folclore. Em *A falar de Viana: Romaria Senhora D'Agonia* (pp. 75-78). Viana do Castelo : Viana Festas.
- Santacana, J. (2015). El patrimonio, la educación y el factor emocional. *II Seminário Internacional de Educação Patrimonial: Contributos para a construção* (pp. 19-32). Braga: Centro de investigação em educação (CIED),.
- Silva, A. (2010). *Jogos, brinquedo e brincadeiras - Trajetos intergeracionais (Tese de Douturamento)*. Braga: Universidade do Minho.

- Simas, A. (2004). Sobre o nosso traje. Em *A falar de Viana: Romaria Senhora D'Agonia* (pp. 85-87). Viana do Castelo: Viana Festas.
- Solé, G. (2013). A consciência histórica e significância histórica em alunos portugueses. *Revista de Educação Histórica*.
- Tylor, E. (1920). *Primitive culture : researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom*. Londres.
- Vale, I. (2004). Algumas notas sobre a investigação qualitativa em matemática: O estudo de caso. *Revista da ESE*, 171-202.
- Vasconcelos, J. (2001). Estéticas e políticas do Folclore. *Análise Social*, 399-433.
- Vasconcelos, J. (2003). O povo enquanto líbido no folclorismo poético de Pedro Homem de Melo (1904-1984). Em E. Branco, & J. Branco, *Vozes do Povo: a folclorização em Portugal*. Lisboa: Celta Editora.
- Vasconcelos, J. (2003). O povo enquanto líbido no folclorismo poético de Pedro Homem de Melo (1904-1984). Em S. Castelo-Branco, & J. Branco, *Vozes do Povo: a folclorização em Portugal* (pp. 461-482). Lisboa: Celta editora.
- Viana, A. (1956). A Etnografia perante o Folclore turístico. *Actas do Congresso de Etnografia e Folclore* (pp. 173-179). Lisboa: Junta da acção social.
- Viana, A. (2000). *O Alto-Minho na obra Etnográfica de Abel Viana*. Viana do Castelo: Academia de Música de Viana do Castelo.
- Vieira, C. (1992). *A lavradeira de Viana: o maior valor cultural da região*. Viana do Castelo: Tipografia Vianense.

## ANEXOS

---





## Anexo 1 – Planificação de Referência

.Escola:		Ano /Turma: 1ªA	Data: 30 de novembro, 1 e 2 de dezembro		
Mestrando: Joana Araújo e Mariana Torres		Dia da semana: segunda-feira, terça-feira e quarta-feira		Período: 1º	
Temas /Conteúdos /Blocos	Competências/ Objetivos específicos/ Objetivos gerais/ Descritores	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho (incluir aprendizagens prévias se relevante)	Materiais/re cursos/espacos físicos	Tempo	Avaliação
		>Segunda-feira (30 de novembro)			
<b>Língua Portuguesa</b>  <u>Leitura e escrita</u>  Consciência fonológica e habilidades fonémicas	1. respeitar regras de interação discursiva;  1.1. Escutar os outros e esperar a sua vez de falar;	<p>A estagiária inicia a aula com os alunos dispostos nos devidos lugares, solicitando que os mesmos organizem o seu trabalho individual, abrindo os seus cadernos diários. A estagiária percorre o lugar de cada criança orientando-os quanto ao local na folha onde devem escrever o seu nome e data.</p> <p>Quando os alunos começam a finalizar esta rotina, a estagiária começa o novo jogo (implementado na 2ª intervenção), intitulado de “Passa a palavra”. O mesmo tem o intuito de criar hábitos e rotinas matinais, de modo que as crianças se concentrem e motivem para as novas aprendizagens. Neste momento a estagiária coloca uma pequena bola na mão de uma criança, à qual coloca uma questão, após ser dado algum tempo para que a mesma responda deverá passar a bola a outro colega.</p>		30' (9h-9h30)	- É autónomo;  -Revela atenção;  -Escreve corretamente o seu nome;

Alfabeto e grafemas	1.2. Respeitar o princípio de cortesia;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diz uma palavra que tenha a letra a/e/i/o ou u.</li> <li>• Diz um nome de uma pessoa que comece por a/e/i/o ou u.</li> <li>• Se eu te der dois lápis e a Mariana três com quantos lápis ficas?</li> <li>• Se eu te der 5 lápis e a Mariana te tirar dois com quantos ficas?</li> <li>• Quem está à tua direita/esquerda?</li> <li>• Diz um objeto que se encontre em cima/em baixo da mesa.</li> </ul>			<ul style="list-style-type: none"> <li>-Identifica o dia em que estamos;</li> <li>-Aguarda pela sua vez de falar;</li> </ul>
<u>Oralidade</u>	6. Conhecer o alfabeto e grafemas;	<p>Terminadas todas as rotinas de aquisição de métodos de trabalho, a estagiária começa por mostrar às crianças um livro (anexo 1), apresentando a capa e contracapa questiona:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que mostra este livro na sua capa?</li> <li>• O que faz lembrar esta imagem?</li> <li>• Que expressão parece ter o Pai Natal?</li> </ul> <p>Após um breve diálogo com as crianças e sem dar ideia sobre o que possa ser abordado na história, a estagiária começa por mostrar às crianças uma cesta. Nesta cesta estão presentes alguns objetos/imagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai Natal;</li> <li>• Presentes;</li> </ul>	-Livro;	60'(9h30-10h30)	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Responde corretamente e à questão colocada;</li> <li>-Articula corretamente e as palavras;</li> <li>-Inventa acontecimentos/frases através dos</li> </ul>
Interação discursiva	6.1. Fazer corresponder as formas minúscula e maiúscula da maioria das letras do alfabeto;		-Cesta literária;		

	<p>6.4. Escrever as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 sapato de cristal;</li> <li>• 1 rato;</li> <li>• 1 bruxa;</li> <li>• Capuchinho Vermelho;</li> </ul> <p>Posto isto, a professora questiona as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que vos lembra cada uma destas imagens?</li> <li>• O que será que têm em comum?</li> <li>• E se antes de lermos a nossa história, inventássemos uma através das imagens desta cesta?</li> </ul> <p>Neste momento, a estagiária, deverá solicitar aos alunos que sugiram ideias sobre que poderá decorrer na historia, utilizando cada uma das personagens e objetos que apareceram na cesta. As ideias dos alunos devem ir sendo ajustadas e desenvolvidas em grande grupo, enquanto a estagiária escreve a sucessão dos acontecimentos no quadro branco.</p> <p>Terminado este momento e tendo sido finalizada a história construída pela turma, a professora estagiária distribui por cada criança uma folha, na qual deverão registar através de desenho a mesma.</p>	<p>Objetos/imagens;</p> <p>-Quadro branco;</p> <p>-Folha;</p>		<p>objetos apresentados.</p> <p>-Revela criatividade.</p> <p>-Demonstra atenção às propostas dos colegas.</p>
--	---	--	---	--	---

<b>Matemática</b>	3.2 Efetuar adições envolvendo números naturais até 20, por manipulação de objetos, ou recorrendo a desenhos e esquemas;	<p>Concluída esta atividade a professora estagiária procede à leitura da história, no final da mesma distribui pelas crianças uma pequena folha (anexo 2), na qual se pretende que as crianças registem elementos fundamentais de compreensão do texto.</p>			
		<p style="text-align: center;"><b>10h30-11h – Intervalo</b></p> <p>De regresso à sala de aula, é solicitado às crianças para arrumarem as suas mesas de modo a estarem prontas para iniciar as atividades que se seguem.</p> <p>Pretende-se criar uma ligação entre a área do português e a matemática, para tal, a partir da história “Ninguém dá prendas ao Pai Natal” trabalhada na aula anterior, serão criados alguns problemas/situações matemáticas onde serão explorados os conteúdos aprendidos até ao momento.</p> <p>Assim, a estagiária começa por relembrar a história, dando enfoque às personagens, uma vez que é delas que advém as situações matemáticas. Como por exemplo:</p>			
<u>Números e operações</u>					
Números naturais					
Subtração	6.Resolver problemas.	O Pai Natal ofereceu chocolate quente com natas à Capuchinho Vermelho. Mas, entretanto, a menina ficou com muita fome e o senhor foi buscar umas bolachinhas em forma de coração.			Compreende o enunciado do problema;
<b>Estudo do Meio</b>					

<p><b>Expressão físico-motora</b></p> <p><u>Bloco 6-Atividades rítmicas expressivas</u></p>	<p>6.1 Resolver problemas de um passo envolvendo situações de retirar, comparar ou completar.</p>	<p>Da primeira vez, a Capuchinho <b>tirou 1 bolacha</b>. Como eram tão deliciosas, <b>tirou mais 3</b>. E pensou, “Ai, a minha avozinha é que ia gostar destas bolachinhas! Vou <b>levar-lhe 4</b>.”</p> <p>Quando o Pai Natal procurou uma para si, ficou muito admirado, porque <b>só restava 1</b>.</p> <p>Se a caixinha ficou sem bolachinhas, quantas estavam lá dentro? Regista como descobriste.</p> <p>Será distribuída uma ficha de trabalho para que as crianças possam registar as suas conclusões. A correção será feita no final de cada exercício, em grande grupo e no quadro branco, de modo a que todos os elementos possam comparar com a sua resolução.</p> <hr/> <p><b>12h30-14h – Almoço</b></p> <hr/> <p>Após a hora de almoço, a estagiária reúne as crianças e encaminha-as para o polivalente onde decorre a sessão de dança (folclore). Esta sessão integra uma parceria entre o Agrupamento e o Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo, deste modo, esta sessão é dirigida por um colaborador do referido Grupo e dura aproximadamente 30 min.</p>			<p>-Efetua corretament e a subtração.</p> <p>-Explicita a sua forma de pensar;</p>
---	---	---	--	--	--

<b>Expressão Musical</b>		<p>De seguida as crianças serão encaminhadas para a sala, onde a estagiária deverá dar oportunidade para concluírem alguns trabalhos iniciados de manhã.</p> <p>Por volta das 15h, a professora estagiária solicita aos alunos que arrumem o seu trabalho, uma vez que se dará início à aula de música, dirigida pela professora Sandrina.</p>			
		>Terça-feira (1 de dezembro)			
<b>Língua Portuguesa</b>		<p>A manhã tem início com as habituais rotinas matinais.</p> <p>Terminadas as rotinas a estagiária prepara os alunos para a ficha de avaliação de Língua Portuguesa, a última a ser realizada no âmbito das avaliações mensais do agrupamento.</p>	Fichas de avaliação	30' (9h-9h30)	
<b>Língua Portuguesa</b>		<p><b>10h30-11h – Intervalo</b></p> <p>Na segunda parte da manhã será dada continuidade à ficha de avaliação.</p>	Fichas de avaliação	60' (9h30 – 10h30)	

<p><b>Expressão Plástica</b></p> <p><u>Bloco 3 — exploração de técnicas diversas de expressão</u></p>	<p>Fazer composições utilizando recorte e colagem</p>	<p><b>12h30-14h – Almoço</b></p> <p>De regresso à sala de aula, os alunos são incumbidos de organizar as suas mesas de trabalho, permitindo a melhor execução da tarefa que se segue.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel de embrulho</li> <li>• Papel de lustro</li> <li>• Revistas</li> <li>• Jornais</li> <li>• Colas</li> <li>• Tesouras</li> </ul>	90'(11h-12h30)	<p>Recorta e cola corretamente.</p> <p>Ordena sequencialmente os dias dos mês.</p>
		<p>Uma vez que o Natal será o tema predominante ao longo deste mês, iniciando trabalhos desde o dia anterior com a leitura da história “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”, e uma vez que neste dia principia o mês de dezembro, será realizado um calendário do advento, que as crianças ajudarão a construir através de recorte e colagem. Assim, cada criança ficará responsável por decorar um dia do mês, e terá disponíveis diferentes tipos de papéis (papel de lustro, revistas, jornais, papeis de embrulho) que deve recortar em pedacinhos e colar.</p> <p>Este calendário pretende também servir de mote para cada dia, uma vez que cada manhã será “aberto um novo dia” e de lá sairá uma tarefa/mensagem que motive as crianças para o dia que se segue.</p> <p>~</p>		120' (14h-16h)	





<b>Matemática</b>	6.4 Escrever as letras do alfabeto, na ordem minúscula e maiúscula;	<p>À vez, as crianças deslocam-se ao centro da sala e lançam os dados. Com a ajuda da estagiária, formulam a frase e escrevem-na no quadro. No final, todos os alunos devem copiar a frase para os seus cadernos diários.</p> <p>No decorrer da aula, deve ser introduzido um novo dado, em que nas suas faces estarão escritos nomes próprios e comuns, de modo aumentar o grau de dificuldade das frases.</p>			-Forma frases complexas;
	4 . Comparar números naturais até 100 tirando partido do valor posicional dos algarismos e utilizar corretamente os símbolos > e <.	<p><b>10h30-11h – Intervalo</b></p> <p>Terminada a hora do intervalo, a professora estagiária solicita a um aluno que se dirija ao quadro, que deve retirar dois cartões de um saco. Cada um dos cartões terá um número, que o aluno deve colocar no quadro e comparar, ou seja:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 3_ 3, devem colocar o sinal adequado de modo que a expressão seja verdadeira. 3=3.</li> </ul> <p>Este jogo será feito com vários alunos, sendo que irá complexando, com adição de um novo saco, neste saco em vez de estarem cartões estarão expressões, por exemplo 3+1. Assim o aluno retira um cartão de cada um dos sacos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 3_ 4+3; O aluno deve compreender que inicialmente deve resolver a adição, para que posteriormente seja mais fácil colocar o sinal adequado.</li> </ul>			<p>Coloca por ordem crescente e decrescente;</p> <p>-Compara corretamente os números;</p> <p>-Reconhece os números de 1 a 9;</p>

	<p>Uma outra variante da atividade, será retirar dois cartões com expressões. Importa salientar que ao longo da atividade, os alunos que se encontram sentados no lugar, devem copiar as frases matemáticas para os seus cadernos.</p> <p>A professora explica ao aluno que deve comparar os dois números utilizando a sinalética adequada: <math>&lt;</math>, <math>&gt;</math> ou <math>=</math>. Este procedimento deve ser feito com vários alunos.</p> <p>Terminada esta exploração a estagiária apresenta aos alunos cartões com vários números, de modo que cada criança possa aleatoriamente colocar os números por ordem crescente/decrescente. Para isso deverão coloca-los no quadro branco, onde se encontra previamente preparado o seguinte esquema:</p> <p style="text-align: center;"> <math>\_\_ &lt; \_\_ &lt; \_\_ &lt; \_\_ &lt; \_\_ &lt; \_\_ &lt; \_\_ &lt; \_\_</math>  <math>\_\_ &gt; \_\_ &gt; \_\_ &gt; \_\_ &gt; \_\_ &gt; \_\_ &gt; \_\_ &gt; \_\_</math> </p> <p>Todos os alunos deverão registar no seu caderno diário.</p>			
	<p>-Coordenação óculo manual;</p>	<p style="text-align: center;"><b>12h30-14h – Almoço</b></p> <p>Após a hora de almoço, a estagiária reúne as crianças e encaminha-as para o polivalente onde decorrerá uma sessão de motricidade. Para dar início a esta</p>		-Cumpre o solicitado



	destrezas com o arco;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Controlar o arco com as mãos em diferentes direções, mantendo-o próximo do seu corpo;</li> <li>• Deslocar-se de diferentes modos ao redor do arco (em pontas pés, correr, andar para trás, passo lateral, saltar com um pé entre outros);</li> </ul> <p>Por fim, as crianças devem sentar-se diante da professora estagiária, onde deverão ouvir as instruções dadas de modo a retomarem à calma.</p> <p>Terminada a sessão de expressão físico motora, a estagiária começa uma sessão de expressão dramática. Começando por pedir aos alunos que a sigam, de modo que seja feito o jogo da imitação. Para isso, as crianças sentam-se no chão de forma aleatória, sendo selecionado pela estagiária um aluno que deve dirigir-se ao centro e mimar uma situação sugerida pela professora. Enquanto o aluno mima a situação sugerida os restantes devem tentar adivinhar. Algumas das ações poderão ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantar de manhã;</li> <li>• Ver televisão;</li> <li>• Fazer de caranguejo;</li> <li>• Comer;</li> </ul>			<p>-Salta num pé;</p> <p>-Salta em diferentes direções;</p> <p>-Reconhece as diferentes direções;</p> <p>-Controla o arco corretamente;</p> <p>-Mima a situação pedida;</p> <p>-Expressa de forma</p>
--	-----------------------	--	--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogar futebol</li> <li>• Fazer natação</li> </ul> <p>Por fim, as crianças deverão imitar situações ocorridas ao longo da história abordada esta semana, para que os seu colegas adivinhem a que momento se refere.</p>			coerente a sensação pretendida.
--	--	---	--	--	---------------------------------



## **Anexo 2- Pedido de autorização aos encarregados de educação para a participação dos seus educandos no estudo**

Estimado(a) encarregado(a) de educação

No âmbito do curso de mestrado em Educação Pré-escolar e 1º ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e da realização do estágio que efetuo com a cooperação da professora, junto do grupo de alunos em que o seu educando se encontra, pretendo realizar uma investigação centrada na área de meio social.

Para a concretização da investigação será necessário proceder à recolha de dados, nomeadamente, registos fotográficos, áudios e de vídeo das atividades propostas no estudo. Saliento que todos os registos são de cariz confidencial e utilizados exclusivamente para o estudo acima referido. Todos os dados serão codificados, garantindo o anonimato aquando a sua publicação.

Solicito a sua autorização, de modo que o seu educando possa participar na investigação, consentindo a recolha de dados acima mencionada. Estarei disponível para qualquer esclarecimento adicional.

Viana do Castelo,

A mestranda

---

(Mariana Jaco Torres)

---

Eu, \_\_\_\_\_, Encarregado(a) de Educação do(a) \_\_\_\_\_ declaro que autorizo a participação do meu educando no estudo acima referido e a recolha de dados necessária.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Observações:

---

---

---





### Anexo 3 – Questionário aos Encarregados de Educação

No âmbito de um dos trabalhos de investigação realizados na turma do seu educando, pede-se a colaboração das famílias na resposta às seguintes questões:

1. Tem ou já teve algum contacto com o folclore?

Sim

☐

Não

☐

- 1.1. Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa indique qual é/foi esse contacto.

---

2. O folclore simboliza a cultura popular e apresenta grande importância na identidade de um povo.

De que modo considera que o folclore poderá contribuir para a atribuição de valores e enriquecimento cultural das crianças?

---

---

---

Obrigada pela colaboração.

Mariana Torres



#### **Anexo 4- Entrevista ao mentor do projeto**

Há quantos anos está ligado ao folclore?

Como surgiu o seu gosto por esta tradição?

A Escola de Folclore desta freguesia surgiu há quantos anos? Como foi a sua evolução?

Qual foi o principal objetivo com a criação deste grupo?

Como tem sido adesão ao grupo? O que acha que levou ao decréscimo/aumento de crianças a participarem?

Relativamente ao projeto que existe com este centro escolar, como surgiu?

Sempre foi o Senhor a proceder ao ensino da dança neste projeto?

Julga que este projeto é uma mais valia para as crianças? Quais as melhorias que o mesmo poderá trazer a cada aluno?

Qual acha que é o verdadeiro contributo do folclore para as crianças de hoje em dia? Que valores/ideais acha que as crianças desenvolvem?

Refletindo sobre a verdadeira essência desta tradição, quais consideram ser os principais contributos que se estão a perder ao longo dos tempos?

O que que nos pode transmitir o folclore para lá das danças e das músicas?



## **Anexo 5 – Guião da Entrevista final aos alunos**

- 1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o folclore?
- 2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste? Porquê?
- 3- O que aprendeste de novo sobre o folclore?
- 4- Porque achas que o folclore é importante?



## **Anexo 6- Transcrição da entrevista ao mentor do projeto**

### **1. Há quantos anos está ligado ao folclore?**

Estou ligado ao folclore desde o ano de 1955.

### **2. Como surgiu o seu gosto por esta tradição?**

Desde muito cedo que vivo ligado a este mundo. Os meus pais e familiares mais próximos, tios, primos...sempre tiveram um grande gosto pelo folclore e tudo o que são tradições populares. Por isso, eu também sempre gostei de ensinar aquilo que sei e fazer com que isto não se perca.

### **3. A Escola de Folclore desta freguesia surgiu há quantos anos? Como foi a sua evolução?**

A escola de folclore desta freguesia surge precisamente ligada a este projeto com as escolas da freguesia. Acontecia que no final do ano letivo tanto eu como os pais ficávamos entristecidos, porque não havia continuidade nenhuma deste projeto, e sobretudo os alunos chegavam ao 4º ano e nunca mais tinham contacto com o folclore, era esse o meu maior desgosto não ver aproveitamento nenhum deles. Foi no ano 2001, houveram uns pais que no fim do ano letivo na despedida, me perguntaram “O Senhor está disposto a continuar com o folclore? Nós resolvemos criar uma Escola de Folclore!”. Quase que desmaiei com aquelas palavras, abençoada a hora, era eu o ensaiador artístico e os pais ajudavam em tudo. Formou-se uma direção para tratar de toda a parte logística. Esta escola mantém-se até aos dias de hoje, agora já viajamos muito e mostramos pelo país e pelo mundo esta arte.

### **4. Como tem sido adesão ao grupo? O que acha que levou ao decréscimo/aumento de crianças a participarem?**

O aparecimento de crianças para pertencer à Escola tem sido constante, muito porque os pais gostam desta tradição e levam os filhos aprender. Outros sou eu que convido a entrarem para a Escola de Folclore, porque quando venho às sessões aqui no Centro Escolar vejo muito potencial em algumas crianças e então convido-as.

**5. Relativamente ao projeto que existe com este centro escolar, como surgiu?**

Foi no ano de 1990 que me vieram pedir a ver se eu ia ensaiar alunos de uma escola primária desta mesma freguesia, antes haviam duas escolas. Na altura devido a uma “lei” qualquer que lançaram na escola, começou a existir uma disciplina chama - trabalhos de área escola. Numa reunião de pais os professores informaram este acontecimento, demonstrando o interesse que tinham em trabalhar com as crianças os usos e costumes da freguesia, foi então que uma mãe sugeriu: “Porque não o folclore?”. E isto foi muito bem aceite por todos, mas colocou-se um impedimento, quem iria ensinar e ensaiar? Foi então que alguns pais se lembraram de mim e me propuseram este projeto. Comecei então a ir à escola uma vez por semana onde ensaiava todas as turmas ao mesmo tempo, pois não eram muitos alunos. Inicialmente custou-me porque lidar com miúdos pequenos não é igual aos graúdos. Este projeto era apresentado todos os anos na festa de final do ano aos pais, que adoravam ver os seus filhos lidar com esta tradição.

Na altura nesta freguesia haviam duas escolas, a diretora da outra escola mostrou-se triste por lá não haver este projeto, foi então que me foi feito um convite para ensinar nesta escola, por motivos pessoais aceitei e comecei a trabalhar nesta em 1994 até agora.

**6. Sempre foi o Senhor a proceder ao ensino da dança neste projeto?**

Sim, desde que começou que sempre fui eu a ensaiar e quando deixar de ser certamente este projeto desaparece.

**7. Julga que este projeto é uma mais valia para as crianças? Quais as melhorias que o mesmo poderá trazer a cada aluno?**

É muito bom que as crianças não percam o contacto com isto, eu gostava muito que isto durasse muitos anos. Acho que as crianças aprendem muito comigo e sinto que se tornam crianças mais felizes e conscientes de tudo que as rodeia. As primeiras crianças que ensaiem e que hoje já são adultos, agradecem-me muitas vezes tudo aquilo que lhes transmiti.



**8. Qual acha que é o verdadeiro contributo do folclore para as crianças de hoje em dia?  
Que valores/ideais acha que as crianças desenvolvem?**

As crianças têm tanto para aprender com o folclore. Desde logo deve-se dançar e trajar com todo o rigor e por isso traz-lhes disciplina, a saber ter a postura correta.

**9. Mas para além desses aspetos formais ligados à dança e trajes, que mais lhes traz?**

Olha, como se dança em par ou em roda são obrigadas a respeitar os outros e partilhar com eles o mesmo espaço e isto deixa-os mais atentos. Depois o simples facto de terem a oportunidade de saber reconhecer o modo como viviam as pessoas antigamente, o que vestiam, comiam, como passavam os dias os trabalhos que tinham. E o simples facto de saberem o modo como vivíamos antigamente, acho que tem muito valor.

**10. Refletindo sobre a verdadeira essência desta tradição, quais consideram ser os principais contributos que se estão a perder ao longo dos tempos?**

Eu nem gosto de falar disso, porque sinto uma grande tristeza. A coisa pior que pode haver é sentir que tudo isto se está a perder. As pessoas começam a olhar para o folclore e tudo que ele envolve, apenas para comercialização de produtos, que ainda por cima vemos tantos tão mal feitos. Nas festas e romarias vê-se muitas pessoas mal trajadas e isso custa-me muito, porque sinto que não estão a dignificar isto.

**11. Mas o que acha que se está a perder mais?**

O respeito e amor pelas nossas origens. O folclore existe para darmos reconhecimento aos usos e costumes, para sabermos imortalizar o passado, através da partilha de vivências e memórias. Eu gostava de ter tempo para ensinar mais a estas crianças sobre o folclore, mas, o tempo que me dão não permite e os professores não podem perder muito tempo nestas coisas. Já é ótimo que pelos menos saibam a cultura que há nas nossas músicas e danças.



## Anexo 7 – Desenhos dos alunos



Figura 17: Desenho do aluno A



Figura 16: Desenho do aluno AI



Figura 15: Desenho do aluno MG



Figura 20: Desenho da aluna MV

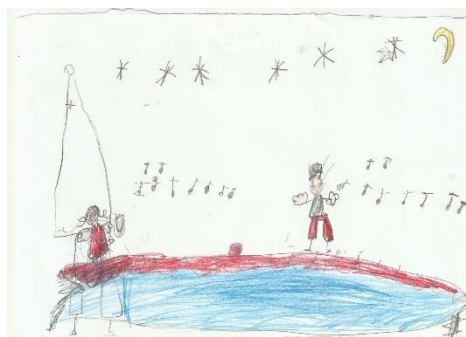


Figura 19: Desenho da aluna B



Figura 18: Desenho da aluna D



Figura 23: Desenho da aluna M



Figura 22: Desenho da aluna LC



Figura 21: Desenho da aluna L

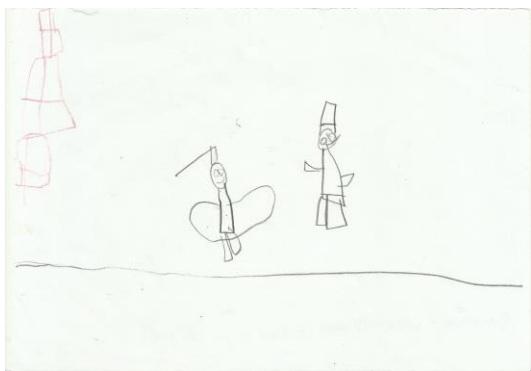


Figura 25: Desenho do aluno E



Figura 24: Desenho do aluno G

## **Anexo 8 – Relatos das entrevistas finais aos alunos**

### **Relato do aluno A**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Adorei Mariana.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Atividades? Já não me lembro muito bem...

**3- Então uma vez estivemos a falar do que vocês sabiam sobre o folclore, também trouxe os trajes...**

Ahhh!! Já sei! Gostei daquela no outro dia, que cantamos e inventamos uma nova letra.

**4- Porquê?**

Porque eu ando na academia de música e gosto de música. Foi divertido inventar uma letra.

**5- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Hum...foi muitas coisas, mas agora aprendi mais dos trajes e para o que serviam, eu não sabia isso.

**6- Porque achas que o Folclore é importante?**

Porque assim sei mais coisas que não sabia, e posso partilhar com outras pessoas.

### **Relato do aluno AM**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Sim, gostei.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Gostei dos dias em que desenhamos

**3- Porquê?**

Porque eu gosto mais de desenhar.

**4- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Gostei de aprender mais sobre as coisas que as pessoas faziam antes.

**5- Que coisas?**

Quando falaste das vindimas e assim, essas coisas que as pessoas faziam e agora já não fazem muitas vezes. Acho que era divertido.

**6- Porque achas que o Folclore é importante?**

Antes eu não sabia nada sobre isto, agora já sei muitas coisas que falaste e assim já sei como era a vida das pessoas, o que faziam, vestiam...ah e as músicas que cantavam.

#### **Relato do aluno A1**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Sim.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Foi quando desenhamos sobre o folclore. Pode ser isso?

**3- Pode, mas porquê?**

Porque eu gosto muito de desenhar e pintar. E como havia muita cor nas roupas posso pintar muito.

**4- E porque dizes que havia muita cor nas roupas?**

Porque vi quando trouxeste as roupas e também já vi nas festas.

**5- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Gostei de ver as roupas diferentes, quando usavam e assim. Agora nas festas já vou saber.

**6- Vais saber o que?**

Se são pessoas do campo, do casamento...

**7- Porque achas que o Folclore é importante?**

Acho que é importante para sabermos como as pessoas eram felizes.

**8- Achas que eram mais felizes?**

Se calhar...faziam mais coisas, as roupas eram mais coloridas e as músicas alegres.

#### **Relato do aluno B**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Gostei professora.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Adorei ver aquelas roupas todas bonitas, quando tu as trouxeste foi quando gostei mais.

**3- Porquê?**

Porque gosto de saias e as meninas andavam sempre assim. Eu pensei que as pessoas de antes usavam sempre uma roupa muito parecida. Mas afinal até era colorida! E gostei que contasses as histórias de antes.

**4- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Aprendi muitas mais coisas. Mas gostei muito de ver que antes não era como agora.

**5- Então como era?**

Acho que as pessoas faziam mais coisas, no campo e assim. E também cantavam e dançavam mais músicas que hoje.

**6- Porque achas que o Folclore é importante?**

Não sei bem..., mas assim já sei mais coisas e é bom saber mais coisas, não é?

**Relato do aluno D**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Gostei, mas já sabia algumas coisas porque eu andei no rancho.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Aquela das músicas. Foi muito divertido. Gostei de tentar adivinhar o que a senhora dizia. Mas a minha parte preferida foi inventarmos uma música nova...

**3- Uma letra...**

Sim, letra. Eu gostava de cantarmos para os pais, eu já cantei em casa à minha mãe.

**4- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Os trajes, as músicas, tudo...ainda vais ensinar mais não vais?

**5- Não, agora a Professora está quase a ir embora, já não vou ter mais tempo. Mas gostavas de aprender mais coisas porquê? Achas que o Folclore é importante?**

Gostava porque é divertido, as coisas são diferentes do agora e do antes. E é giro ver o que não é igual.

**Relato do aluno E**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Gostei muito.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Aquela em que trouxeste as roupas...os trajes! Foi fixe! Porque só tinha visto nas festas, nunca tinha tocado num traje.

**3- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Gostei de quando conversávamos das coisas, lembraste quando expliquei aos outros o meu desenho da senhora a cortar erva?

**4- Lembro muito bem...**

Eu gostei disso, porque eu sei coisas de antes...o que faziam durante o dia e assim.

**5- E porque achas que isso é importante?**

Para respeitarmos o trabalho dos outros!

**6- O trabalho? Qual trabalho achas que devemos respeitar?**

O trabalho que tinham para ter comida e assim...outras coisas. Agora é um bocado igual, por isso é que o meu pai foi para França e não está em casa.

**Relato do aluno F**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Sim, eu gostei. Aprendi tantas coisas.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Foi dos trajes.

**3- Porquê?**

Porque agora já aprendi mais sobre os trajes, eu só sabia um bocadinho. Agora também sei que temos que guardá-los bem.

**4- Guardá-los bem? Porquê?**

Porque são coisas do passado e valem muito, porque agora já ninguém se veste com aquilo, só às vezes nas festas.

**5- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Gostei de tudo professora, não sabia que havia coisas tão bonitas e importantes.

**6- E porque achas que é importante?**

Para respeitarmos o que já passou.

**7- E porque achas que devemos respeitar o que passou?**

Porque foi importante para outras pessoas. E se eu não soubesse nada disto, não sabia como eram antes as coisas.

**Relato do aluno G**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Sim, eu já sabia algumas coisas porque o meu avô toca concertina.

**2- Muito bem! Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**



Foi a da música claro. Porque o meu avô toca e eu também gostava de ir para o rancho e agora já sei uma música...duas porque nós inventamos uma.

**3- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Perceber que as músicas podem dizer coisas importantes e giras. São de há muito tempo, mas giras.

**4- E porque achas que é importante o folclore?**

Porque é o que as pessoas faziam antes.

**Relato da aluna J**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Claro, como eu ando no grupo folclórico dos meus pais adoro falar disto.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Foi dos trajes. Gostei de dizer aos meus amigos as coisas que já sabia sobre as partes da roupa. Eles aprenderam comigo.

**3- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Algumas coisas que não sabia sobre o que faziam dantes.

**4- E porque achas que é importante o Folclore?**

Para mostrarmos aos outros como era antigamente as coisas. Eu gosto de saber como era. E assim também passo mais tempo com os meus pais nos ensaios. E com as minhas amigas que também andam.

**Relato da aluna L**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Sim.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Da parte da música. Foi engraçado e divertido cantarmos aqui.

**3- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Gostei quando tu e a J (aluna) explicaram coisas dos trajes.

**4- E porque achas que é importante o folclore?**

Assim eu sei coisas do passado que não sabia.

#### **Relato da aluna LC**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Eu adoro o folclore, porque ando com o meu irmão no rancho

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Dos trajes, claro.

**3- Porquê?**

Porque é o que mais gosto. E gostei de aprender para que serviam e quando é que se vestiam e percebi que alguns não são iguais aos do meu rancho porque tu não vives aqui e por isso são um bocadinho diferentes.

**4- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Foi isso dos trajes...

**5- E porque achas que é importante o folclore?**

A minha mãe costuma dizer que assim eu fico a saber mais coisas do antigo e aprendo como era.

#### **Relato da aluna M**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Sim eu gostei.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Quando tu pedias para desenharmos coisas sobre o folclore.

**3- Porquê?**

Porque gosto de desenhar e assim depois tu escreves o que eu desenhei.

**4- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Oh, foi tudo...as roupas, a música...gostava que tivéssemos dançado e cantado a nossa música.

**5- E porque achas que é importante o folclore?**

Não sei...é porque assim ficamos a saber mais coisas.

#### **Relato da aluna MV**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Não (começa a rir)...estou a brincar professora gostei muito.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

A música, claro.

**3- Porquê?**

Foi a minha aula preferida porque agora estou sempre atenta a tentar perceber o que dizem nas músicas. Mas às vezes é difícil gritam muito...

**4- Tens razão, normalmente cantam alto...**

Mas o meu irmão consegue perceber melhor que eu.

**5- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Que é muito importante para darmos valor ao que era antes.

**6- E porque achas que é importante o folclore?**

Porque isto ensina-nos muitas coisas

**Relato da aluna MC**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Até gostei.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Quando tu vestiste a roupa. Foi muito engraçado e assim percebi melhor.

**3- Percebeste melhor o quê?**

Porque eu não sabia que havia tantos trajes diferentes e gostei que tu os trouxesses para nós. Gostei do preto das noivas.

**4- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Foi isto dos trajes, nem sabia que havia tanta roupa.

**5- E porque achas que é importante o folclore?**

Assim percebemos melhor como era antes de nascermos.

**Relato do aluno MG**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Não.

**2- Porquê?**

Porque não.

**3- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

De nenhuma.

**4- Porquê?**

Porque não gostei de nada.

**5- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Nada.

**6- Então achas que não aprendeste nada? Os trajes, a música?**

Não, não sei nada.

**Relato do aluno R**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Gostei muito.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Foi os trajes, saber como se vestiam. Para onde iam com a roupa. Gostei da algibeira.

**3- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Gostei de tudo que ensinaste. E também gostei que os meus amigos contassem o que sabem. Aprendi muito

**4- E porque achas que é importante o folclore?**

Porque é importante sabermos as coisas do outro tempo e ouvirmos os nossos avôs...as pessoas mais velhas, porque elas contam muitas coisas. O meu avô conta.

**Relato do aluno T**

**1- Gostaste de aprender e descobrir mais aspetos sobre o Folclore?**

Sim, gostei.

**2- Das diferentes atividades que fizemos na sala, qual foi a que mais gostaste?**

Os trajes porque nem sabia que eram tantos. E só via nas festas.

**3- O que gostaste de aprender de novo sobre o Folclore?**

Gostei de aprender tudo que faziam antigamente, principalmente as atividades do campo, na minha família não se faz muito isso. E assim também posso ensinar a minha irmã.

**4- Ensinar a tua irmã como?**

Porque acho que ela também não sabe muitas coisas e como eu já aprendi, ensino-lhe estas coisas importantes.

**5- E porque achas que é importante o folclore?**

Porque assim damos valor às coisas de antes e podemos ensinar as outras pessoas que é muito importante cuidar...ou guardar estas coisas.